Carioca


BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

CR$ 4,00
N.º 977
26-6-1954

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

Virginia Mayo, estrela do cinema americano



Torne-se hoje mais linda
...adotando a vitalizante

"Massagem de Beleza"

com a ação medicinal do **Leite de Colonia**

Como evitar a formação de sardas, manchas, espinhas e mesmo outras erupções da pele que tanto enfeiam o rosto feminino? Isto é fácil para quem já conhece a vitalizante "massagem de beleza" com a ação medicinal do Leite de Colonia. Com êsse simples, mas notável tratamento de beleza, os tecidos da pele ficam rejuvenescidos... e você, ao invés de ocultar sua beleza com o "maquillage" excessivo, terá prazer em mostrá-la em todo o seu viço... em todo o seu frescor juvenil! Sua beleza não pode mais esperar... comece o quanto antes a tratar sua pele com o Leite de Colonia!



1 *Diàriamente, antes de deitar-se, lave o rosto com bastante água. Não o enxugue.*



2 *Em seguida, após agitar o vidro, embeba um pouco de algodão com Leite de Colonia e passe-o no rosto bem molhado, em movimentos circulares de baixo para cima.*

INSISTA COM Leite de Colonia

— *preparado pelo médico Dr. Arthur Studart*



Charles A. Ullmann Prop.

1.105

OS CAMINHOS DA VIDA

WENCESLAU ROSA

NUM determinado instante de nossa vida, em qualquer parte do mundo, fomos levados a escolher entre dois caminhos. Seguimos pela esquerda e nossa vida desenrolou-se a contento das circunstâncias. Boa ou má, ela dependeu de vários fatôres, alguns plenamente deliberados por nossa vontade, outros deliberados pela inflexibilidade do determinismo.

Caminhamos pela direita, e a existência foi essa que tão bem conhecemos. Mas que teria acontecido se seguíssemos pela esquerda?

No âmbito da vida moral, os acontecimentos seriam necessàriamente outros. Uma simples circunstância teria nos levado a aceitar o destino sob ângulos completamente diversos. A escolha da profissão processar-se-ia de outro modo: ao invés de comerciantes seríamos pintores; ao invés da pintura, escolheríamos a música. Nossa mentalidade poderia formar-se numa base de virtude tão elevada, que só nos sentiríamos bem num hábito de sacerdote. Seríamos médicos, se nosso espírito fôsse propenso à ciência; seríamos advogados, se tivéssemos o senso inato do direito, e engenheiros, se admirássemos a grandeza da mecânica e a complexidade da matemática.

Viajando em tôrno do mundo moral, chegaria o instante em que deveríamos escolher a nossa companheira de jornada. De onde viria ela? Nórdica, de olhos glaucos, ou trigueira, de ademanes sensuais? Talvez judia, como Salomé, ou cigana, como Esmeralda? Alma egressa de um mundo longínquo, antes de conhecê-la sentiríamos o seu perfume, ouviríamos a sua voz. Seu perfil seria plasmado segundo o nosso senso estético e sentimental. Confiaríamos na fôrça do afeto, criaríamos um mundo de sonho e de beleza. De onde viria essa mulher? Nós o ignorávamos, embora certos de que um dia ela apareceria à frente de nossos olhos.

O sonho, agora, transforma-se em realidade. Nossa união marcou o fim de uma longa expectativa; contudo, julgamos que nos falta alguma coisa. Seria realmente a mulher que havíamos esperado?

Se não fôsse esta, qual seria a outra? E que teria acontecido em nossa vida se, ao invés da primeira, nos uníssemos à segunda?

Pensando na mulher que deveria vir, Theophilo Gautier assim se expressava em um de seus livros:

"Tenho muita vez imaginado o lugar que ela habita, as roupas que usa, os anelos e os cabelos que tem. Ouço-lhe a voz; reconhecer-lhe-ia o andar no meio de outras mil, e, se por acaso alguém lhe pronunciasse o nome, voltar-me-ia; é impossível que não tenha um dos cinco ou seis nomes que lhe tenho dado em minha mente. Há de ser à tarde que nos havemos de encontrar pela primeira vez, por um formoso pôr do sol; o céu terá êsses tons alaranjados amarelo-claro e verde desmaiado que vemos em alguns quadros dos grandes mestres de outrora; haverá uma grande alameda de castanheiros floridos ou de olmeiros seculares cobertos de pombos bravos, formosas árvores com um verde fresco e carregado, sombras cheias de mistério e de opacidade".

Na encruzilhada dos caminhos, Deus aponta a direção que devemos tomar. Avançamos para a direita ou para a esquerda; podemos encontrar a felicidade logo adiante, ou então a cruz que devemos conduzir através de uma estrada cheia de pedras. Somos, então, o joguete das fôrças sobrenaturais — cria-se o nosso paraíso ou o nosso inferno. Seremos santos, ou talvez bandidos.

E assim, num determinado instante da nossa vida, em qualquer parte do mundo, inicia-se a nossa trajetória. Se erramos na escolha dos caminhos, a culpa não é nossa.



Amigo dos seus colegas, aqui está Cauby ao lado de João Dias.



Ivon Curi faz-se de maestro e ensaia um número de Cauby, na Nacional.



CA... A VOZ

Com três meses de atuação, é hoje um dos mais populares intérpretes da música popular — Sua voz foi segurada em três milhões de cruzeiros — Ligeiro "bate-papo" com o jovem canto[r].

Reportagem de
FERNANDO LOPES
Fotos de
EUCLIDES PEREIRA

O rádio brasileiro sempre nos dá surpresas as mais agradáveis. De vez em quando aparecem novos valores, artistas de méritos incontestáveis, homens que enriquecem o patrimônio artistico do sem fio brasileiro, hoje em pleno amadurecimento. O Rio, nos deu de presente a voz bonita de um garotão alto e magro, parecendo mais um ponto de exclamação,



Cercado de colegas e amigos, entre os quais Reinaldo Dias Leme, o maestro Vareto, Jairo Argileo e Ivan Faria.

Uma pôse especial de Cauby Peixoto para os seus admiradores de CARIOCA.

UBY PEIXOTO QUE VALE MILHÕES

com um sorriso franco se perdendo no canto da boca e uma palavra de incentivo aos seus amigos, que são todos aqueles que o conhecem e privam de sua amizade. O seu nome, hoje um nome dos mais populares, é Cauby Peixoto, que apesar de bem moço, na idade e na vida artística, é indiscutivelmente, uma legtima reafirmação de que o rádio tem sempre lugar para os bons elementos, em qualquer setor.

Com apenas três anos de vida profissional, depois de cantar em "boites" e emissoras de São Paulo e do Rio, o novo intérprete de todos os ritmos apresenta-se ao público fazendo com que todos aqueles que o ouvem acreditem na renovação de valores.

As suas audições diárias, impregnadas de bom gôsto, são o maior atestado do quanto a sua carreira se pronuncia das mais vitoriosas. Dono de grande voz e de uma interpretação personalissima, Cauby Peixoto, o garotão do rádio brasileiro, desfruta, hoje, de um prestigio que poderá ser fàcilmente constatado quando assistimos as suas apresentações em público, não só nos auditórios da Nacional e Mayrink Veiga, como também em espetáculos públicos para os quais é constantemente solicitado.

Há poucos dias tivemos a oportunidade de conversar longamente com o novo astro que está brilhando na constelação radiofônica do Distrito Federal. Entre um ensaio e um bate-papo, Cauby, com a simplicidade de menino bom, teve palavras de agradecimento a todos os seus admiradores que o têm incentivado no início de sua carreira, com a bondade do aplauso e o incentivo das cartas que lhe chegam de todos os pontos do país, como a mais indiscutível prova do quanto

(Conclui na página 60)



LAMIEL, A MULHER QUE PROCURAVA O AMOR

HEITOR MONIZ

A figura de Lamiel ficou sempre em meu espírito desde que li pela primeira vez o famoso romance inacabado de Stendhal.

O que há de mais notável em Lamiel não é bem o seu cinismo. Êsse decorre dela própria, da formação mesma de sua personalidade e não chega a ser uma arma que Lamiel manejasse conscientemente. O que a caracteriza sobretudo é a ânsia de liberdade. O desejo de ser independente, de só fazer o que entendia e lhe agradava, de não admitir o menor entrave à expansão de sua curiosidade e dos seus sentimntos, isso foi o que a dominou por completo, desde que se rebelou até que concretizou o seu ideal de libertação.

Retirada, aos quatro anos, de uma casa de menores abandonados de Rouen e adotada por uma família burguesa, Lamiel tinha entrada, pouco depois, no maior castelo das redondezas de Carville, que era o da Duqueza de Miossens. Teve aberto, assim, diante de si, o caminho da burguesia rica e da nobresa abastada. Mais algum tempo e ter-se-ia tornado espôsa do filho da Sra. de Miossens, seria duquesa, um dia, e herdaria as propriedades tôdas da família. Entretanto Lamiel abandonou desdenhosamente tôda essa existência fácil e faustosa, que poderia ser a sua, e preferiu ser "a filha do diabo", como a chamavam na aldeia, e só se guiar pelos seus impulsos e arrebatamentos. Lamiel era porém, sobretudo, a mulher que procurava o amor. Procurou-o a vida inteira. Pelo amor, de que tanto ouvia falar, almejava chegar à felicidade. E êsse foi o seu drama.

O interêsse em saber o que era o amor manifestou-se nela desde muito cedo. Por isso, no castelo de Miossens, enchia de perguntas ao bom abade Clément, que se via em terríveis dificuldades para escapar às suas interpelações perigosas.

— Minha filha, respondia-lhe o cura, o meu ministério me proibe terminantemente de responder às questões que me apresenta a respeito do amor.

Era uma saida, está claro, que não poderia satisfazê-la. E ela voltava a carga:

— Que é seduzir, Sr. Cura?

O abade Clement suava frio.

— É, da parte de um homem, falar muito frequentemente e com interêsse a uma jovem.

Lamiel pensou um instante e redarguiu fulminante:

— Por exemplo, será que o senhor me seduz?

As linhas do seu destino estavam traçadas. Ninguem, nem fôrça alguma, poderiam impedi-la de a procurar, por seus próprios meios, uma resposta convincente às indagações que procediam do mais íntimo de seu ser.

A primeira aventura de Lamiel ocorreu com um camarada rústico da aldeia, um rapaz louro, de vinte anos, chamado Jean Berville. Não houve entre êles nenhuma espécie de namôro, nenhuma conversa preliminar, nenhuma aproximação sentimental. Um dia de festa, após o jantar, Lamiel chegou junto a Berville e disse à queira roupa, em tom imperativo, como quem transmite uma ordem:

— Os outros, agora, vão dançar. Saia sozinho e vá me esperar no cruzamento dos caminhos, a um quarto de légua da cidade, junto à grande Cruz. Irei encontrá-lo dentro de quinze minutos.

Quando Lamiel chegou, foi logo dizendo:

— Leve-me para passear no bosque.

E lembrou-se, instintivamente, de que isso era o que mais o Cura proibia às moças de Carville.

Entraram os dois pela mataria a dentro em silêncio. De repente a moça parou e disse a Jean:

— Beija-me e aperta-me em teus braços.

O rapaz ficou muito corado, mas obedeceu. Lamiel não disse mais nada e pediu para voltar. Alguns dias após tornaram a encontrar-se.

— Beija-me! disse ela.

Jean beijou-a e ficou esperando. Não tomou a menor iniciativa. Não houve a mínima conversa entre os dois. Nem uma frase, nem uma palavra de amor. Simplesmente disse Laniel:

— Eu quero ser sua pequena.

E foi. Chamou, depois, Jean Berville, deu-lhe cinco francos, mandou-o embora, e se pôs a pensar:

— Como! O famoso amor não é senão isso?!

Lamiel estava iniciada. Vai começar, então, a sua carreira de aventuras. O futuro Duque de Miossens, vindo visitar a mãe, no Castelo, conheceu a moça e apaixonou-se por ela. Lamiel começou a experimentá-lo com os seus caprichos e as mais estranhas fantasias. Um dia, não tendo o que inventar, disse ao Duque:

— Vista-se de prêto amanhã para vir me ver.

— Está bem, mas por que isso?

— Um de meus primos acaba de morrer. Êle era vendedor de queijos.

O jovem Miossens pensou que se soubessem disso no Castelo, haveriam de levá-lo ao ridículo, mas atendeu. Vestiu-se de prêto e foi ao encontro. Lamiel recebeu-o muito alegre e repetiu o seu "slogan": "Beija-me". Outra vez ela disse ao Duque: "Beija-me, mas cuidado para que não caia no chão o meu boné de algodão." Tinha sempre uma excentricidade dessa.

Agora a sua idéia era mudar o cenário de suas ações. Carvel tornava-se enfadonha. Lamiel queria viajar, evadir-se, conhecer outros lugares. Propôs, então, ao Duque a fuga dos dois para Rouen. Fugiram. Ela, entretanto, não se sentia feliz. E murmurava:

— Deus me livre dos apaixonados! Amo, acima de tudo, a minha liberdade.

E a uma amiga, que lhe dizia ser a paixão uma coisa deliciosa, Lamiel respondia:

— Pois para mim não existe nada de mais aborrecido. Tôda gente me fala do amor, como a maior das felicidades. Nas comédias não se vêm senão pessoas

(Conclui na página 58)

PARA ONDE VOCÊS VÃO?



E eis aqui um pedido amável de "carona". Para onde vocês vão? Querem nos levar?



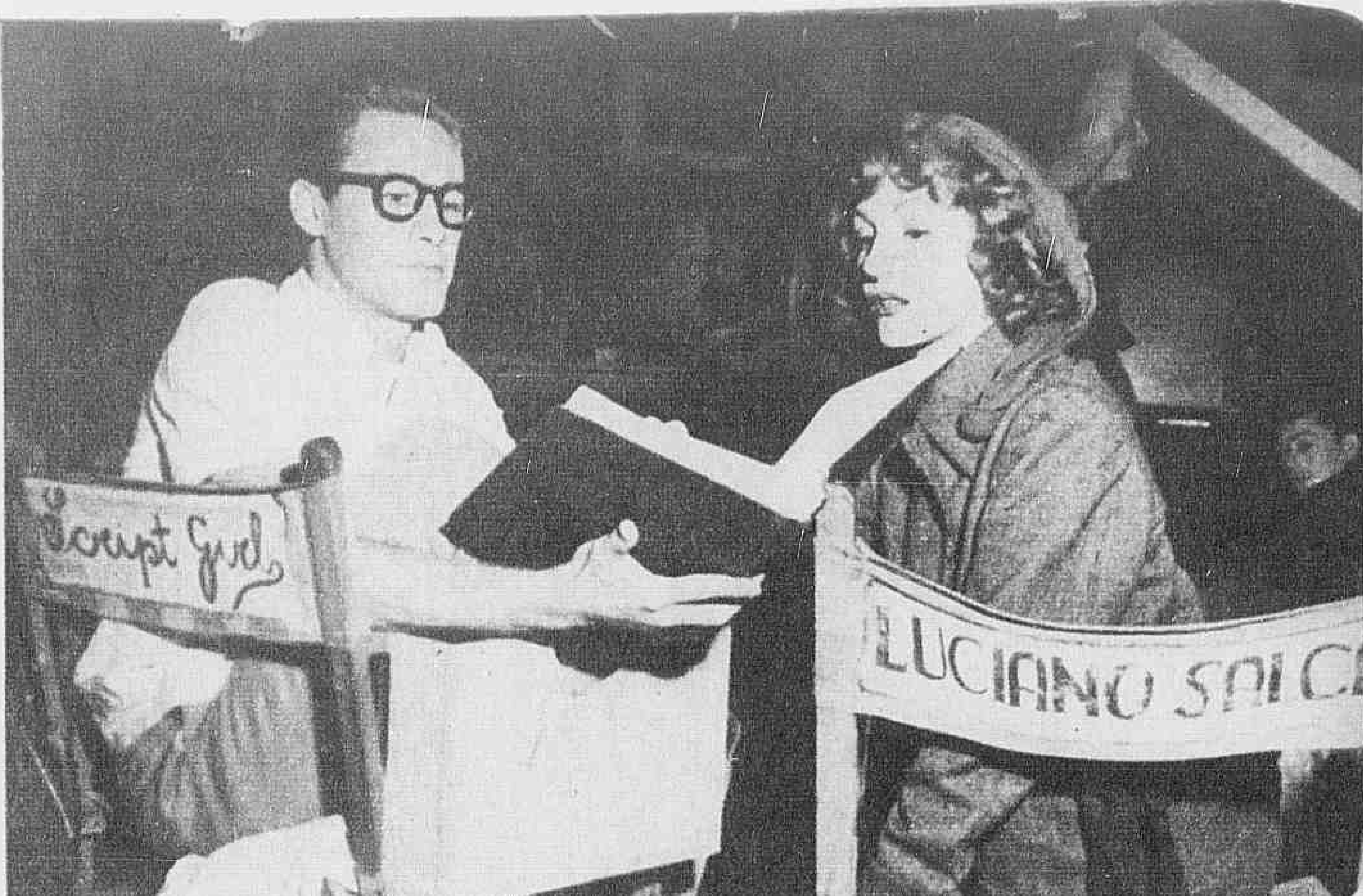
Miro Cerni ao lado da simpática Sílvia Fernanda

de galãs com água de rosas. Dizem que você é um astro. Acompanho a vida cinematográfica e sei o nome de todos os artistas. Mas você surgiu e venceu tão rapidamente que uma amiga minha observou, mas Miro Cerni nem é um "astro". Parece um "cometa"!

UM NOVO MIRO CERNI

Breve, porém, as fãs vão conhecer outro lado da personalidade artística de Miro. Desta vez êle será visto compondo com Jardel Filho, em "Floradas na Serra", o primeiro par de "galãs loiros" já aparecido no cinema nacional. Uma coisa porém não terá mudado: Miro continuará "amando" no filme duas mulheres absorventes: como Dr. Celso, médico de tuberculosos em Campos de Jordão, onde decorre a ação daquela pe-

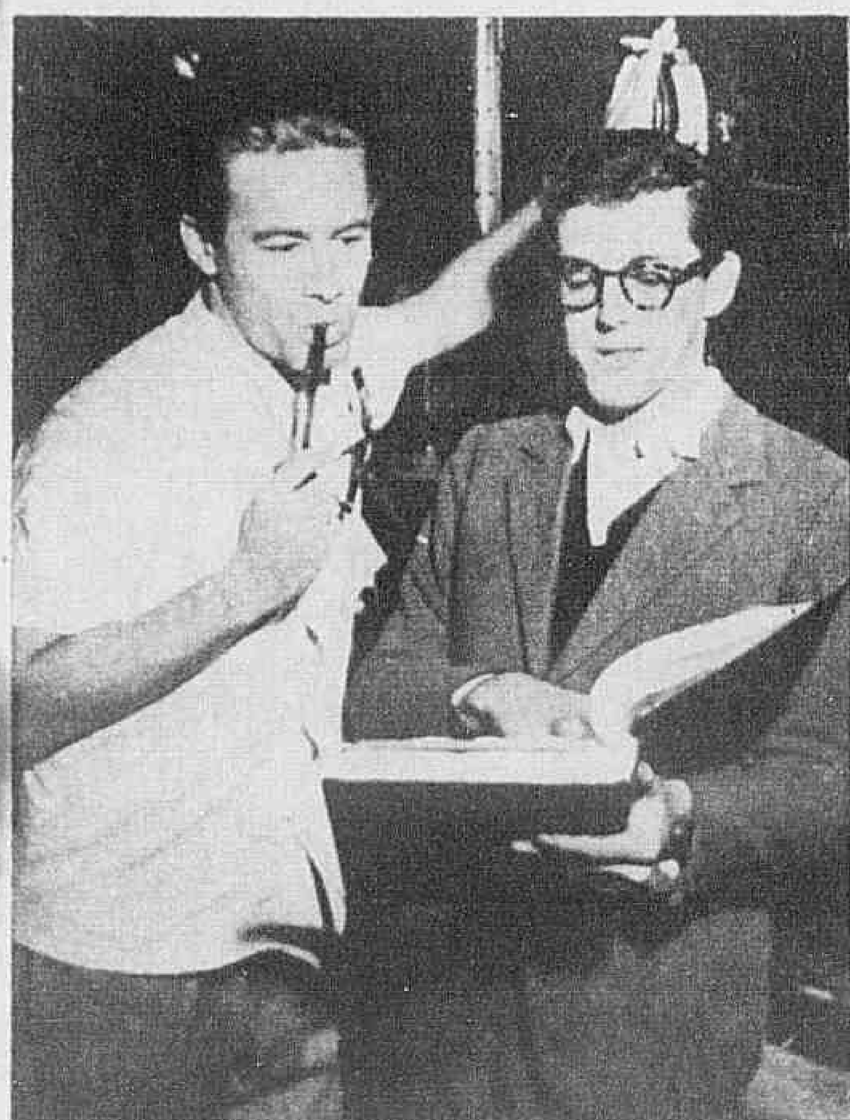
(Conclui na página 56)



Outro flagrante de Miro ao lado de Cacilda, nos estúdios da Vera Cruz durante a filmagem



Fãs do galã em visita ao estúdio. Foi uma bela tarde



O diretor de «Floradas na Serra", Luciano Salce, estuda os diálogos com o galã



Miro Cerni, Luciano Salce, Cacilda Beker e Jardel Filho



Possuindo um guarda-roupa invejável, a elegantíssima Simone dita modas na "Cidade do Rádio"



Agora, uma fotografia diferente para os leitores de CARIOCA.

CLELIA SIMONE PODERÁ SER A YMA SUMAC DO BRASIL

Não quer ser fenômeno vocal — Para que imitar? — Sobretudo, originalidade — Pouca coisa do passado e nada ainda para o futuro — Batatas fritas, prazer da artista...

Reportagem de WALLY B. SAMY — Fotos de UBALDO TERRA

S. PAULO (Da Sucursal) — Como os maiores habituados aos programas de televisão, já havíamos visto várias vêzes a figurinha simpática de Clélia Simone, nas esplêndidas interpretaçõees de músicas internacionais. Músicas francesas e americanas, sobretudo, ela canta como pouca gente. Certa noite, surgiu-nos, entretanto, uma figura diferente: pelo vídeo afora, viamos uma princesa inca, com suas tranças e roupas típicas. E a surprêsa aumentou, quando a princezinha começou a cantar. Yma Sumac? Só podia ser, com aquela voz!... Não fôsse conhecermos uma e outra, e não teríamos individualizado Clélia em sua caracterização e interpretação mais perfeitas: "A Deusa do Deus Sol". Tôdas as modulações daquele fenômeno vocal que é Yma Sumac, eram imitados pela artista brasileira. Seguiu-se, depois, Xtabay, outra música preferida de Sumac. Não resistimos ao desejo de entrar em contacto com a intérprete "diferente" da TV Tupi.



A encantadora Clélia (de Barros Machado) Simone faz suas declarações à reportagem de CARIOCA.

PARA QUE IMITAR?

Dácio Mello Barros é amigo particular de Clélia. Prontificou-se a levar-nos até a residência da cantora. Para lá rumamos em companhia de Ubaldo Terra. Clélia Simone nos recebeu alegremente, sorriso brejeiro, e o "bate-papo" começou.

— Você sabe que ficamos impressionada, com a caracterização em a "Deusa do Deus Sol", razão por que vimos procurá-la?

— Mas não sabe você que só poderei cantar aquelas músicas exporàdicamente?

— Por que?

— Longe de mim, querer ser imitadora. Sou soprano ligeiro, e comprei as



A TV, canal 3, possui em Clélia Simone uma de suas mais altas expressões artisticas

músicas de Sumac apenas porque gosto. Por brincadeira, cantei juntamente com o disco. O maestro Jorge Henry gostou, e não hesitei de apresentar-me cantando tais músicas. Meu professor, Carlos Martini, entretanto, não quer que eu abuse dos agudos. Para conseguir os graves e agudos não tenho dificuldade, porém somente os ensaios prejudicariam os tons intermédios. Absolutamente, não me quero prender a êsse gênero de música, a despeito de gostar muito.

— Mas você poderia ser, então, o mesmo fenômeno vocal, que é Yma Sumac, se quisesse?

— Disse-me Carlos Martini que poderia. Porém, teria que ficar apenas nesse gênero. Não quero. Como já disse, não me agrada, ser imitadora de ninguém. Ter a minha própria personalidade nas interpretações, eis tudo. Para que imitar? A originalidade é que é.

— Quais as cantoras de que você mais gosta?

— Jacjeline François, Nancy Lousan Miranda e Patricia Munssel, respectivamente, francêsa, brasileira e americana.

POUCA COISA DO PASSADO E NADA AINDA PARA O FUTURO

Clélia Simone nasceu em São Paulo, a 7 de outubro de 1930. Com ano e meio, declara-nos sua mãe, a pequenina já cantava cançonetas italianas. Seu gôsto pela música foi se acentuando e, adolescente, estudava no Sacre Coeur de Marie, participando do coral na Capela do Colégio.

— Até hoje, — revela a encantadora Simone — não me capacitei da condição de artista profissional. Não sei explicar como entrei para o rádio e para a TV. Foi uma sucessão de acontecimentos, um desenrolar de fatos, que me impeliram para o rádio, e, mesmo assim, sem intuito de ser profissional, pois o meu sonho era cantar em algum lugar público onde me pudessem ouvir. O rádio e TV eram os lugares propicios. Fiz um teste. Horrível! Não saiu voz. Levaram em conta meu nervosismo e mandaram que eu aparecesse noutro dia. Ingressei no Trio Tupi. Certa vez (já profissional, sem me dar conta disso), comprei um disco de Katryn Grayson. Cantei com ela. Fiz a mesma coisa diante do maestro Jorge Henry. Êle não queria acreditar no que ouvia. Ficou entusiasmado e pediu-me ensaiasse aquela música mesmo, pois iria apresentar-me no "Show" Antártica. Para mim, isso constituia um verdadeiro acontecimento. Outras e maiores possibilidades surgiam naquele momento. Faço parte de todos os "shows" televisionados diretamente da Concha Acústica do Parque D. Pedro II, tenho programa também de TV, rádio, e até no teatro radiofônico já fiz algumas pontinhas.



Os gestos largos revelam sua vivacidade: "Não quero me prender ao gênero de Yma Sumac."

— Diga-me uma coisa. Não foi você que interpretou a freira em a "Santa Bernardette"?

— Foi. Queriam até que eu "fizesse" a própria Bernardette, mas eu não achava que tivesse possibilidades para isso. Com muito custo, prontifiquei-me a "fazer" a freira.

Clélia é romantica por excelência. Adora as noites enluaradas, para ficar horas e horas olhando o céu. A arte em geral exerce grande fascinio sôbre ela.

Quando se fala em boêmia, já nos vêm a idéia, noites indormidas, "boites", "drinks" em bares convidativos, etc. Pois bem. Clélia é boêmia, porém nada disso

(Conclui na página 58)



Clélia poderia, se quisesse, adotar o slogan" de "fenômeno vocal", porque ela o é, realmente.

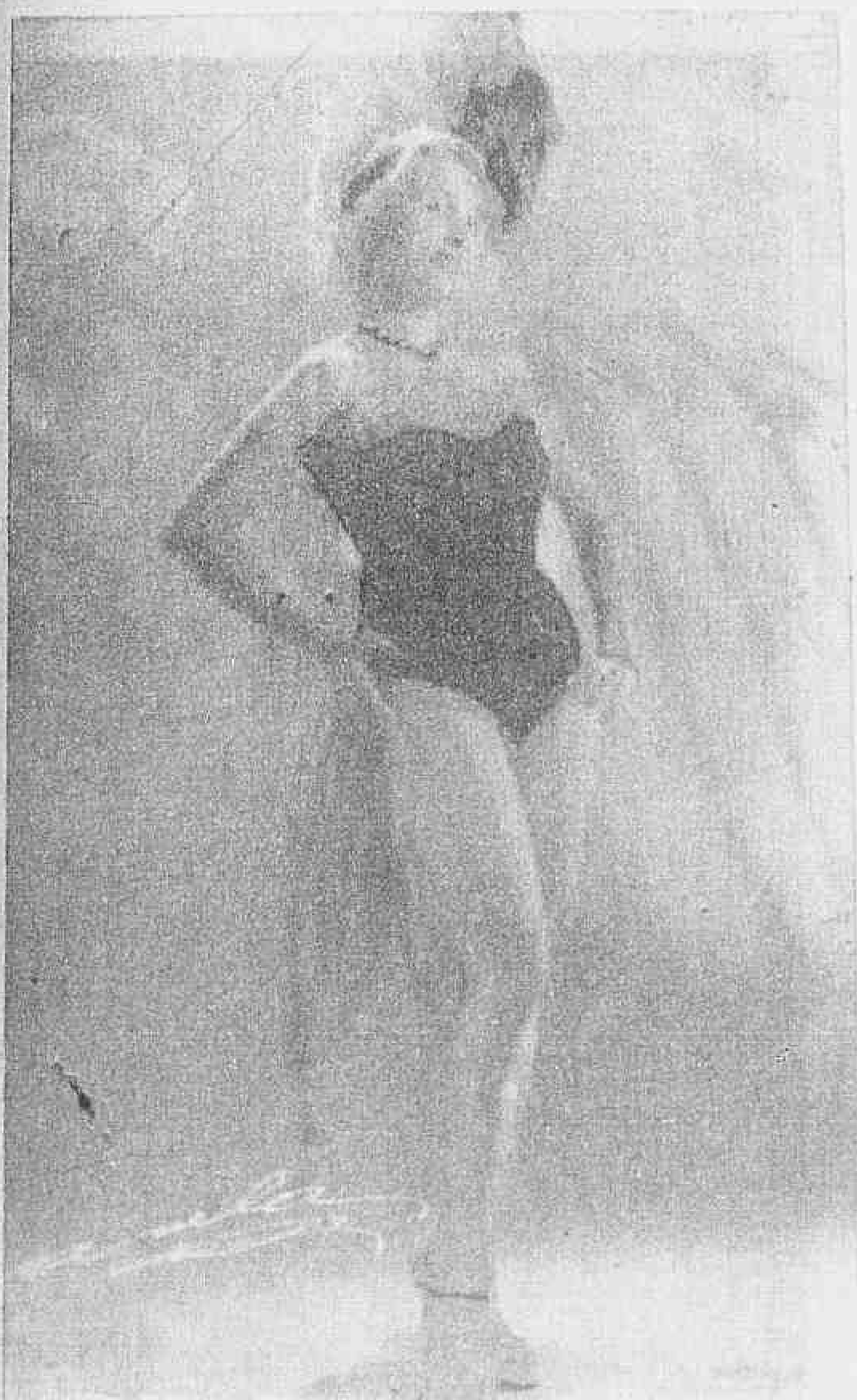


Ela adora os animais e, particularmente, "Fruly", sua linda cadelinha.



. . São, realmente, muito amigas. ROSANGELA é grande "fã" da estrêla portuguêsa GILA VALENÇA.

UM ENCONTRO, UM "BATE-PAPO" E UMA REPORTAGEM...



ROSANGELA numa pose especial de Avila

Uma visita à casa da Rainha do Carnaval – Rosangela conta como foi descoberta por Joaquim Menezes – Gilda Valença é muito viva e faz perguntas.

Especial para CARIOCA Texto de Fernando Salgado
Fotos de IVAN

ALMOCEI com o Menezes. Diz-me êle, após o almôço: a Rosangela, ontem à noite, lá no Clube do Cinema, convidou-me para ir até à sua casa vêr a sua corôa, o vestido e tomar um café. Vamos até lá? — Vamos! Aliás, acrescentei, vou aproveitar para fazer uma reportagem com ela, que há tempos lhe prometi. Fomos, ali ao telefone para eu chamar um fotógrafo. Conseguido o indispensável apoio do Ivan, encaminhamo-nos para tomar um taxi, quando um "gigantesco" carro tipo "pulga" pára junto ao meio fio e com um sorriso franco alguém nos chama... Salgado... Menezes... — posso leva-los a algum lugar? — Era a simpática e amável criadora de "UMA CASA PORTUGUÊSA" — Gilda Valença, que, com aquêle seu modo tão cativante se prontificava a resolver um dos mais sérios problemas cariocas — o transporte, em horas de "rush".

— Não foi preciso que ela falasse duas vêzes. Tomamos de assalto o minúsculo, porém lindo veículo, que nos transportou até à rua Itapiru n.º (perdão leitor amigo, esqueci o número...). Durante a viagem a palestra foi animada e, orgulhoso, o Menezes dizia ter sido o descobridor da Rainha do Carnaval, contando-nos uma história mais ou menos, assim: — "Numa tarde fria de garôa paulista tive os pés

presos ao chão semi-gelado da avenida Ipiranga, quando meus olhos se fixaram na figurinha impressionante e bela de uma jovem que passava com andar de "Tico-Tico". Eu já era presidente da A.B.C.C. (o Menezes faz questão de frisar que foi nessa qualidade que se interessou pela Rosangela), e preocupava-me com os tipos do cinema nacional. Fiquei impressionado com a garota! Só não a segui, naquêle momento, porque fiquei pregado ao chão (soubemos depois que êle estava esperando alguém. Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar, não é Menezes?...) — Mas continuemos a ouvir o simpático e bem humorado Joaquim Menezes. Aquela figurinha (figurinha é a nova definição das jovens, usada nos meios cinematográficos, se não nos falha a memória o autor é Heitor Moniz), impressionou-me de tal modo que não a esqueci. E o mais importante é que sonhei com ela e passei a pensar nela. Dois dias, após (feliz coincidência) encontrei-a só, jantando, num restaurante do centro. Fiz-lhe um cumprimento de cortezia e ela esboçou um sorriso muito pálido... Estava quase terminando e a ância de falar-lhe era cada vez maior. Eu nunca fui acanhado, mas naquela hora, estava, realmente. Tomei coragem e procurei falar com a linda fada. Foi assim que fui logo chamando-a, — fada! Lembro-me perfeitamente:... "Você é tão linda... tão linda... que nem parece gente, parece uma Fada". Interrompemos o Menezes para dizer-lhe (venenosamente) que a Rosangela nos havia confessado que esta frase — "FADA" foi quem criou em seu "eggo" o desejo de vir a tornar-se Rainha de alguma coisa... Êle fica muito feliz e prossegue. Mas consegui trazer a Rosangela para o Rio... Procurei dar-lhe tôda a assistência possivel (quem não gostava nada era a D. Rosita), até que um dia, depois de muitos outros



Portugal e **Brasil**, **saúdam** a Rainha. GILDA VALENÇA a notável **intérprete das mais** lindas músicas portuguesas e **JOAQUIM MENEZES** o descobridor, abraçam **ROSANGELA** MALDONADO



ROSANGELA MALDONADO **enverga o suntuoso trajo de Rainha.**

de lutas, tropeços, incertezas e desilusões, consegui um contrato para a Rosangela... Nesta altura o possante da Gilda pára. Estava-mos à porta da residência da "loira atômica", que mora no 1.º andar e tendo nos visto, da janela, correu à porta para nos abraçar. Sorridente, simples e muito modesta, se não a conhecesse-mos ficariamos decepcionados ante tanta falta de realeza... Como somos muito discretos não vamos falar daquilo que vimos, não... Fomos entrando para uma sala de jantar bem ornada, com mobiliário de pau marfim, seguimos um corredor com várias portas, tôdas trancadas e ao final de um lado um "litleroom" onde uma confortabilissima cama de casal coberta com maravilhosa colcha fazia realce com as cortinas. Ah! falta dizer as côres, — salmon com rosa pálido, — bonito não?! A Rosangela tem muito gôsto. Fomos entrando para o "living" onde há um lindo grupo estofado, uma rádio-vitrola (ela é estrêla da televisão, mas ainda não tem aparelho. Aviso

(Conclui na página 60)

E eis aqui, leitores, O Galã Armando Louzada

Ator de teatro, galã de cinema, homem de imprensa, autor teatral, escritor de novelas, diretor de rádio — A história de Armando Louzada é a de um homem que venceu porque tinha massa cinzenta na cabeça

Reportagem especial para CARIOCA



O galã Armando Louzada

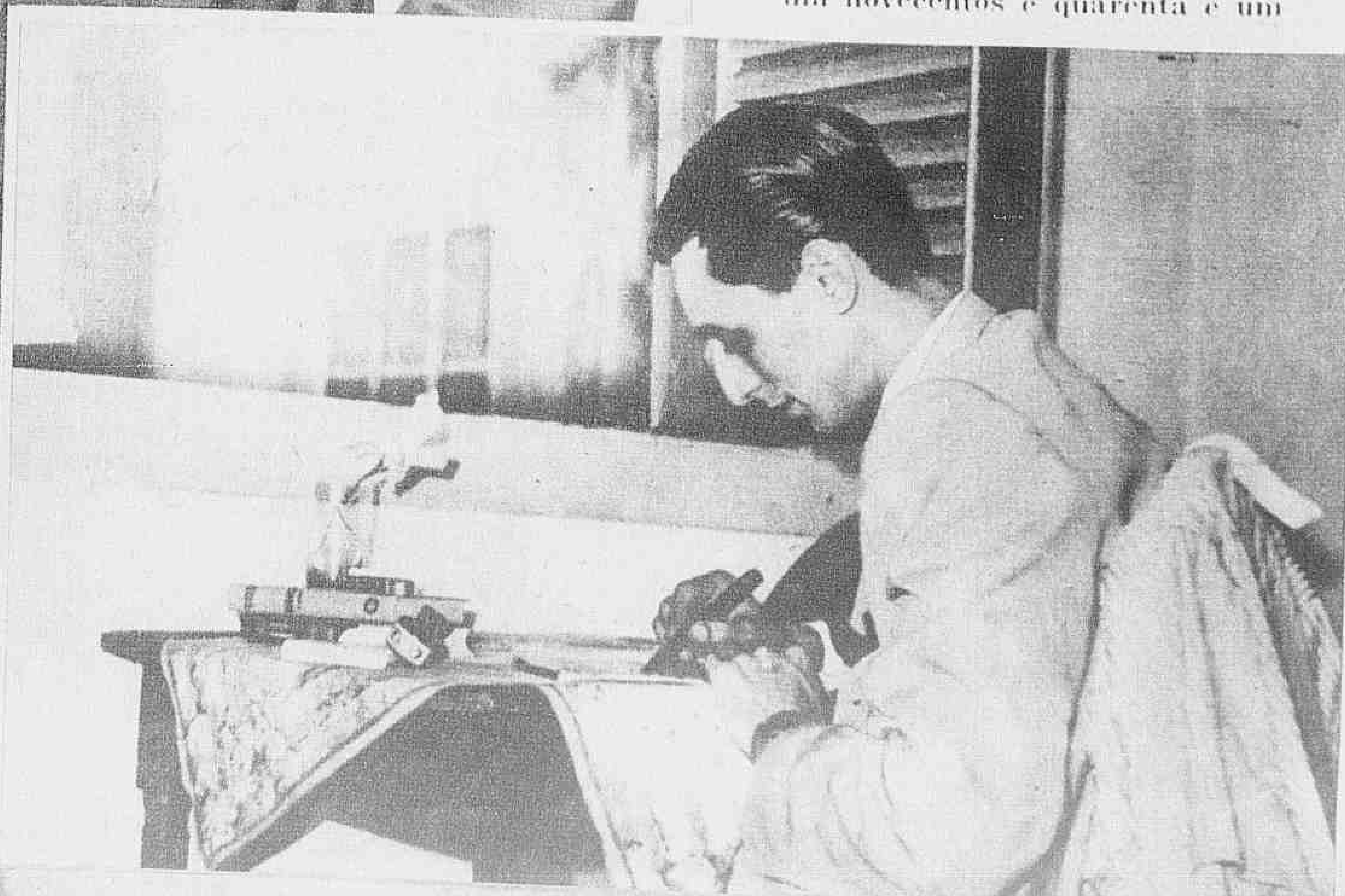
E eis aqui, leitores, o galã Armando Louzada...

Louzada é uma figura queridíssima no rádio brasileiro, onde milita há vários anos e onde tem exercido os misterés mais diversos: ator, produtor, diretor. E' uma inteligência rápida e fulgurante. Ninguém apreende as coisas mais instantaneamente do que êle. E' um mouro no trabalho, capaz de emendar horas e horas a fio, atravessar de um dia para outro sem dormir, e nem sequer dar por isso. A essas qualidades ajunta muitas outras: é um profissional competentissimo, é um homem de caráter, é um grande amigo. Assim se compreende perfeitamente porque Armando Louzada desfruta de tão sólidas amizades no meio radiofônico brasileiro e porque todos justamente o apreciam em suas múltiplas qualidades pessoais.

Com apenas 46 anos — o que quer dizer moço e em plena forma — Louzada fez uma carreira movimentada em vários setores. Em primeiro lugar recebeu uma sólida base de humanidades, bastando dizer que quem cuidou de sua educação foi o grande Manoel Bonfim, professor, escritor, sociólogo, um dos maiores intelectuais do Brasil. Depois, Louzada cursou a Politécnica e se formou em eletrotécnica. Esse foi o começo... Daí por diante, depois que se pegou seguro — seguro de si mesmo e de sua capacidade — o vivo Armando Louzada começou a fazer uma porção de coisas. Entrou para o jornalismo

(Conclui na página 58)

Louzada em Minas Gerais no ano de mil novecentos e quarenta e um




Cyl Farney

FLAGRANTES DA CIDADE

(Continua na pág. 57)


Joaquim Menezes


Humberto Teixeira

CYL FARNEY VIAJOU PARA A EUROPA

Cyl Farney, a estas horas, está atravessando o Atlântico. A bordo do "Provence" o querido e popular galã de nosso cinema seguiu para a Europa, onde passará alguns meses. Cyl aproveitará a ocasião e visitará os grandes estúdios cinematográficos europeus, sobretudo os franceses e italianos. Vários amigos foram ao seu embarque levar-lhe os votos de boa viagem, notando-se entre os presentes o Sr. Orêncio Tinoco, presidente do Clube de Cinema.

MENEZES FOI À BAHIA

Joaquim Menezes, presidente da A. B. C. C., aproveitou a passagem do "Provence" pelo nosso porto e foi à Bahia. O Rei Farouk é um "soberano" que se trata, e não há nada como uma bela viagem num transatlântico de luxo. Em Salvador, Menezes ultimará com o governador Regis Pacheco as combinações iniciadas nesta capital para a realização de uma Semana do Cinema Brasileiro na Bahia.

A FUTURA "ESTRÊLA"...

E eis aqui a nova profissão que existe em nossa praça: a futura "estrêla". A moça nunca trabalhou em cinema, nem em teatro, nem no rádio, nem em "boite", em nada disso. Mas pretende trabalhar, alimenta planos e projetos neste sentido. Então, por conta do dia de amanhã, vai sendo logo chamada: a futura "estrêla".

— Quem é aquela moça que está ali?

— E' uma artista.

— Ah! muito bem! E onde trabalha?

— Ela não trabalhou ainda em nenhum lugar. Mas está tratando disso.

MADELEINE E A TELEVISÃO

Quando se tem a graça e a inteligência de Madeleine Rosay é meio caminho andado para tudo. Madeleine, quando dançava, era a maior de nossas bailarinas. Brilhou intensamente, obteve grandes sucessos. Agora, sem deixar o curso de dança que dirige com rara competência, Madeleine está animando um programa na T. V. Tupi. Vale a pena vê-la e ouvi-la. Ela tem estado formidável.


Patricia Lacerda


Madeleine Rosay

CINEMA NACIONAL

Em São Paulo, durante o Festival, o fato era comum: o camarada apresentava-se a uma pequena e dizia-se diretor de cinema ou produtor cinematográfico. A moça — é natural — ficava logo interessada. E o pilantra não perdia tempo:

— Precisamos conversar um pouco. Vamos tomar um chá?

— Vamos dar uma volta de carro?

— Vamos a uma "boite"?

— Estou "bolando" um filme em que o tipo da jovem é exatamente como o seu. Quem sabe se não poderá ser aproveitada?

Se é assim que se quer fazer cinema no Brasil...

PATRICIA LACERDA, CANDIDATA A "MISS" DISTRITO FEDERAL

Patricia Lacerda, conhecida artista cinematográfica, neta do grande escritor Coelho Neto, é uma das jovens que concorrem, neste momento, ao título de "Miss" Distrito Federal, no concurso organizado pelos nossos confrades do "Diário Carioca". Se Patricia Lacerda fôr eleita "Miss" Distrito Federal, ficará habilitada a concorrer ao título de "Miss" Brasil. E se fôr "Miss" Brasil irá aos Estados Unidos para a competição de que resultará a escolha de "Miss" Universo.

A GAROTA QUE



Não foi sem razão que ela surgiu como uma das mais fortes concorrentes ao título de "Miss Universo".

COLECIONA TITULOS!

De concurso em concurso, acabou indo parar no cinema — Ruth Hampton, a mais jovem "estrela" da tela.

De REX BENNETT

ACABA de se firmar no estrelato a mais nova "descoberta" na téla para o mundo — Ruth Hampton ! Sem dúvida, como podemos ver, foi uma aquisição valiosa no que concerne à beleza física. Quanto à sua capacidade artística, nenhuma opinião podemos emitir, pois ainda não nos foi dado ver qualquer dos seus trabalhos já realizados em primeiro plano.

Ruth surgiu depois de tomar parte em um concurso de beleza, como preliminar do grande certame para eleger "Miss Universo". E la e mais oito outras beldades foram arrebatadas pelo celulóide, após o encerramento da solenidade, que teve lugar sob o brilhante sol da Califórnia, na famosa praia, de Long Beach.



Ruth Hampton e o seu inseparável gatinho siamês.



Evidentemente, além de sua capacidade artística, Ruth Hampton possui outras qualidades...

Graciosa e bonita a valer, Ruth encanta a quantos dela se aproximam.

Ei-la entre o diretor e Russell Johnson, estudando uma seqüência de um "take" de "Duelo de Morte".



Não obstante ter anteriormente interpretado um pequeno papel, em "Aventureiro do Mississippi", o último trabalho de Tyrone Power, o seu verdadeiro lançamento está em "Duelo de Morte" ("Law and Order"). Êsse filme lhe proporciona uma verdadeira oportunidade, colocando-a em plano de destaque, ao lado de Ronald Reagan, Dorothy Malone e Alex Nicol.

Comprovando cem por cento a sua versatilidade, Ruth Hampton não mais foi esquecida pelos produtores, que tiveram a atenção voltada para a sua personalidade, que brotava diante das câmeras. E incluiram-na em outras importantes produções, como "Música e Lágrimas", o célebre filme biográfico sôbre Glenn Miller, o inesquecível "band-leader" tão tràgicamente desaparecido durante a guerra, "Johnny Dark" e "Sign of The Pagan", ainda sem títulos em português. Eis porque a crônica especializada, assim como o pessoal do estúdio da Universal-International, é unânime em prever um futuro brilhante para essa "new-face" de olhos azuis e cabelos negros como a noite.

Ruth Hampton nasceu em Throop, uma pequena e bela cidade da Pennsylvania, no dia 25 de abril de 1932. Pouco tempo passou em sua cidade natal, em virtude de a





Ruth Hampton, a nova "descoberta" do cinema, numa cena amorosa com Russell Johnson.



Bonita e elegante, Marilyn possui um «charme» todo especial

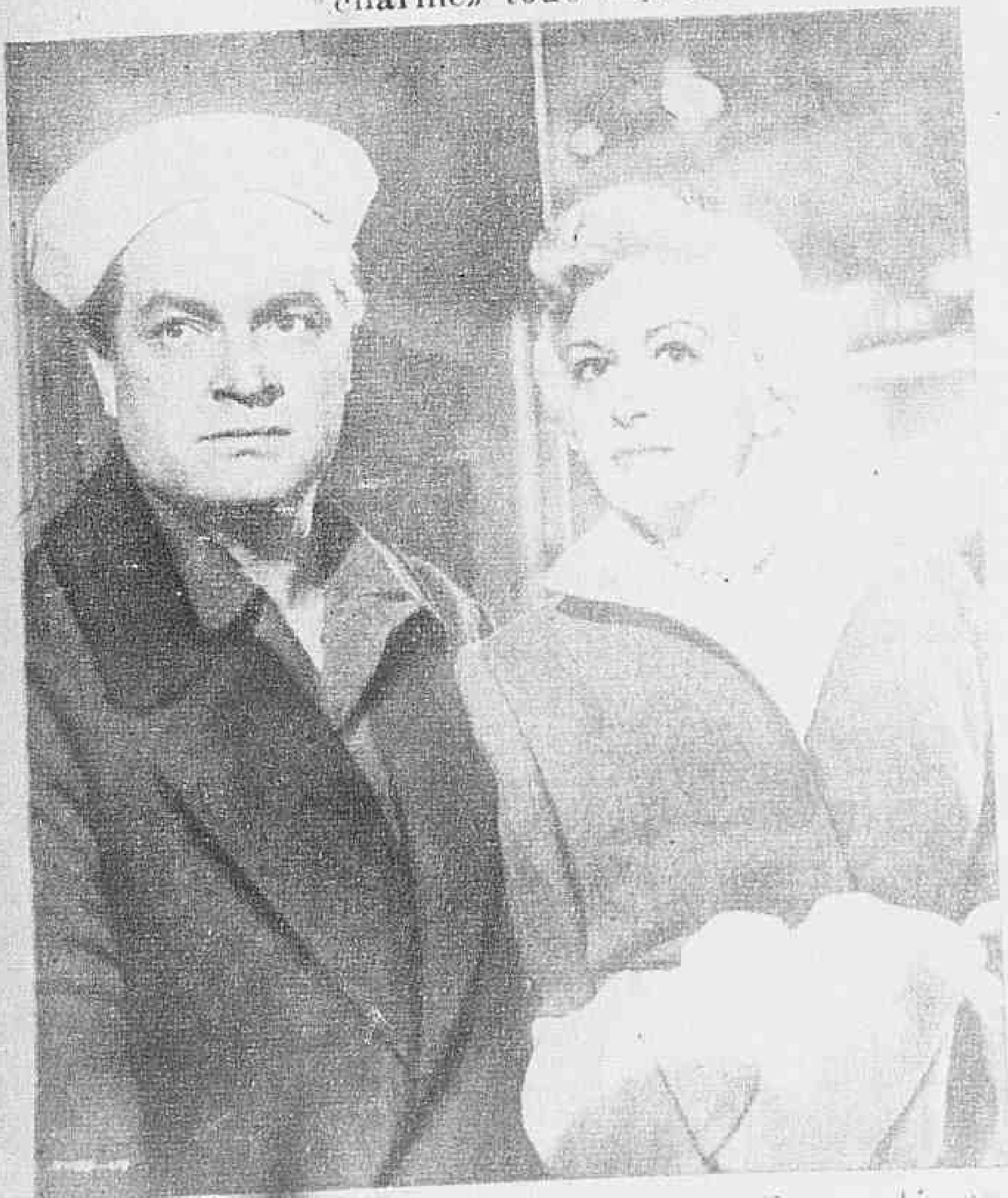
A LOURA ERA "DO CONTRA"!

Nada queria com o cinema, até que capitulou! – Hoje, Marilyn (a outra) Maxwell é uma das "estrelas" que brilham em Hollywood.

Por JIMMY LLOYD

A familia e os amigos de Marilyn Maxwell por muito
tempo tentaram persuadi-la a entrar para o cine-
ma, mas Marilyn não se interessava pela carreira ci-
nematográfica. Se resolveu o contrário, foi devido tão
somente à insistência de duas pessoas: sua mãe e o
chefe da orquestra, Ted Weems. Hoje, entretanto, a
cantora não se arrepende da decisão de ter enfrenta-
do as câmras.

Em geral, a encantadora loura recebe muitas ofer-
tas de contratos, que ela se vê obrigada a recusar, por
falta de tempo. Recentemente, deu preferência ao pa-
pel que lhe proporcionou aparecer mais uma vez no la-
do do impagável Bob Hope e de Mickey Rooney. Tra-



Pela terceira ou quarta vez, Marilyn está ao lado de Bob Hope, em «Promotor de Encrencas»



Desta vez, à dupla se juntou o «menino grande», Mickey Rooney



Marilyn Maxwell, a loura que era «do cntra»

ta-se do celulóide «Promotor de Encrencas» (Off Limits), uma das comédias mais engraçadas daquele famoso comediante.

Marilyn nasceu em Clarinda, uma cidadezinha pacata e perdida no Estado de Iowa. Filha de Hal e Ann Maxwell, seu nome verdadeiro é Marvey Marilyn Maxwell. Sua mãe foi, durante muitos anos, a pianista acompanhante de Ruth St. Dennis e, por essa razão, Marilyn se lembra muito pouco de sua terra natal, pois sempre seguia sua mãe nas «tournées» que ela fazia com a dançarina.

Durante essas viagens, era muito natural que a menina se interessasse por música e dança. Miss Dennis tomou-se de interêsse pela criança e começou a dar-lhe lições de «ballet». Com a idade de três anos, Marilyn fez sua estréia no «Teatro Brandeis», em Omaha, após o que a sua mestra se convenceu de que a garotinha possuia, no cultivo da dança, um futuro promissor.

Nos anos seguintes, ela dançou, cantou e atuou em diversos teatros, acabando por integrar, como vocalista, uma

(Conclui na página 59)



O ANIVERSARIO DE LINDA

Linda fez anos. E a festa foi somente sua. Todos os amigos e admiradores da «estrêla do Brasil» associaram-se às homenagens que lhe foram prestadas tanto na Rádio Nacional como em sua «boite» de Copacabana. No programa Manoel Barceloâ Linda recebeu uma mágnifica demonstração de simpatia à sua pessoa, enchendo-se de corbeiles o palco do auditório

A VIDA NO RADIO



Flagrante de Marlene no programa Manoel Barcelos

Partiram, em excursão, para o interior de Minas Gerais, Carlos Matos, sua espôsa Adelaide Chiozzo, Silvinha Chiozzo e Aldair Soares, que a estas horas já se devem ter apresentado em várias cidades mineiras. A «tournée» durará até o dia 7 de julho próximo.

•

São os seguintes os principais personagens da novela «A Mansão da Colina», que começou a ser apresentada pela Nacional, de segunda a sexta-feira às 14,05 horas, da autoria de Moysés Weltman: Padre Tião, Floriano Faissal; Candida, Alda Verona; Tereza, Wahita Brasil; Henrique, Roberto Faissal; Major Tancredo Napoleão, Mario Lago. A direção é de Floriano Faissal.

•

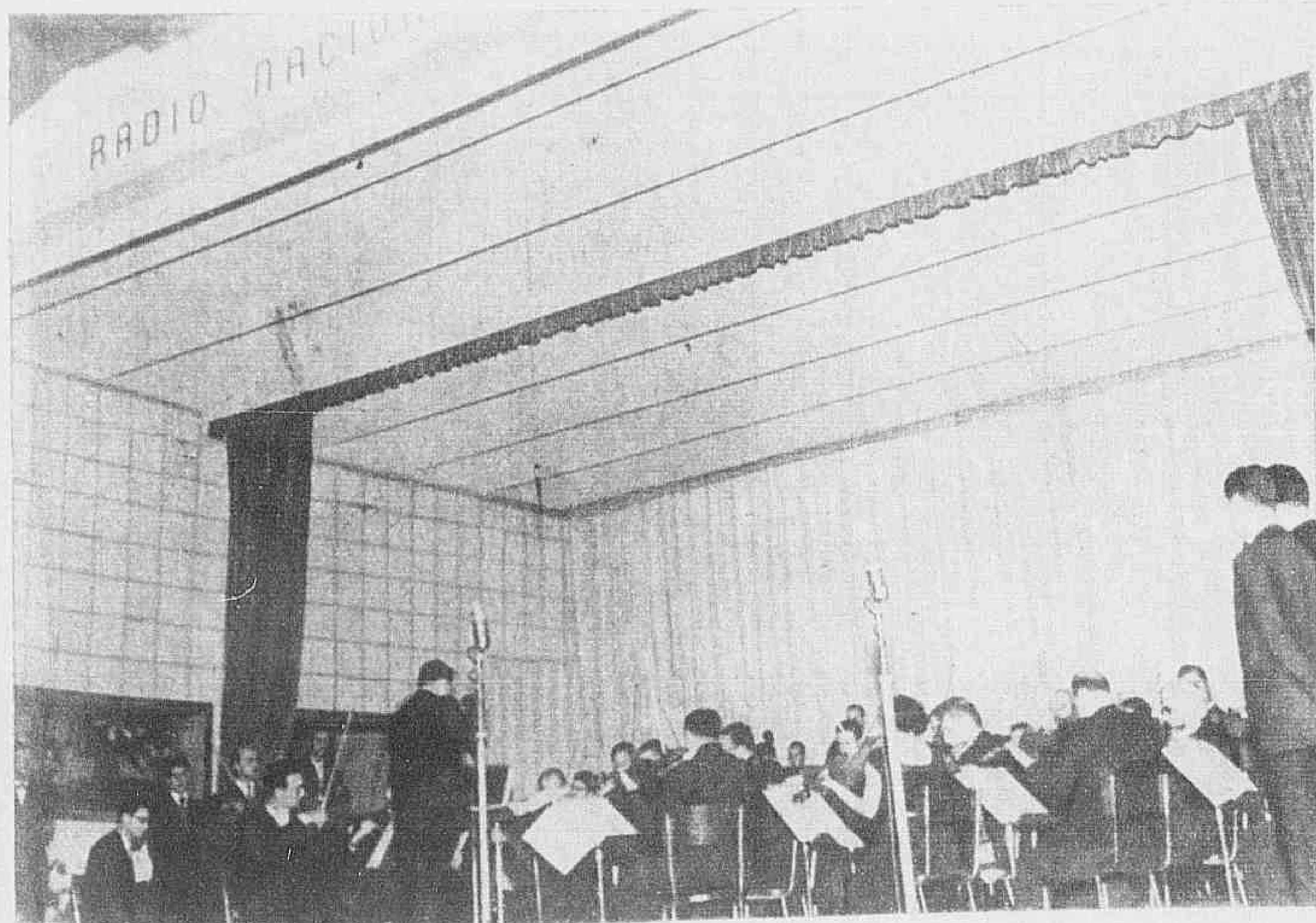
Teve início, na última quinta-feira, a nova novela da série «Presidio de mulheres», sob o título «Teresa, a que nunca chorou», apresentação de Mario Lago.

•

Após uma breve temporada na Nacional, Carlos Pallut voltará à Rádio Continental. Não houve briga, não houve descontentamento, não houve nada de maior. Apenas Pallut recebeu uma proposta mais conveniente, devendo ocupar uma função diretiva na emissora de Rubens Berardo.



A rainha do Rádio Angela Maria conversa sôbre o concurso para a escolha do Rei do Rádio com um dos candidatos, o cantor Carlos Carrié



A esplêndida orquestra da Nacional de São Paulo dirigida pelos mais competentes maestros da Paulicéia, Osmar Millani, G. Peixe, Spartaco Rossi e Gaó

•

Maria Helena de Aguiar. Afinal, quem é você? Você vive a custa do piche e da destruição. Porque êsse recalque radiofônico? Você fala mal de quase tôda gente do rádio, fala mal da turma que frequenta o rádio, fala mal dos compositores, dos cantores, dos programas... E ainda vem escrever sôbre rádio? Porque você não dá um pulo ali para ver quem está na esquina?

•

Vem de realizar-se em Bergen, Noruega, o XVIII Congresso da C. I. S. A. C. — «Confederation Internazionale des Societes d'Autoreurs e Compositeurs» — que congrega as sociedades de autores e compositores de todo o mundo.

(Conclui na página 57)

RECONCILIAÇÃO

Conto de D. Strafford

DETEVE-SE ligeiramente e lançou um olhar às cartas espalhadas na mesinha do vestíbulo escuro e calorento. Não havia nada para ela. Também não esperava que houvesse. Nada poderia evitar o que fatalmente teria de dar-se aquela noite.

Naquela noite deixariam de existir seus sonhos. Não lhe restaria mais que o vazio, o prosseguimento sem fim de uma vida inexpressiva e inútil, o emprêgo mesquinho e seu quarto de pensionista, pequeno e mal ventilado.

A troca de palavras entre ela e John fôra amarga e violenta.

— Amanhã — dissera-lhe êle — continuaremos o assunto. E se ainda estiveres firme em teu propósito...

Não concluíra, mas não era preciso. John... Mais de um ano de sonhos compartilhados, de juras e projetos, promessas recíprocas. E naquela noite, naquela noite mesma, tudo cessaria. John receberia de suas mãos a aliança e, súbito, não seriam mais que dois estranhos. Desapareceria de sua vida e nada mais lhe restaria que o quarto pequenino, o calor insuportável, o emprêgo, o vazio. .

Olhou o relógio. Eram quase sete horas. Trocou de roupa, apanhou a carteira e dispôs-se a sair. Descia as escadas quando deu com Buster, o filho da empregada da pensão. Quotorze anos, sardento, banguela e enamorado. Buster que a idolatra com a dolorosa idolatria da adolescência. Mas nessa noite, ainda que o queira, não poderá ser paciente e compreensiva para com êle.

— Vai sair?... — perguntou-lhe o garôto. Queria dar-lhe... queria dar-lhe uma coisa... Vi... e lembrei-me... Não sei se vai gostar...

A moça olhou-o e viu-o confuso, ruborizado. Na mão um vidro grande com a etiqueta: «Água de Colônia».

— Você não devia ter feito isto. Deve guardar seu dinheiro para comprar balas — disse-lhe com frieza, dando-lhe as costas.

Deu alguns passos, mas logo, voltando-se, viu o garôto tão decepcionado que se arrependeu de sua indelicadeza. Tentando reparar sua atitude de há pouco, tomou-lhe das mãos o vidro e disse-lhe com doçura:

— E' Buster, não devias ter feito isto... Mas... Como adivinhaste que eu sou louca por perfume?

Tomou-lhe das mãos o vidro, abriu-o e, passando por alto o aroma barato e intenso, pôs uma gota em cada orelha e um pouco, de leve, nos cabelos.

— Que delícia Buster! Adoro êsse perfume de rosas e não sei como lhe agradecer... Você foi muito gentil lembrando-se de mim. Quero que me desculpe. Êsse calor...

Mas não era preciso desculpar-se. Buster estava radiante. Afastou-se feliz, deixando atrás de si o aroma do seu presente. Ela sorriu e, involuntàriamente franziu o nariz ao sentir o impacto do perfume barato. Voltou ao quarto e colocou-o sôbre a mesinha.

Foi até à janela e inspirou profundamente para livrar-se daquele aroma obsessor. Mas ao voltar-se, o quarto húmido e pequeno continuava impregnado dêle. «Isto está parecendo uma estufa — pensou. Quente, húmido, por demais cheio da fragrância de tôdas as flores». Sentou-se na beira da cama, procurando não amarrotar o vestido, e olhou para o vidro de Colônia, prova muda da adoração de Buster.

— Ah, John... John... — balbuciou, sentindo que as lágrimas voltavam a nublar-lhe os olhos.

Se John pudesse amá-la como a amava o pobre Buster... Se John pudesse adorá-la cegamente... Se ela pudesse parecer perfeita aos olhos de John como o era para êsse galã adolescente e desesperançado...

Ergueu-se e aproximou-se da mesinha. O odor de rosas parecia intensificar-se cada vez mais e, súbito, sentiu-se comovida com o presente do garôto. Tomou o vidro e voltou a sentar-se na beira do leito. Acabava de compreender. Via agora que o amor do garôto por ela era cego. O do homem não o era e ela culpava-o por isso. Mas... merecia ela a adoração de Buster?

— Não — disse em voz alta. Não, Buster. Não sou perfeita. Não sou o que você julga.

E sem merecê-la, como pretendia a adoração cega de John? «John, oh, John! Serei mesmo tudo isso que disseste? Serei realmente? Aborreço-te, exijo demais de ti, censuro-te por tudo e nunca estou satisfeita, por mais que faças?»

E com as perguntas vieram as respostas. Ficou imóvel durante algum tempo, depois, ergueu-se e colocou o vidro de perfume onde estava.

— Buster — disse, dirigindo-se ao vidro como se fôra o adolescente. Penso que você me deu uma lição. Um pouco tarde, mas me alegro de todo modo. Temo ter perdido John, Buster, e perderei também você, quando você fôr homem como êle. Mas, de hoje em diante vou fazer o que puder para merecer êsse vidro de Colônia, para ser digna dêle.

Enquanto formulava essa promessa, ouviu o som familiar da buzina do carro de John. Apanhou depressa a carteira e desceu correndo as escadas. Sentiu que de novo o calor a envolvia qual mão viscosa. Súbito, lembrou-se de que era o fim com John, o fim dos seus sonhos. Retardou o passo ao sair e encaminhou-se lentamente para o carro parado na esquina.

John abriu-lhe a portinhola sem dizer uma palavra. A última esperança da moça se desvaneceu. Entrou e acomodou-se resignada ao seu lado. Ouviu John fechar a portinhoda e compreendeu que êle estava perto dela mas longe do seu alcance.

— Quer fumar? — perguntou John, pondo em marcha o carro.

Ela acendeu-lhe o cigarro. O rapaz sorriu agradecido e procurou-lhe instintivamente as mãos. Mas hesitou e recuou, cavando ainda mais o abismo que os separava.

Haviam deixado para trás a cidade e a brisa tornara-se mais intensa e agra-

(Conclui na página 59)



ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

DESENHO ARQUITETONICO DESENHO MECANICO e DESENHO ARTISTICO

inclusive *desenho comercial e publicitário*

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CONTABILIDADE

Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados.

CADA ALUNO FARÁ ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de tecnicos em contabilidade e direção administrativa. V. S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados e realizar o sonho de uma vida brilhante.

CORTE E COSTURA *Tricô e Bordado*

Centenas e centenas de moças e de senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método facil, rapido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRA V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

PORTUGUÊS
INGLÊS
AUXILIAR E CAIXA
CORRESPONDENTE
SECRETARIO
ESTENO-DATILOGRAFIA

Realise a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida, em tôda parte, é dirigida pela lei biologica: vence o mais forte. Seja um dêstes, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE NA SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

. . . EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES . . .



Hoje costuro para todos de casa; aprendi a fazer as roupas do meu esposo, como camisa, pijama, etc.; agora, quando vejo um vestido, só de olhar sei onde está o defeito. Tudo isso consegui com o ensino dêsse Instituto.

Ligia Paes Corrêa
BELÉM
Est. do Pará



Quando iniciei o Curso de Contabilidade, residia e trabalhava na roça, em serviços árduos e infrutíferos, sem nada conhecer de comércio.

Hoje trabalho numa grande firma, conheço todo o serviço e tenho boa prática de comércio; já encarreguei-me até de uma parte da escrituração da mesma.

Assim, espero jamais ser preciso voltar para a roça, uma vez que conheci o Instituto Universal Brasileiro.

Euclides Bento Silva
BEBEDOURO - Est. São Paulo



O seu ensino de Corte e Costura é o único que poderia tornar-me a ESPECIALISTA EM CONFECÇÕES DE VESTIDOS PARA NOIVAS aqui no Distrito Federal. Graças ao seu Instituto, hoje tenho 10 alunas e habilidade para tôdas as peças.

Antonia R. Pereira
DISTRITO FEDERAL



Hoje sou militar e faço uso da profissão de "Contabilidade" mesmo no Exército, onde tenho tido êxito e eficiência graças aos ilustres professores do Instituto Universal Brasileiro.

Carmelo P. da Silva
PETRÓPOLIS Est. do Rio

Desenho de aluno nosso, Sr. ULYSSES J. MARTINHO, Jundiaí - Est. de S. Paulo. →



Harmonia... Romance...



O dinheiro que eu gastei com a escola, já recuperei. Tenho confeccionado vestidos de noiva, que foram do agrado de todos.

Luzia Branioli
ARARAS Est. de S. Paulo



É com grande alegria afirmo-vos que já recuperei, em um mês, o dôbro do dinheiro empregado em meus estudos.

Manoel Batista Ferreira
JUAZEIRO DO NORTE
Est. do Ceará



Graças ao Instituto Universal Brasileiro estou bem colocado com ótimo ordenado.

João Hilário Corrêa
CAMPOS GERAIS Est. Minas



Desde meados dos meus estudos já comecei a trabalhar. O que tenho ganho é muitas vezes mais do que gastei, graças ao Curso realizado nesse Instituto.

Conceição A. de Jesus
SANTA RITA DE CARATINGA
Est. de Minas



Um curso por correspondência é tão ou mais eficiente que um dado pessoalmente. As explicações são simples e muito claras, não dando margem a dúvidas e permitindo aos alunos terem um perfeito conhecimento da matéria.

Dulce C. M. de Souza
LAVRAS - Est. de Minas Gerais



Imensamente satisfeito com o modo prático de ensino adotado por Vv. Ss., afirmo que graças a êsse Instituto, estou hoje trabalhando na secção de contabilidade da Cia. Ferro Brasileiro S. A..

José Ricardo Leite
ESTAÇÃO DE JOSÉ BRANDÃO
Est. de Minas



A sábia e perfeita orientação que os senhores me ministraram no decorrer do Curso de Corte e Costura me vem assegurando um futuro melhor e me permite dar uma contribuição maior aos que me são caros e ao meu lar.

Maria José R. Pereira
RIO DE JANEIRO



Agradeço também pelo bom método de ensino, graças ao qual, em minha própria residência, apenas nas horas de folga, ganho Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) mensais, lecionando o que aprendi durante meus estudos nesse Estabelecimento.

Raymundo N. dos Santos
SÃO GABRIEL R. G. do Sul

não perca tempo

e mande-nos

HOJE

o coupon ao lado



INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

1735

CAIXA POSTAL **5058** — SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre

o curso de .... *por correspondência*
(indicar o curso desejado)

NOME ....

RUA .... *N* ....

CIDADE ....

ESTADO ....



Meia dúzia de beldades do corpo de baile que atuam em "Sua Majestade, o Amor".

"DO AMOR..."

LUCIO FIUZA

MUITA gente, ao deparar com o título de nossa presente crônica, julgará que vamos dizer alguma coisa sôbre a famosa obra de Stendhal — "Do Amor". Mas, quase tudo o que acontece na face dêste planeta do qual somos prisioneiros não é motivado pelo Amor? Desde os primórdios, os lutas, os crimes, os maiores escandalos não são consequências de paixões?

Não seria em pleno século XX que as coisas iriam se transformar e o sentimento de afeição máxima passaria a ocupar um segundo plano. Do amor resultam os fatos mais notáveis da História, do amor dimanaram-se tremendas guerras, do amor nasceram as mais encantadoras idéias que inspiraram Shakespeare, Goethe e D'Annunzio, do amor originaram-se os mais famosos crimes e, ainda — **do amor têm** vivido as criaturas neste mundo mais sujeito às tragédias deprimentes do que às fantasias vivificantes.

Do amor têm partido quase todos os enredos que a imaginação cria. E o teatro não foge à regra. Eis porque já alguém disse: que "O amor está para a arte, como a vida está para a morte".

Realmente, que beleza teria para um espectador um teatro feito à custa de assuntos que abstivessem o sentimento divinamente espalhado sôbre a terra? Que valor teriam um "Romeu e Julieta", um "Werther", "Margarida Gouthier", "Paulo e Virginia", "Salomé" e até "Nancy" (a do "Deus lhe pague", de Joracy Camargo) se o traço dominante de tais obras não fôsse essa faculdade de gostar e querer, que nos leva aos páramos da felicidade ou aos cubículos desgraçados de uma prisão? **Do amor** resultam inexoravelmente as **maiores** e melhores (ou piores) ocorrências de nossa vida.

Servindo-se a Arte do que acontece na vida real, é natural que o Teatro, numa percentagem máxima, se sirva dêsse afeto que atinge a tôdas as criaturas normais, e realize a maior parte dos enrêdos baseados em casos amorosos. É uma constante muito difícil de ser excluida do cérebro de um teatrólogo.

Ora, entre nós, existe uma conceituada dupla de escritores — **J. Maia** e **Max Nunes**. Êsses dois cavalheiros, que se dedicam inteiramente à arte de produzir para o teatro e assuntos afins, jamais pensaram em enredar alguma coisa que fugisse aos principios preconizados por Jesus Cristo — "Crescei e multiplicai-vos". Essa determinação do Divino Mestre fala exclusivamente **do amor**. Em boa interpretação, as palavras sagradas nada mais dizem do que — os sêres devem chegar a uma certa idade, amar e procriar...

E o amor ficou sendo o **catalizador** de quase tudo. A Arte surgiu como uma suprema inspiradora Os homens, diante do belo, pensam no Amor e completam a vida...



Consuelo Leandro já está consagrada. Na arte de fazer graça, é a debutante das profissionais. Encantadora, não?



Outro pedaço de "mau caminho". Angelita Martinez. "Estrêla" perigosa para inspirar corações...

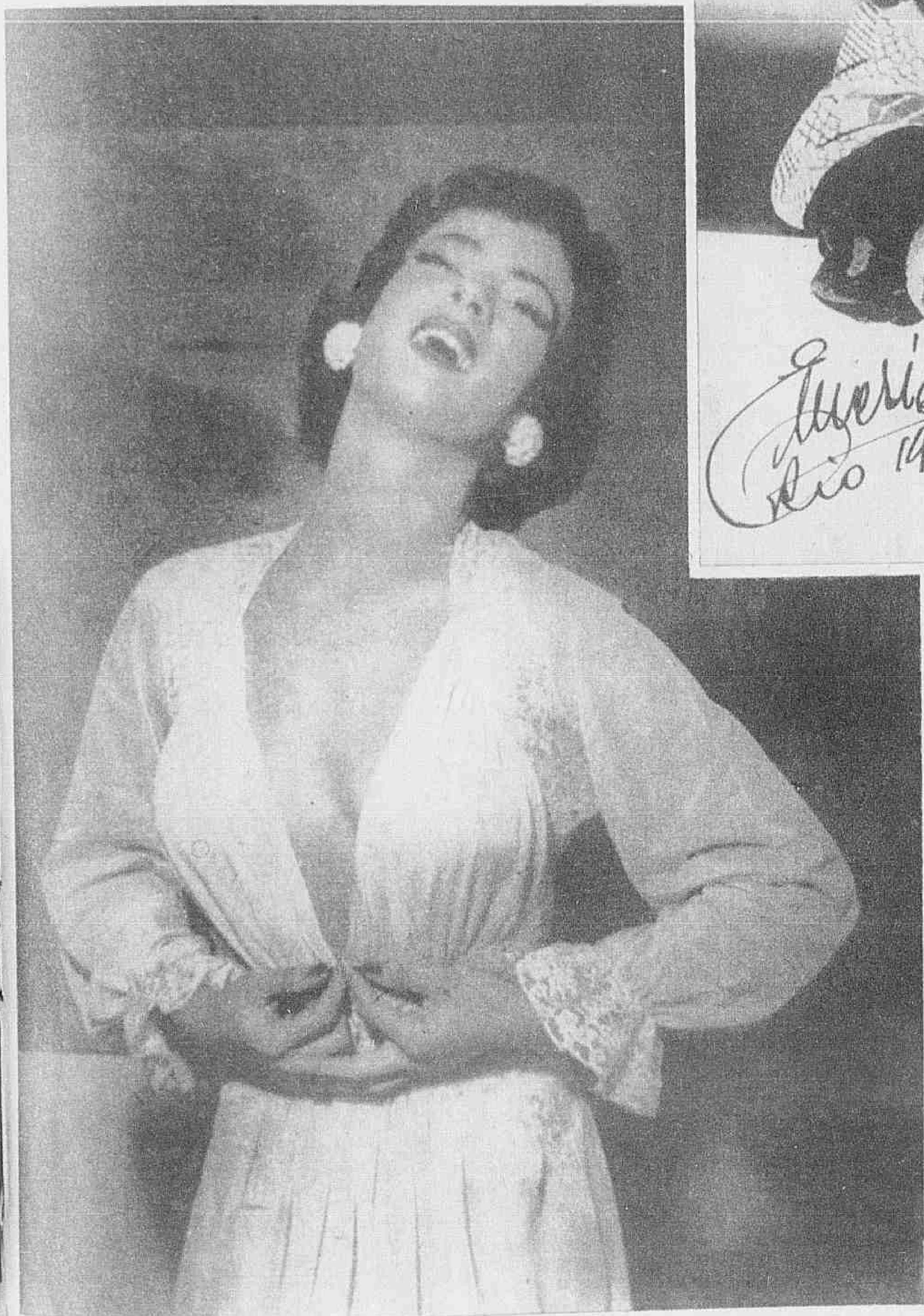
J. Maia e Max Nunes tinham a incumbência de preparar o segundo "show" do "Night and Day", no presente ano de 1954. Certamente passaram a mão no volume "DO AMOR", de Stendahl, e, ao acaso, abriram o capítulo que diz: "É possível que os homens que não sejam susceptíveis de sofrer o amor-paixão sejam os mais vivamente predispostos aos efeitos da beleza; é pelo menos a mais forte expressão que são capazes de receber das mulheres".

Era tudo o que os escritores precisavam. O amor-paixão nem sempre é possível impor, todavia, a beleza é sugestiva e para a arte de representar tem a "virulência" do segrêdo usado na ponta da seta de Cupido... "Mãos à obra!" — E nem deve ter sido reposta na estante a obra de Stendhal...

Então, realizou-se o "show" com o sugestivo título — "Sua Majestade, o Amor". Do princípio ao fim, o assunto é amor; do começo ao término, tudo é beleza plástica, rigorosamente de acôrdo com os estudos abordados no livro de Stendhal. Do amor é feito todo o espetáculo da "boite" que obedece a direção de Mauricio Lanthos, êsse veterano e inspirado homem de teatro que tem montado primores de arte e beleza.



Chocolate, com grande interpretação, destacando-se em "Otelo".



Anilza Leoni é ainda uma iniciante no teatro e já dispensa comentários...

Para estar de acôrdo com Stendhal, era indispensável que o espetáculo fôsse montado com beleza sôbre todos os angulos. E não houve, realmente, economia de coisa alguma. Nenhum racionamento. A apresentação é luxuosa, a música é contagiante e o material humano é o mais tentador possível...

Para estrelar o "show" foram convidadas as atrizes e os atores perfeitamente de acôrdo com os papeis. Excusado dizer que lindas são, de um modo geral, tôdas as mulheres que se apresentam. Além da plástica, há que se fazer menção ao talento artistico de valores como Consuelo Leandro, Anilza Leoni, Angelita Martinez e Virginia Noronha. A estas estrêlas segue-se um grupo formoso que compõe o "corpo de baile".

Como primeiros bailarinos, Marga Vernon e Edmundo Carijó, e como primeiras figuras do naipe masculino, lá estão os atores Manoel Vieira, Hamilton Ferreira, Chocolate e Alberto Perez.

"Sua Majestade o Amor" é uma história vivida por êsses valores da cena brasileira, considerando os grandes amores que tiveram e têm lugar entre os vivos ou que viveram da ficção dos grandes amorosos...

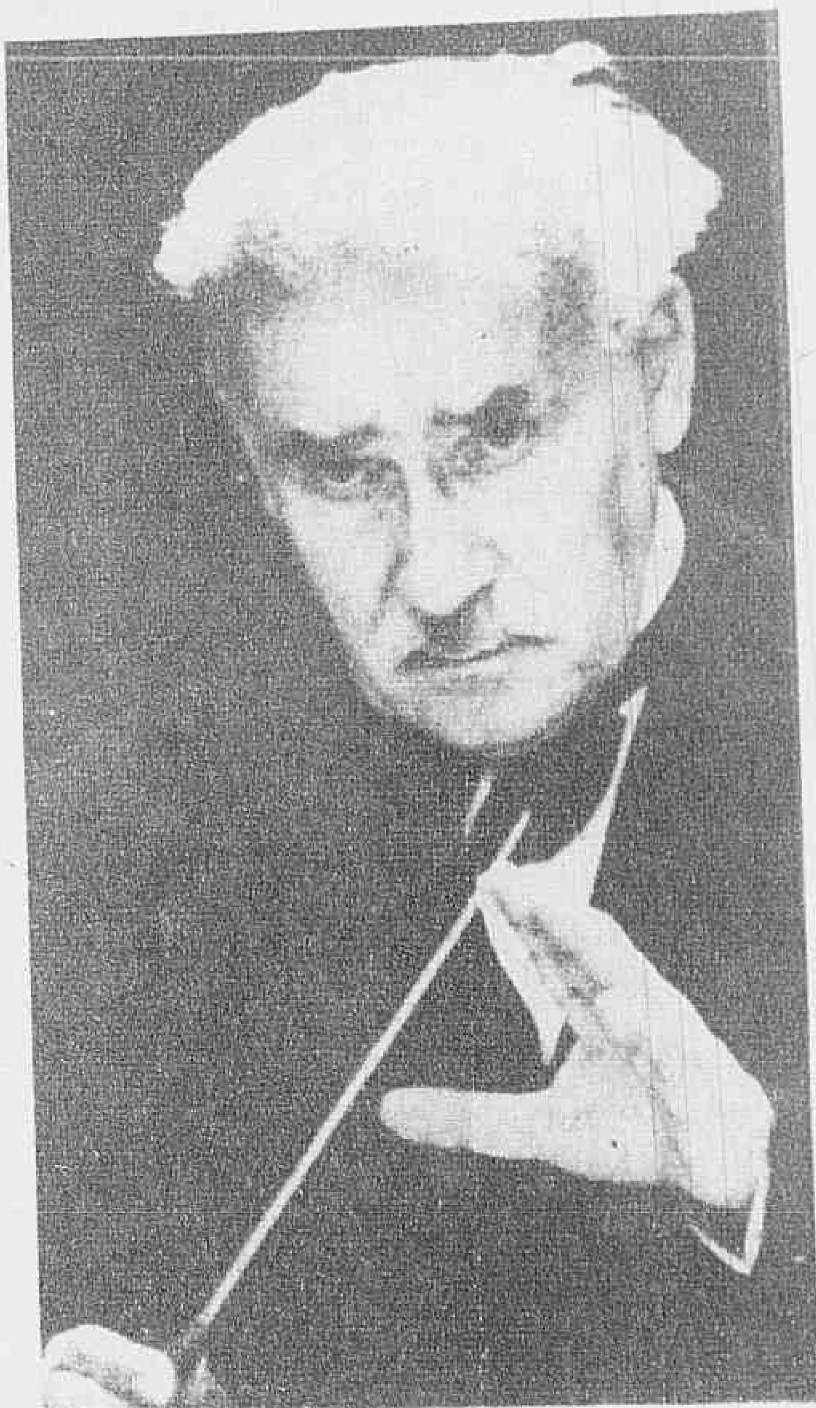
Eis porque, pelo palco atravessam famosos personagens que tiveram sua vida mais voltada

(Conclui na página 60)

DISCOTECA

DESPEDIDA DE UM GÊNIO

— "A faculdade de criar centúplica a Vida; a cada criação de nosso Pensamento, sentimo-nos viver séculos multiplicados; a **Arte** é a única coisa que pode dar Idéia do Infinito." **(Vargas Vila, "Do Rosal Pensante", pág. 96 — Editora Prometeu, São Paulo, 1953).** Êste belíssimo conceito, do renomado autor, faz-nos lembrar a carreira artística edificante de um gênio atual. Referimo-nos ao maestro italiano **Arturo Toscanini.** Aos 87 anos de idade, aposentou-se, da direção da famosa orquestra sinfônia da "National Broadcasting Company", fundada por êle há 17 anos atrás. Nunca poupou esforços, no curso de sua vida gloriosa, no sentido de legar ao mundo o máximo de pureza em expressão musical. Insaciável, no burilamento da **perfeição,** se não a houvesse atingido, cremos nós, jamais tomaria a deliberação de deixar a batuta! Segundo informes recebidos, dos Estados Unidos da América do Norte, no dia 25 de março dêste ano, data em que completaria 87 anos de idade, resolveu anunciar a sua demissão do invejável cargo de diretor da orquestra sinfônica da N. B. C. tomando a iniciativa de escrever uma carta a **David Sarnoff,** presidente da Junta Diretora da Companhia e o homem que constituiu a fôrça decisiva que colocou à disposição de Toscanini àquela maravilhosa orquestra. Todavia, pediu a Sarnoff que guardasse absoluto sigilo em tôrno do seu gesto, a fim de sua iminente aposentadoria não fôsse suspeitada antes do último concêrto que ia realizar. Apenas depois da execução da derradeira obra do programa se poderia levar a efeito à comunicação. O eminente comentarista, Norman Smith, assim descreve o tocante momento: — "Quando na orquestra morreram as últimas notas do número final do concêrto — o prelúdio do I Ato de "Os Mestres Cantoros", de Wagner, Toscanini desceu vagarosamente do estrado, sem se virar para o público para agradecer o aplauso que começava a vibrar no recinto. Encaminhou-se para a saida do palco, a passos firmes e, ao fazê-lo, escorregou-lhe dos dedos a batuta que êle tentou apanhar. Um membro da orquestra se inclinou, tomou-a do chão e a entregou ao maestro. Talvez no fato de



Arturo Toscanini

não a ter recusado, haja simbolismo, sinal de que ainda se considera grande "deão honorário" da música. Assim, atingiu o ponto mais elevado de uma carreira, que compreende perto de 70 anos de regência de orquestras sinfônicas. Nascido em Parma, Itália, a 25 de março de 1867, tão devotado era à música que, em sua juventude, chegou a vender os seus próprios alimentos, e a empenhar os próprios sapatos, para conseguir dinheiro com que comprar música." Para conhecimento de todos os seus admiradores, devemos lembrar que foi no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, onde se revelou, como diretor de orquestra. Tinha, então, 20 anos de idade, o hábil violoncelista que, em 1886, viera ao nosos país como diretor assistente dos côros de uma companhia de ópera italiana, em viagem pela América do Sul. Um maestro convidado para dirigir a orquestra depois de uma forte discussão com o gerente da companhia, recusou-se a comparecer, e como houvesse o público protestado exaltadamente contra essa atitude, alguns cantores apelaram para os assistentes ao espetáculo, rogando-lhes que permitissem que um jovem diretor-assistente dos côros, que também era violoncelista, subisse ao estrado. Toscanini era admirado pela sua prodigiosa memória, sabendo de cór tôdas as peras; assim, empunhando a batuta êle regeu, impecavelmente, a "Aida", ópera que subia à cena naquela noite. Desta forma, para nós, brasileiros, repercute fundamente a inesperada notícia da aposentadoria de um dos maiores regentes de todos os tempos, notadamente, pela circuntancia anteriormente descrita. Auguremos-lhe, pois, dias tranquilos nesta fase densamente sublime de recordações e não reprimamos nossos sinceros aplausos a êsse gênio que dedicou a vida deleitando multidões!

CLARIBALTE PASSOS



Nora Ney

DISC JOCKEY "CARIOCA"

* Disco "Continental" (vocal) sêlo preto, **78 RPM,** n.º 16.942 do último suplemento nacional. Temos, aqui, o triunfal retôrno da intérprete **Nora Ney.** Na face A: — **"Aves Daninhas"** (samba) de Lupicinio Rodrigues. Eis, inegàvelmente, uma composição de méritos excepcionais, quer literária, quer melodicamente. O tema explorado pelo autor se reveste de uma imensa e terna beleza, pintado de um colorido romantico deveras encantador. Valoriza-o, sobremodo, o arranjo executado pela orquestra de **Alexandre Gnattali.** Há passagens maravilhosas, a exemplo, daquela exteriorizando dois belos solos do tema melódico principal pelo **óboe** e a **trompa,** depois que Nora canta tôda a letra, antes de voltar à segunda parte. Tecnicamente, a gravação é irrepreensível; a sonoridade é de ótimo nivel, com ausência de qualquer chiado. Nora nos oferece uma criação magistral; canta, emitindo as frases através de escorreita dição, reeditando êxitos anteriores. Na face B, o conhecido samba de Augusto Vasseur e Luiz Peixoto, "O Que Foi Que Eu Fiz". No arranjo desta página, o instrumento empregado com grande felicidade, é a **trompa,** alternando-se em contra-cantos com Nora Ney, e depois com o **óboe.** Bonita música e a letra expresiva. Consideramos o melhor disco desta cantora. Cotação: Excelente. — C. P.

* Disco "Columbia" (suplemento nacional) sêlo preto, 78 RPM n.º CB-10036 apresentando **Ribamar** e seu Conjunto de "Boite". Face A: — "Caruarú" (baião) de Belmiro Barrella. Página bastante agradável, melodicamente, e difundida através das emissoras. Otima, a sonoridade da gravação, ritmo dançante e uma criação excelente do acordeão de Ribamar. O mesmo diremos da face B, onde aparece o mambro de Garôto e Chiquinho, intitulado "Mambinho". Tecnicamente, a gravação é boa. Cotação: **Otimo.**

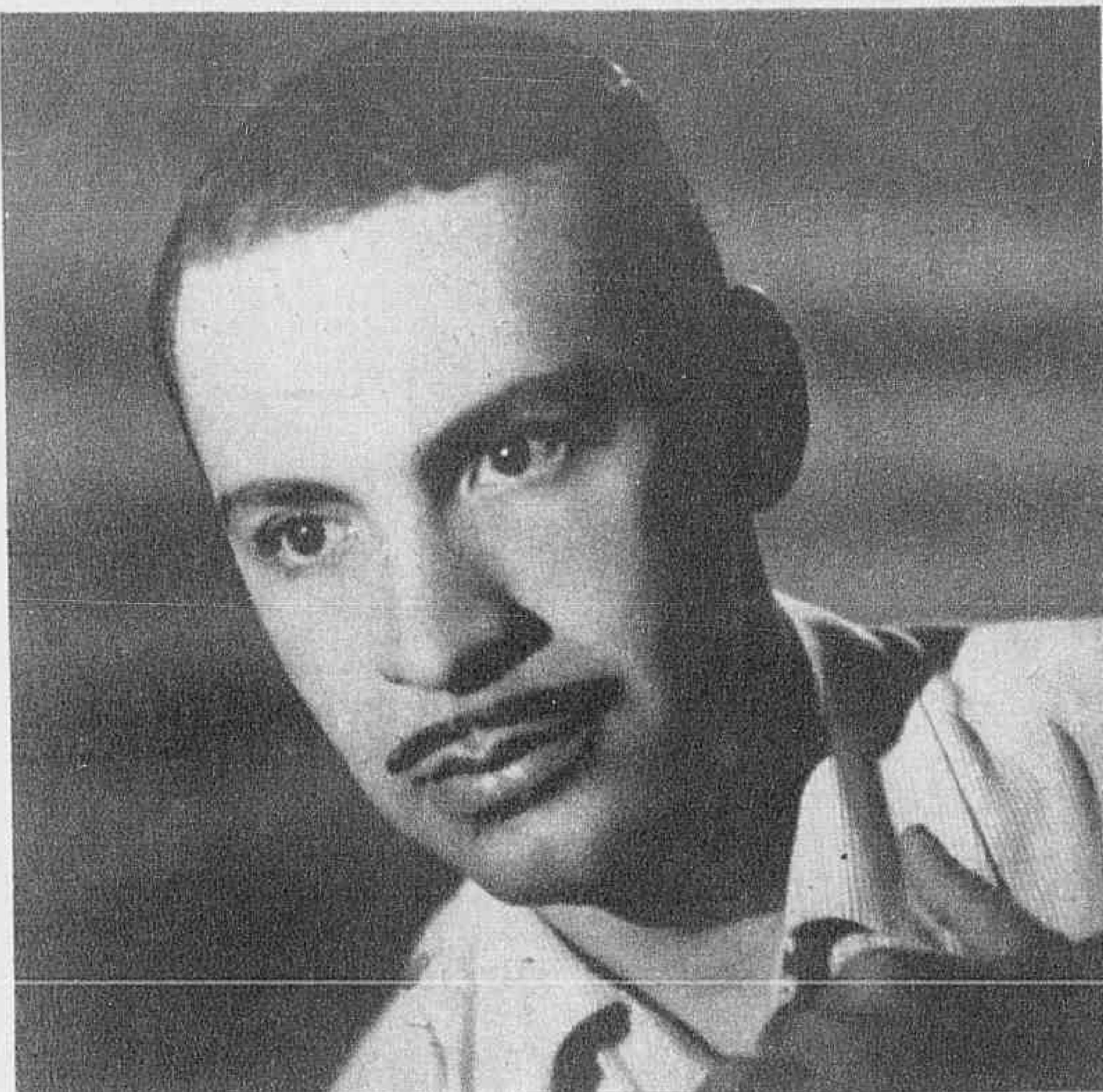
—oOo—

* "Todamerica" (instrumental) 78 RPM, de n.º 5.419 assinalando, o reaparecimento do magnifico acordeonista **Chiquinho Melódica** e artisticamente, consideramos um dos melhores discos nacionais do gênero, lançados até esta data, em 1954. Soberbas as execuções do instrumentista da Rádio Nacional, assim como, os arranjos são maravilhosos. Notável, o acompanhamento do Conjunto. Na face A, o samba "Talvez Seja Você", e na face B, o chôro "Ademir". Ambas as composições são assinadas pelos compositores da nova geração, Paulo Cesar e Gilberto Panicali. Cotação: **Excelente.**

—oOo—

* "Mercury" (instrumental) 78 RPM prensagem da "SOM, Indústria e Comércio, de **matriz** original americana importada, com distribuição da "Mocambo", disco n.º 35002 que nos oferece duas exponenciais criações artisticas, em soberbas execuções da Orquestra de **Clyde Mc Coy.** Na face A, temos o irrequieto "Sugar Blues", página de Clarence Williams e Lucy Fletcher; e, na face B, a famosa e admirada melodia "Stormy Weather", de Koehler e Arlen. Em ambas, a orquestra americana coresponde plenamente. Tratam-se de duas gravações dignas de plausos irrestritos. Tecnicamente, as duas faces estão muito bem gravadas, apresentando nível sonoro de alta eficiência. Cotação: **Excelente.** — C. P.

OUTROS JULGAMENTOS



Ribamar



Emilinha Borba

ROTEIRO INFORMATIVO

* Na "Continental", **Emilinha Borba** levou à cêra o interessante mambo de Ismael Neto e Antonio Maria, "Que Mêdo", e o bolero de Peterpan, "Noite de Chuva".

* Nora Ney, na mesma etiqueta, gravou os sambas "Duas Lacraias", de João de Barro, e Antonio Carlos Jobim - Alcides Fernandes.

* A nova dupla **Lúcio Alves - Dick Farney** fará sua estréia com o samba "Teresa da Praia", de Billy Blanco e A. Carlos Jobim, e a toada "Casinha Pequenina", de autoria do próprio Lúcio.

* "Quinteto Dick Farney", será o próximo lançamento em long-playing, da gravadora dos três sinos, reunindo as seguintes melodias: — "Sonhando com Shearing" - (fox) — "Sem nome" - (fox) — "Chôro N.º 1" — "O gênio da Marly" (chôro) — "Fique calma" (samba-chôro) — "Nervozinho" (chôro) — "Prelúdio opus 32" (fox) — "Flamingo" (fox).

* O sanfoneiro **Zé Gonzaga**, que gravava para a Odeon, assinou contrato com a Continental.

* **Neusa Maria, Carlos Augusto, Dora Lopes,** artistas do elenco da "Sinter', renovaram seus contratos, mediante a nova vantagem de 0,70 (setenta centavos) por face gravada. Essa providência, ao que sabemos, será extensiva aos demais cantores.

* **Ivan de Alencar**, um dos "nômades" da nosas música popular e do meio radiofônico, retornou à etiqueta tijucana.

* "Música de Chopin", pelo **Quarteto Celeste**, liderado pelo maestro e pianista da Rádio Nacional carioca, **Léo Peracchi**, é o mais novo e aupicioso lançamento em LP da "Musidisc". Aliás, esta etiqueta, orientada por Nilo Sérgio, está vendendo bastante outros LP tais como "Canções de Portugal", "Baião N.º 1", "Trio Surdina", "Parada de Dança N.º 1" — e outros. Segundo estamos informados, oito novas prensas, vindas dos Estados Unidos, serão montadas, brevemente, na fábrica da aludida gravadora.

* "Música de Villa-Lobos", em execuções do pianista **José Vieira Brandão**, "Parada de Sucessos", reunidos aqui os melhores cantores e músicas populares nacionais, "Eduardo Souto", com o pianista **Mário de Azevedo**, são os próximos lançamentos em LP da gravadora "Sinter". Além dêstes, em prensagem de **matrizes** originais americanas, aparecerão outros LP em sêlo "Capitol", incluindo o notável disco "O Clássico Moderno", com **Ray Anthony** e sua Orquestra.

* O atual Departamento Artistico e o setor de Divulgação da etiqueta tijucana sofreu radical mudança, saindo todos os seus funcionários e sendo outros contratados, sob a direção do compositor e publicista **Haroldo Eiras.**

O 9.º Aniversar



Ao microfone da Rádio Nacional, César de Alencar e a querida "estrêla" Emilinha Borba

O programa César de Alencar está completando o seu 9.º aniversário.

São nove anos de trabalho e de lutas em prol do engrandecimento da radiofonia brasileira.

Nestes nove anos, César de Alencar firmou o seu programa como um dos mais populares, um dos mais ouvidos e um dos mais prestigiosos do Brasil.

Nestes nove anos, também, César de Alencar se firmou, pelo seu talento, pelo seu dinamismo, pela sua incansável operosidade, como um dos maiores artistas do nosso "broadcasting".

O 9.º aniversário do programa César de Alencar é, por todos os motivos, uma festa do Rádio, uma data que não deve ser comemorada, apenas, pela estação em que atua, mas por tôdas as emissoras nacionais pelo que êle representa como realização do rádio brasileiro.

Ao registrar essa data, associando-nos às grandes homenagens que serão prestadas ao grande animador, saudamos igualmente as delegações dos 21 Estados da Federação e do Distrito Federal que participam oficialmente das comemorações, numa demonstração eloquentíssima do prestígio de César e da penetração do programa que apresenta todos os sábados nas ondas prestigiosas da Nacional.

★

Ao ensejo do 9.º aniversário do programa César de Alencar realiza-se no próximo domingo, em Petrópolis, o almoço organizado pela CARIOCA e oferecido pelo Hotel Quitandinha às delegações estaduais que ora se encontram nesta capital.. Dêsse almoço participarão algumas das principais figuras que atuam no programa César de Alencar.

★

O programa das festas comemorativas

Flagrante onde se vêem César de Alencar, a inteligente e graciosa secretária do seu programa, Egle de Castro, e outro incansável colaborador de César, o produtor Hélio Soveral



Outro flagrante colhido na Rádio Nacional durante o programa César de Alencar, que aí se vê na fotografia ao lado da "estrêla" luso-brasileira, Ester de Abreu



...ário do Programa Cezar de Alencar

...do 9.º aniversário do programa de César é o seguinte:

Dia 26 — Missa em ação de graças na matriz de São Francisco Xavier, no Engenho Velho. À tarde, na hora do costume, transmissão do programa César de Alencar diretamente do Teatro João Caetano, seguido de recepção à imprensa e aos anunciantes do programa.

Dia 27 — Almôço em Petrópolis organizado pela CARIOCA e oferecido pelo Hotel Quitandinha, que assim se associa às festas comemorativas. O almôço será do Restaurante do lago, seguido de "show". À tarde, visita ao Museu Imperial.

Dia 28 — Passeio aos pontos pitorescos da cidade oferecido pela Emprêsa Saturin. À tarde visitas programadas.

Dia 29 — Um dia na Ilha de Paquetá. À noite, visita ao Corcovado.

Dia 30 — Almôço oferecido pela crô-

(Conclui na página 56)



César de Alencar e a festejada cantora Zézé Gonzaga

Três figuras que atuam frequentemente no programa César de Alencar: a "princesa" do Rádio Vera Lúcia, Heleninha Costa e Claudette Soares



ra-
da

O 9 ANIVERSÁRIO DO PROGRAMA CESAR DE ALENCAR

CESAR DE ALENCAR, INCENTIVADOR DE VALORES E AMIGO DOS NOVOS

Reportagem de GRACIETTE SANT'ANNA – Fotos de AIMORÉ MARELA



Emilinha Borba numa de suas audições no programa Cesar de Alencar

Muitos cartazes de hoje tornaram-se ainda mais famosos no Programa Cesar de Alencar – E quantos cartazes de amanhã surgirão de seus programas?

GERALMENTE os elementos novos, encontram as portas trancadas para êles. Pelos corredores das rádios muitas vezes, figuras de valor vivem a mendigar um cantinho ao sol. Não raro êsses jovens, cantores, rádio-atores, produtores, etc. têm a mesma capacidade dos veteranos, mas encontram os caminhos fechados, para o aproveitamento do seu talento. Há uma má vontade patente, e a luta será árdua se êsses elementos não encontram um apoio da parte de al-



Dançarinos de trêvo no programa Cesar mero de



Cesar incentiva uma cantora nova que surge

gum "figurão" que se dispõe a protegê-los.

Na Nacional, Cesar de Alencar é um constante incentivador dos valores novos. Cesar lembra-se sempre de que também um dia lutou para conseguir o lugar de destaque a que hoje faz jus pela sua capacidade de artista. Sabe o que são os obstáculos que um novato encontra

(Conclui na página 62)



Marly Sorel, Rainha do Cinema Brasileiro, revelação de cantora de 1954, é uma das "estrêlas" que brilham no programa Cesar de Alencar



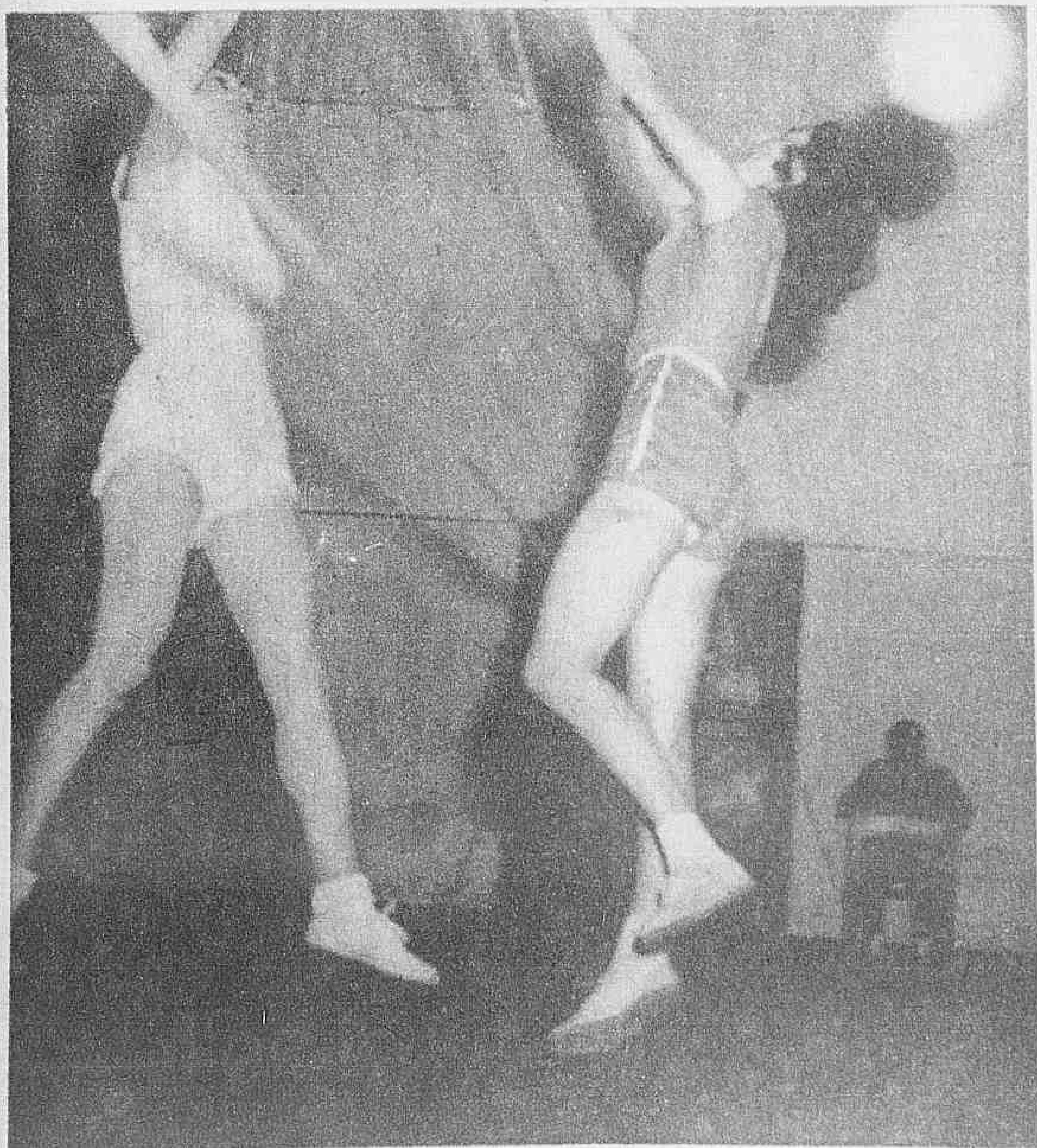
de Alencar. Grande nu- atração



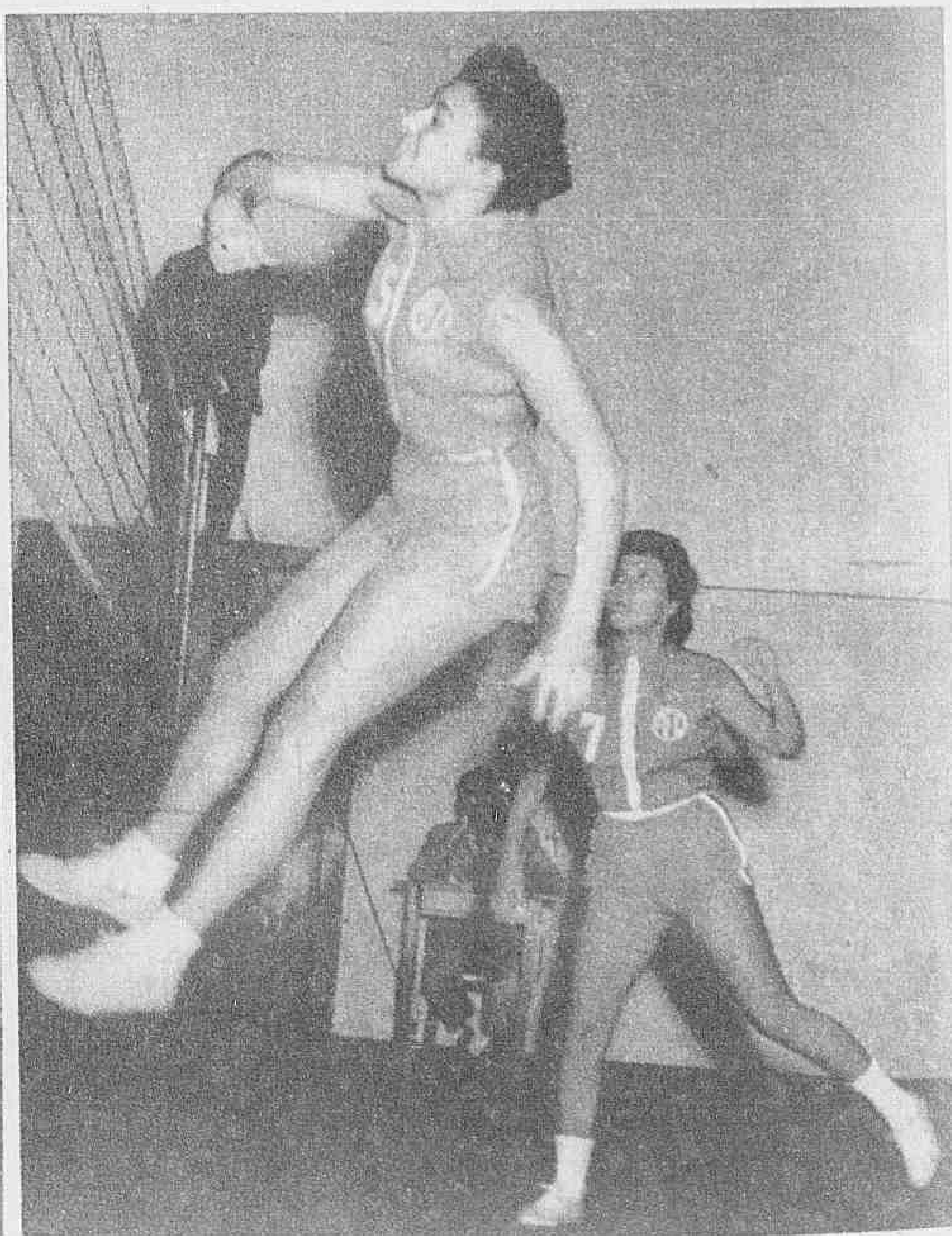
Cesar de Alencar, o "melhor animador de 1953" ao lado de Norma Geraldy e do cantor Bill Farr, outro elemento novo do rádio que sempre encontrou em Cezar um amigo, e um incentivador



Aqui estão as "estrêlas" do América. Mesmo sendo vencidas, as moças de Campos Sales merecem os maiores louvores pelo grande jôgo pôsto em prática



Fase do encontro entre o América e o Fluminense, vencido a duras penas, pelas "estrêlas" tricolores



Georgea, do América, sobe magnificamente para cortar e marcar mais um ponto para as suas cores

SOFRERAM UM SUSTO AS TRICOLORES COM A SOBERBA ATUAÇÃO DAS "ESTRELAS" DO AMERICA

Reportagem de REGINA COELHO — Fotos de A. FIGUEIREDO

Há coisas que só acontecem mesmo no esporte. Ninguém poderia acreditar que "estrêlas" do América, que uma semana antes perderam para as moças do Botafogo, fôssem vender caro a derrota no embate com as campeãs cariocas, do Fluminense. No entanto, o que se viu no ginásio de Campos Sales foi um quadro gigante, enquanto o outro caía vertiginosamente de produção. Mas dirão alguns que as tricolores não atuaram completas. Mesmo assim, isso não será desculpa, pois estas estão vários furos de progresso acima do quadro americano.

O Fluminense, que venceu o primeiro "set", a duras penas, já que marcou somente 15x13, perdeu o segundo "set", por 15x11, para vencer a "negra" por 16x14. Deve-se, no entanto, acrescentar que a vitória das tricolores foi produto de maior categoria e classe, ajudadas por alguma parcela de sorte. A "estrêla" de Paulo Azeredo funcionou com grande "chance". Tivessem as pupilas de Nelson Santos um pouco mais de "cancha", e a sorte não lhes fôsse madrasta, e a estas horas as campeãs cariocas estariam amargando um revés. Prevaleceu, no entanto, a maior hierarquia técnica e a grande "chance", como já acentuamos.

Deve-se frisar que as tricolores subestimaram as adversárias, tanto que Hilda Lassem não jogou. E o técnico Paulo Azeredo teve que improvisar uma "levantadora" em "cortadora", e, por sorte dos tricolores, Efigênia foi de uma produtividade a tôda prova. A veterana e eficiente jogadora, tanto levantou, como cortou muito bem. Outra jogadora do Fluminense que merece destaque foi a debutante Zombinha, de fato, a "mignon" atleta foi outro ponto alto no quadro das Laranjeiras. Helena Valente também merece um registro especial.

No quadro do América, Georgea, se bem que tivesse errado um "saque americano", quando não podia errar, foi uma grande jogadora, seguida de perto por Assilde, Anita, Lenita e Noeli. Enfim, as "americanas" merecem os maiores louvores pela brilhante partida oferecida ao numeroso público que compareceu ao ginazinho de Campos Sales.



Zombinha, a mais recente aquisição do Fluminense, no jôgo do seu novo clube com as "americanas" apareceu em grande destaque



O então embaixador mexicano, Dom Antonio Villalobos, ouve Maria Felix, ao ser entrevistada por Adolfo Cruz. Dorothy Faggin observa aquela que foi "a mais bela do mundo"

Meu Album de Recordações

Oscarito nasceu para o drama – Fada Santoro vai se casar! – A figurinista Edith Head fala das brasileiras – A Rainha do Cinema estreou em "Maria da Praia" – Já foi a mais bela do mundo.

2. reportagem de uma série de
ADOLFO CRUZ
Especial para CARIOCA



Marly Sorel, em antiga fotografia, juntamente com o cronista e o diretor Murilo Lopes

RECORDANDO e vivendo... Assim pensando vou continuar escrevendo sôbre os «astros» e «estrelas» e as coisas do cinema.

Confissões de artistas, fora do microfone, ou observações indiscretas...

De início, falarei sôbre o esperado casamento da querida intérprete cinetográfica que é a graciosa e sempre gentil Fada Santoro. Regressando da Argentina, onde esteve filmando «Detetive», com o festejado cômico Pablo Palitos, durante 47 dias, Fada, que tem uma proposta para filmar em Buenos Aires, agora com Ana Mariscal e Alberto Closas, deixou escapar uma confissão de ordem sentimental:

— «Êle» vai viajar, depois, então, na sua volta, direi qualquer coisa...»

Como sabem, Cyl Farney vai atuar num filme na Alemanha.

Caberá aqui aquela frase tão conhecida: "Qualquer semelhança será mera coincidência...»? Será mesmo?

Fada e Cyl — julgo — sentiram na separação de quase dois meses que o amor entre êles chegou realmente, em definitivo. O quadro final deverá ser um alegre e feliz casamento, o mais breve possível.

*

Rememorando antiga palestra que mantive com Oscarito, na «Brasileira», senti que o grande ator do cinema nacional é um contrariado. Oscarito jamais aceitou com satisfação a repetição de papéis a que tem sido obrigado para atender à imposição dos magnatas da cinematografia indígena. Na realidade, Oscarito nasceu dramático e, se tivesse uma «chance», poderia, muito bem, à semelhança de Carlitos ou Cantinflas, mostrar o quanto vibram os seus sentimentos. Tenho certeza de que êle gostaria dessa oportunidade.

*

Marly Sorel foi levada por Murilo Lopes para o cinema. Era então uma jovem tímida e que sofria natural nervosismo quando se achava diante de um microfone. Eu era da Mayrink Veiga quando Marly Sorel, longe de sonhar que um dia conquistaria o título de «Rainha do Cinema», ensaiava seus primeiros passos na vida artística. Mais tarde, ingressou no rádio, mas, como "partenaire" de Manoel Jorge, no seu programa especializado da emissora continental. Marly foi assim se familiarizando com as atividades radiofônicas. Depois é que se transformou em cantora, sendo contratada pela Rádio Nacional.

*

Grande modista, Edith Head ganhou na Academia de Hollywood 5 «Oscars». O último foi pela elegância das maravilhosas roupas que Audrey Hepburn apresenta no filme "A princesa e o plebeu». Qunando a visitei, nos estúdios da Paramount, possuia quatro troféus. Nessa ocasião, em Hollywood, teve palavras de elogio à mulher brasileira. Viu algumas patrícias nossas em Portugal, numa recepção, e ficou encantada com a personalidade das brasileiras.

(Conclui na página 62)



Ladeado por Fada Santoro e Oscarito, o locutor cinematográfico, Adolfo Cruz, autor desta série de reportagens indiscretas, especiais para CARIOCA

A famosa Edith Head, da Paramount, exibe os seus merecidos troféus. Isto em 1953. Agora tem mais um «Oscar»



7.ª ARTE

POR VAN JAFA

"A meia noite do amor"
(Let's do it again)

★

Columbia Pictures — Direção de Alexandre Hall — Cenário de Mary Loos



Jane Wyman, você está definitiva



William Holden, um rapaz de valor

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL



Tonia Carrero e Mario Sergio em «E' proibido beijar», direção de Ugo Lombardi da Vera Cruz — Columbia



Cacilda Becker e Liana Duval ao fundo e, no primeiro plano, Gilda Nery, em «Floradas na serra», direção de Luciano Salce, Vera Cruz — Columbia

e Richard Sale — Baseado numa peça de Arthur Richman — Fotografia de Charles Lawton — Direção musical de Morris Stoloff — Canções de Lester Lee e Ned Washington — Música adicional de George Duning — Technicolor — Produção de Oscar Saul.

★

«À meia noite do amor» é uma das mais deliciosas comédias que Hollywood produziu nestes últimos cinco anos. Trata-se de uma feliz refilmagem de um antigo sucesso do diretor Leo Mc Carey (em 1937) onde brilharam Irene Dunne, Cary Grant e Ralph Bellamy com o batismo brasileiro de «Cupido é moleque teimoso» (The awful Truth) na própria Columbia. Agora, guardando as devidas proporções das alterações feitas na história, se bem que a estrutura central guarde a mesma linha, Alexandre Hall consegue um delicioso espetáculo e de exelente padrão artístico. O cenario de Mary Loos e Richard Sale é inteligente, vivo e contorna a situação da peça teatral de Arthur Richman com rara felicidade. O diretor Alexandre Hall, um mestre no gênero, basta citar «Eles beijaram a noiva» com Joan Crawford e Melvyn Douglas, consegue um trabalho digno de um largo registro. Jane Wyman está notável, na sua melhor aparição em tôda a sua brilhante carreira cinematográfica. «Belinda» foi o grito de revolta, a rebelião contra Hollywood, a libertação daquele tipo insignificante que Jane Wyman havia se apresentado nas fitas de classe B da Warner Bross. Mas em «À meia noite do amor», Jane Wyman está cem por cento uma artista de méritos inconfundiveis. E' simplesmente notável sua «performance». Ray Milland também está satisfatório. E Aldo Ray com seu tamanho e sua voz rouca tem a sua mais convincente interpretação até agora e sabe tirar partido do seu papel. No elenco figuram Leon Ames, Valerie Bettis, Tom Helmore, Kamin Booth e Mary Treen sempre bem na criada. Interiores de muito bom gôsto decorados por William Kierman e belas canções de Lester Lee e Ned Washington, principalmente a primeira que Jane Wyman canta com sua boa voz e muita graça. Também convém chamar atenção para o guarda-roupa de Jean Luis que lembra os «velhos» tempos de Hollywood. Nós que vimos as duas versões da peça de Arthur Richman, gostamos de ambas e recomendamos que não percam «À meia noite do amor». E' uma comédia de muito bom gosto, requinte e inteligência. Bravo! Jane Wyman, você, me conquistou definitivamente.

"O Inferno N.º 17"

(Stalag 17)

★

Paramount Pictures — Direção de Billy Wilder — Cenário de Billy Wilder e Edwin Blum — Baseado na peça de Donald Bevan e Edmundo Trocinski — Fotografia de Ernest Laszlo — Música de Franz Waxman — Produção de Billy Wilder.

★

«O Inferno n.º 17» mantém o padrão de qualidade das realizações de Billy Wilder. Como de costume a cenarização é sua de parceria com Edwin Blum. Sente-se que a peça teatral foi bem adaptada e que os autores do «script» contornaram as situações teatrais com segurança. A fita possui um bom íntimo, que, sem dúvida, deve à mão de mestre de Wilder. O realizador de «Crepusculo dos deuses» tem tido a habilidade de escolher seus argumentos e de participar da cenarização mesmo que sempre de parceria. A direção de Billy Wilder é segura, cheia de tensão e com esplêndido rendimento dos artistas. William Holden que recebeu um «Oscar» pela sua «performance» está muito bom, se bem que a meu ver Holden foi premiado e mereceu o prêmio, por conjunto de fitas. Holden tem se distinguido muito nesses últimos anos e é ator de méritos. Don Taylor comparece no tenente-aviador. Otto Preminger, que tem dirigido algumas barbaridades em Hollywood, com exceção de «Laura», é, entretanto, um bom ator, faz Von Scherbach, Sig Rumani nos dá um ótimo Schultz, que achava graça do senso de humor dos americanos. E corretos nos seus papéis estão Robert Strauss (Animal) e Harvey Lembeck (seu amigo) que criaram os papéis na Broadway, Richard Edman, Peter Graves, (no agente de ligação) e Neville Brand. Boa fotografia de Laszlo e vigorosa música de Waxman. O valor da fita repousa nas interpretações e na adaptação, que possui aspectos altamente cinematográficos como o daquela faixa de tinta feita pelos soldados para chegar às russas. «O inferno n.º 17» é mais uma conquista de Billy Wilder.

"Na senda do crime"

Vera Cruz — Columbia Pictures — Direção de Flaminio Bollini Cerri — Cenário de Fabio Carpi, Flaminio Bollini Cerri, Alinor de Azevedo e Mauricio Vasquez — Fotografia de Chick Fowle — Música de Eurico Simonetti.

★

Já havia presenciado «Na senda do

(Conclui na página 56)



RESPOSTAS ÀS LEITORAS

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a MARION, Redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7. Queiram juntar aos pedidos de modelos a data completa do nascimento para o horóscopo.

MARLENISTA — Curitiba — Os vestidos estreitos são mais adotados no inverno. Eis um bonito figurino para a sua lã. Seu horóscopo: Você é perseverante e econômica. Possui muita imaginação e às vêzes cria problemas que existem apenas na sua cabeça. É preciso ver as coisas com mais clareza, com mais calma. Humor mutavel e caprichoso. Torna-se muitas vêzes indecisa quando uma resolução imediata se impõe. Deixa-se sugestionar pelas pessoas, pelo ambiente que frequenta. Haverá uma estagnação no seu progresso que será vencida com energia e fôrça de vontade. Algumas viagens. Probabilidades de melhorias para o futuro. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de abril e 20 de maio, 20 de fevereiro e 21 de março, 23 de agôsto e 22 de setembro.

MORENA TRISTE DE QUINTINO — Muito bonito êsse modêlo para tafetá e renda. Como vê o casaquinho de renda forrado de tafetá serve para «saída» e para cobrir o decote, cujo tamanho deixo a seu critério. Estudo: Temperamento afavel, impulsivo, entusiasta. Se você não fôsse precipitada e não agisse muitas vêzes sem refletir obteria maior sucesso em tudo aquilo que empreendesse. Possui certa independência e não suporta imposição dos outros. Seu gênio pode ir até à indignação. Por falta de reflexão pode errar fàcilmente. As datas mais importantes de sua vida são aos 15, 30, 45 e 60 anos. Os cuidados e as fadigas poderão prejudicar-lhe o sistema nervoso. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de julho e 23 de agôsto, 22 de novembro e 21 de dezembro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 21 de maio e 20 de junho.

OLGUINHA — Rio — Nada mais prático para o inverno que um bonito costume de lã. Seu estudo: Espirito sociável, alegre e generoso, capaz de conquistar muitas amizades. Pouca firmeza nos sentimentos, você é inteligente e amiga dos estudos. Gosta também de leituras transcendentes e é possivel que se aprofunde no espiritualismo. Fará algumas viagens agradáveis e provàvelmente depois do casamento mudará de cidade. Como possui facilidade para falar poderia dedicar-se à advocacia ou ao magistério. Há probabilidade de uma herança inesperada. Seu casamento será feliz. Será uma boa mãe e espôsa fiel. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de março e 19 de abril, 22 de julho e 22 de agôsto, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 23 de setembro e 22 de outubro.

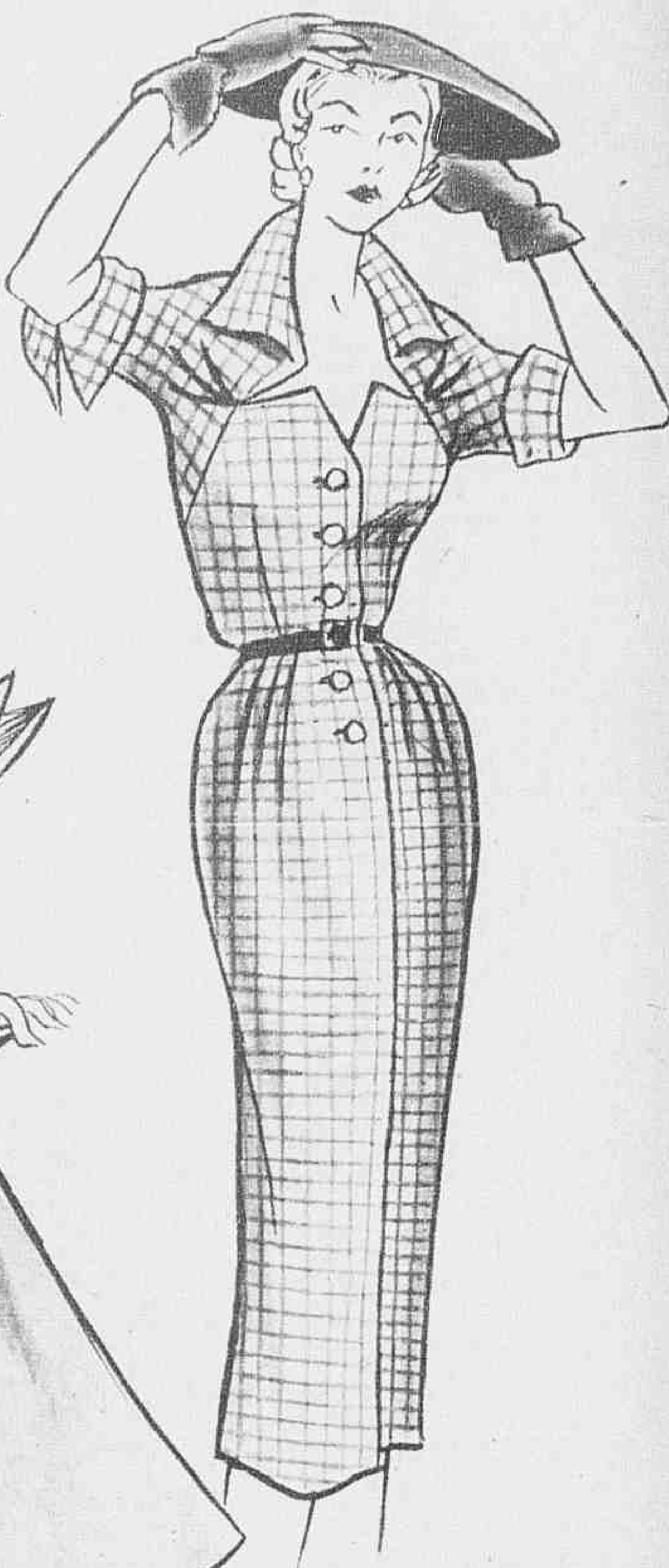
MARÍ LOURDES



CLEONICE



ÚLTIMA ESPERANÇA



MARÍ LOURDES BONKI — Curitiba — Uma pala redonda terminada com uma golinha colegial dá muita graça a êsse vestido de lã azul marinho. Se estudo: Você é idealista, receptiva, impressionável. Não se preocupa muito com o futuro, acha que êle a Deus pertence, entretanto me parece que deve pensar mais no dia de amanhã. Procure realizar seus projetos. Comece traçando planos fáceis e leve-os até o fim para ir-se habituando. Vencerá as dificuldades se tiver arrojo e energia. Por seus próprios esforços ou trabalhos conseguirá bens. Viajará bastante. Haverá mudanças na sua vida de doze em doze anos. Procure cuidar bem de sua saúde evitando excessos. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de junho e 21 de julho, 23 de outubro e 21 de novembro, 21 de abril e 20 ed maio.

CLEONICE — S. Paulo — Muito interessante ficará o seu vestido de lã com uma gola e botões de fustão branco. Seu estudo: Você é inteligente e sensível à beleza e às artes. Deveria conduzir seus estudos para um só fim e tirar deles os melhores proveitos possíveis. Para isso deve ter mais firmeza e não mudar de idéias a todo o instante. Raramente você termina os trabalhos que inicia. Não se apaixone. Precisará de sua mente clara para estudar o caráter das pessoas que a cercam. Amigos fiéis e bons poderão ser-lhe útil nos momentos difíceis. Terá também outros falsos e invejosos que irão prejudicá-la se neles confiar. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de setembro e 22 de outubro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 24 de julho e 23 de agôsto.

ÚLTIMA ESPERANÇA — Friburgo — Muito engraçadinho ficará o seu vestido de lã xadrez se copiar êsse figurino. Seu horóscopo: Temperamento afetuoso, afavel, alegre, equilibrado. Você sabe julgar as coisas com critério. Possui notável espírito de justiça. Gosta de divertir-se mas não descuida dos seus deveres de boa dona de casa, das boas leituras, dos estudos. Sofrerá a influência dos outros, às vêzes nem sempre benéfica. Há um mistério na sua vida que só você conhece e que a preocupa muito. Procure agir corretamente sob todos os pontos de vista e verá como tudo corre bem. Não vejo razão para pessimismo desde que não se deixe influenciar por pessoas mal intencionadas. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 21 de maio e 20 d ejunho, 24 de julho e 23 de agôsto.

MEMORIAS DE JUCA DA SILVA

JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO

Por todo o próximo mês será lançado pela Editora A NOITE, o romance "Memórias de Juca da Silva", da autoria do jornalista Heitor Gurgel. O autor que estréia no gênero, dará oportunidade ao leitor de encontrar-se numa cidadezinha do interior do Brasil, onde os mais altos problemas são tratados na porta da Prefeitura ou sôbre o balcão da botica, onde se reunem diàriamente, os mandatários da cidade. Escritor de fino estilo, ficcionista de grande naturalidade, Heitor Gurgel teve a prefaciar a sua obra, outro romancista de grande talento e festejado em todo o Brasil: José Cândido de Carvalho, autor de "Olha para o céu Frederico", e de poesias que têm encantado a nova geração. José Cândido de Carvalho que escreveu a sua "Conversa à moda de prefácio", é também um consciente jornalista, cujo labôr à serviço da democracia o recomenda. Eis a "Conversa à moda de prefácio" que abre o magnifico romance de Heitor Gurgel: "Memórias de Juca da Silva", de lançamento da Editora A NOITE:

"Apresento hoje ao respeitável público um punhado de gente feita de papel, inteligência e tinta. Gente bôa e gente má. Mas, de qualquer maneira, criaturas vivas, que desfilam por êste livro com as suas aspirações, rancores, virtudes e defeitos. E sobretudo, senhores, desfila, uma cidadesinha que é um amor, a boa Tacuí, mais cidade de carne e ôsso do que propriamente de pedra e cal. Tacuí encalhou, como nau aventureira, montanhas das Minas Gereais. E como por êsses montes, ao cair da noite, há uns jasmnis amorosos, Tacuí resolveu ficar. Botou igreja e farmácia. Casa da Prefeitura e Câmara. Precisamente, nessas paragens é que vive o pequeno mundo do livro de Heitor Gurgel. E' claro que não nasceu em Tacuí. Lembro-me bem. Estas "Memórias de Juca da Silva" nasceram no verão passado, na redação de "O Estado", entre cafezinhos e exigências das linotipos. Uma noite, com água de Deus nas goteiras do velho casarão, notei que Heitor Gurgel não tomava parte nos debates. Rabiscava uma notas. Pensei logo com os meus botões:

— E' soneto de chave de ouro.

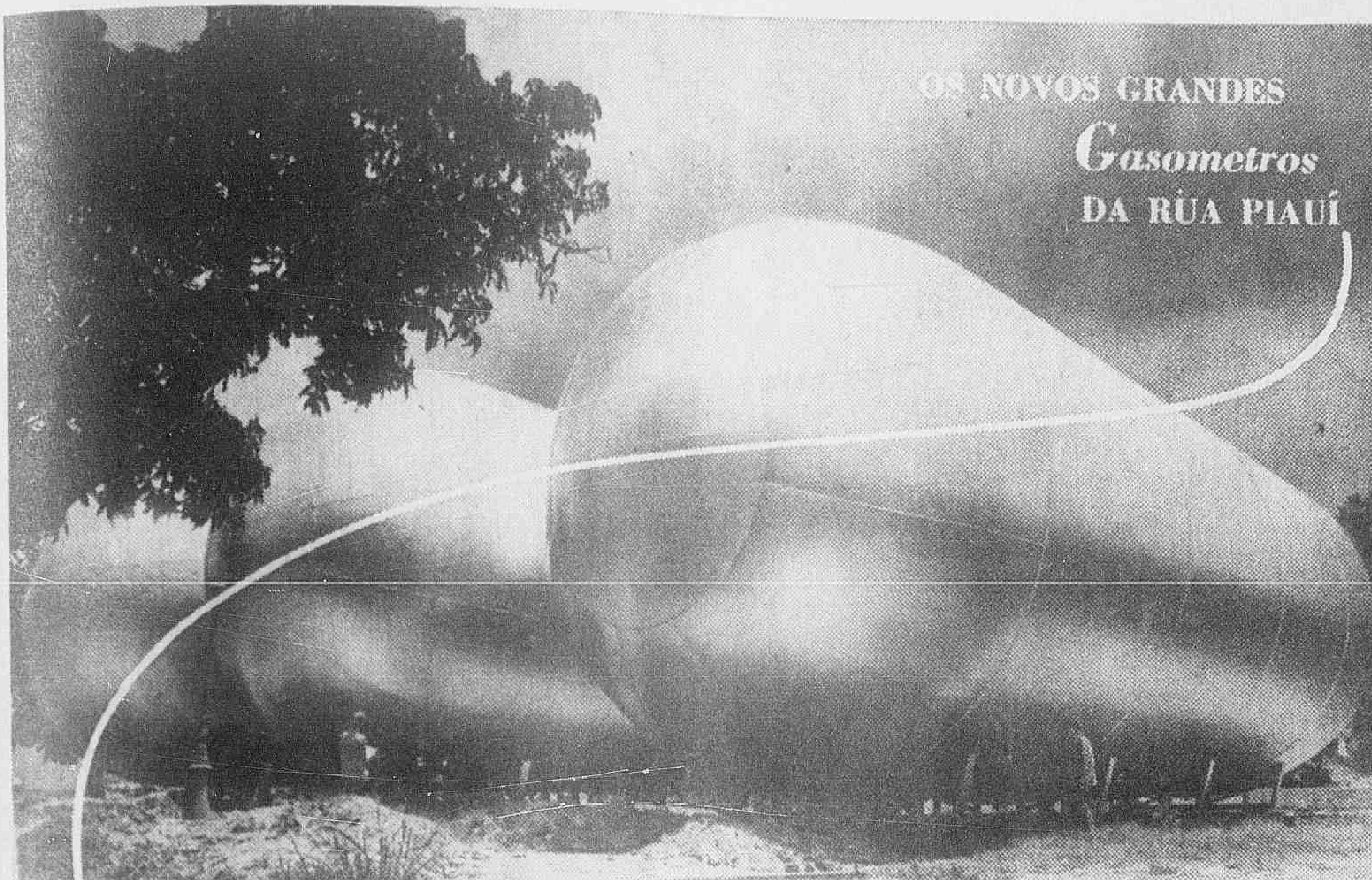
Enganei-me. Mais tarde, discretamente, como quem fala em derrubar instituições, Heitor Gurgel me disse ao pé do ouvido:

— Escreve um romance. Coisa para quilômetros de papel.

Foi assim, senhores, que nasceu Juca da Silva, livro bem escrito, gostoso, feito com aquela ternura que Heitor Gurgel coloco em tudo o que faz. E' claro que Heitor Gurgel não é romancista para grandes descidas à alma humana, tipo verruma à Balzac. Nada disso. Mas, "em verdade vos digo", que nem por isso deixa de criar uma Humanidade tôda sua. Os leitores, dentro de pouco, travarão relação com o povo de Tacuí. Alguns antipáticos, outros interessantíssimos. O prefeito Erasmo, por exemplo, que a oposição municipal teima em dizer que bebe à saúde do erário público por um canudo, bem que me encantou com os seus modos mansos de ver as coisas. Tudo nêle é medido. Até o amor em Erasmo é administrativo, sempre dentro das melhores verbas orçamentárias. Homem de sentimentos tipo Tabela Price, êle é uma forte figura em todo êste sugestivo trabalho de Heitor Gurgel. O mesmo não se dá com outras pessoas, que são apenas "flashs", figuras de sub-solo. Mas não pensem que vou contar, nêste simples e despretensioso prefácio, tôda a história dos personagens de Gurgel. O livro está às ordens. Só posso garantir que Heitor Gurgel realizou um trabalho muito bem flores. Pois fiquem certos que essa cidadesinha de Tacuí, em dias de outrora, quando havia primavera, quando havia folres. Pois fiquem certos que essa cidadesinha de Heitor Gurgel é uma beleza. Recanto para lua de mel, bem feito de corpo, cheiroso, bem lavado e bem passado. E ao deixar Tacuí, quando Heitor Gurgel liquida o assunto, foi para mim um momento bastante penoso. Lá me fui no trensinho que pulava nos trilhos, dizendo desafôros pelos descampados de Minas Gerais. Ao longe, a igrejinha de Tacuí apontava a sua torre para o céu. Uma paz de altar descia sôbre os vales e as campinas envolvendo ternamente, à melhor maneira de Heitor Gurgel, as terras e as coisas. As coisas e as terras benditas de Tacuí".



O jornalista e escritor Heitor Gurgel, que é também diretor de "O Estado" de Niteról



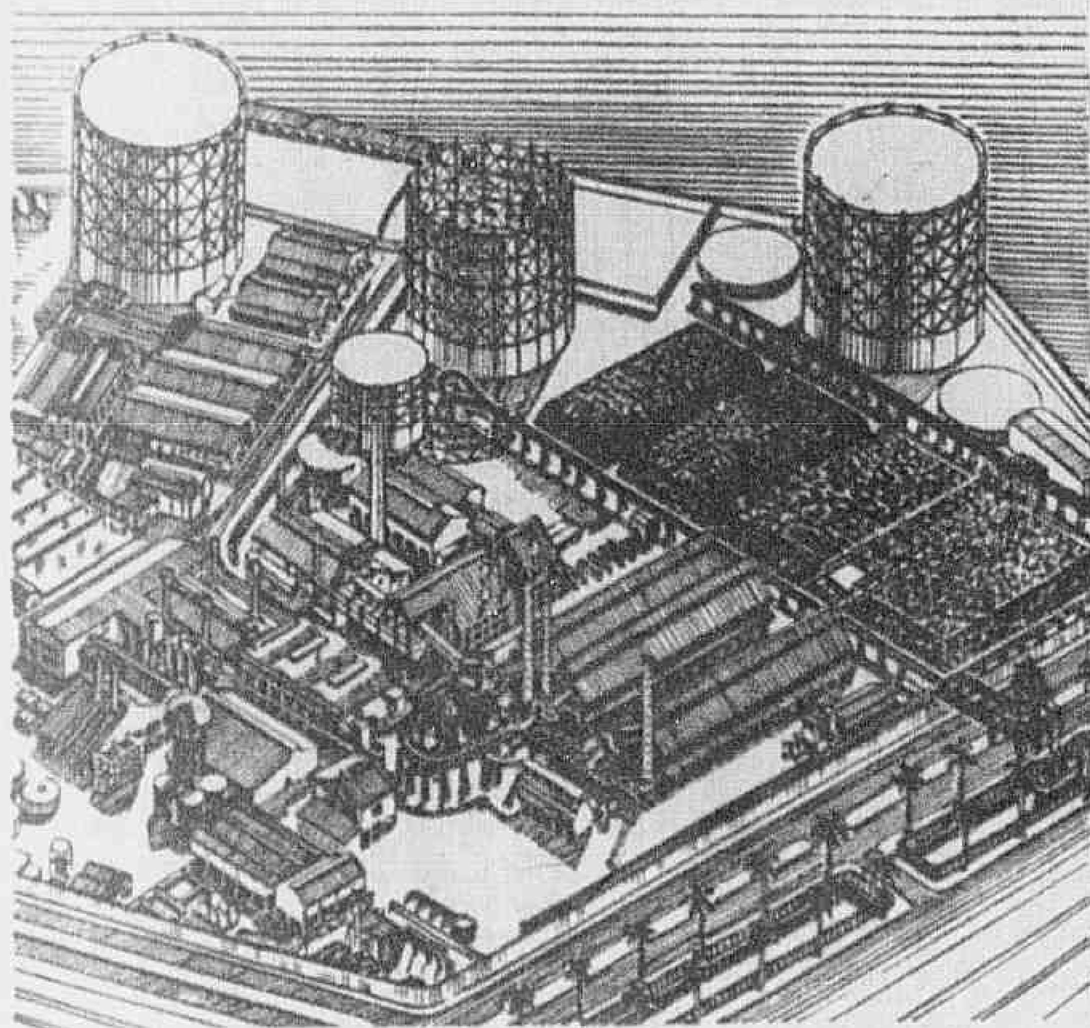
ACOMPANHANDO O PROGRESSO

DA GRANDE CIDADE

Êsses gigantescos balões de côr prateada, instalados na nova estação distribuidora de gás da rua Piauí, em Todos os Santos, foram recentemente postos em operação para beneficiar a populosa Zona Norte da Cidade.

Cada um dêsses reservatórios, dotados de possantes compressores que permitem levar o gás mais longe, tem capacidade para armazenar 3 435 metros cúbicos de gás — quantidade esta suficiente para o preparo de 10 000 refeições.

Pelo contínuo aperfeiçoamento técnico dos seus serviços, procura sempre a Companhia servir mais e melhor.



A moderna fábrica de gás do Rio de Janeiro



A ENGENHARIA A SERVIÇO DO PROGRESSO

Escada de Lances

HILDON ROCHA

ROMANCE E EXPERIÊNCIA

Verifica-se, entre nós, um fenômeno muito curioso e sintomático, na vida literária: os chamados "romancistas puros", antes de tudo romancistas têm vivido largos períodos de férias. Não fôsse alguns exemplos últimos de interrupção — José Lins do Rêgo com "Os Cangaceiros" e Jorge Amado com o recente "Nos Subterrâneos da Liberdade" tais férias já se teriam tornado desalentadoras.

A geração que depois de 1930 elevou o gênero ao seu ponto de mais intensa efervescência e projeção — tanto os escritores do Nordeste quanto os da ficção introspectiva — se encontra como que estenuada (ainda não se pode dizer esgotada), é o que tudo faz acreditar. Até êste momento não é outra a verdade E se José Lins do Rêgo e Jorge Amado não se puserem com as duas recentes produções, à altura do que de admirável produziram, não teremos dúvida de anunciar o estiolamento da extraordinária safra. Quanto a "Cangaceiros", apesar da nova estrutura estilística, de mais consciência técnica, já não será lícito desconhecer que se trata de um romance sensivelmente abaixo de "Fogo Morto". Também sôbre o último de Jorge Amado, em que pese a extensão e a ambição de que reveste, "roman-fleuve" do nosso tempo e de nossas inquietações e lutas, — nada de definitivo poderá alguém dizer. Livro de côr ostensivamente política, bem escrito que nos pareceu por alguns capítulos, — não evitará os juizos apaixonados, as afirmações e negações violentas, que o seu conteúdo não deixará de suscitar. Por outro lado a preocupação de fotografar quase diretamente aspectos e figuras do cenário político e social da nossa época, não deixará de ser uma ameaça aos critérios de autonomia que jamais deixara de presidir à confecção de verdadeira obra artística.

Voltando à crise apontada na novelística regional-nordestina, aceitamos o fenômeno com certa dose de tristeza, pois é verdade que, com todo o seu desajuste no tocante à forma e à profundidade que deve ser inalienável à fixação dos caracteres e da psicologia dos personagens, os romancistas do nordeste ainda assim resistirão como o grupo mais vigoroso, mais numeroso também, de tôda a história do romance brasileiro.

Ao lado da equipe tipicamente regionalista, se destacou, com igual irradiação de talento e força criadora, o grupo do romance introspectivo, que tem em Lucio Cardoso, Octávio de Faria, Cornélio Pena e Graciliano Ramos que pertence às duas correntes), os seus mais genuinos representantes. Eram "os romancistas", proprietários exclusivos do gênero, formando uma cadeia que se insulava e se limitava, sendo temeridade a alguém incorporar-se a ela. Alguns deles, muito jovens e realmente talentosos, se viram elevados a alturas, das quais — pensaram ingenuamente — nem o tempo nem o futuro os viria remover.



José Lins do Rego

O tempo, velho e sorrateiro inimigo de tôdas as castas e de tôdas as tiranias, já começou a abrigar a nossa grande família nos domínios que sempre reserva a tudo que um dia acaba merecendo um capítulo nas páginas do seu interminável e sibilino caderno de anotações. Irreversivel por sua própria fatalidade, serenamente começa a abrir, a reabrir caminhos outrora fechados e abandonados, para que se retomem os valores artísticos que aquela gente rebelde tanto subestimou. Eles próprios, chegados os primeiros cabelos brancos, amainadas as primeiras explosões, diluidos os volumosos veios da arrebentação inicial, — começam a aceitar o que tanto repudiaram. Aí estão com menos impulso porém com maior consciência de seu trabalho. Os dois romances citados nos revelam um José Lins do Rêgo e um Jorge Amado domesticados, usando a língua e o vocabulário com maior solenidade, quase constrangidos e cerimoniosos. Terá valido a pena o esfôrço que despenderam nessa auto-disciplina? Não faltará, inclusive entre os que condenaram neles a desarrumação da forma, quem os prefira na expressão antiga: tosca, mas autêntica; sem apuro, mas convincente e vigorosa. A culpa será da experiência e da cultura? Ou, na verdade, estará o mesmo no "fogo morto", irremediavelmente morto?

RAUL DE LEONI E O SIMBOLISMO

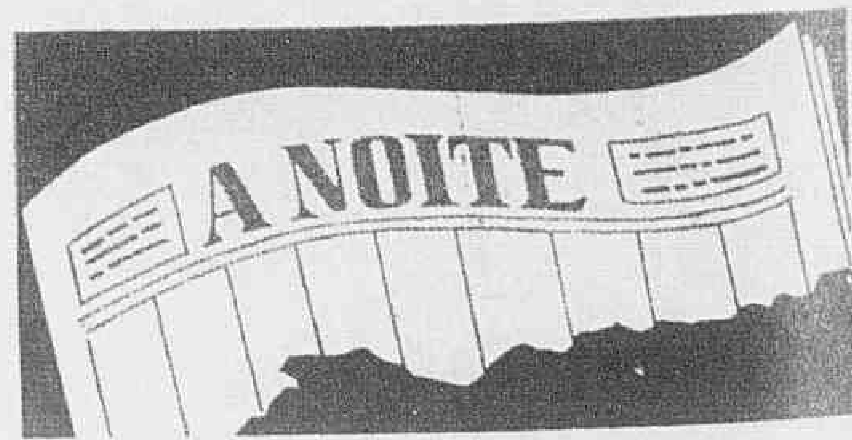
"Leoni morreu moço, em 1926. — "Esclarece Sergio Milliet, no terceiro volume do seu "Diário Crítico". — Cedo ainda — continua o crítico paulista — portanto, para que se possa dizer qual teria sido a sua linha literária a partir da consolidação do modernismo. Vejo-o muito bem, contudo, numa evolução algo semelhante à de Ronald de Carvalho e com as portas da Academia abertas à consagração do seu talento.

Fala-se do poeta como um dos poucos representantes do simbolismo entre nós. Não o sinto tão perto desse movimento. Pelo menos não me parece que as soluções formais do simbolismo o tenham comovido seriamente. Jamais se deixou embalar pela fluidez dos impares, nem pelos sestros vocabulares e sintáticos da escola. Teria sido, imagino, um homem como Valery, dado ao jôgo das idéias e em busca de uma perfeição difícil. Já nos poemas de "Luz Mediterrânea" se percebe essa pureza, ainda não de cristal duro, mas de linho imaculado.

Sob o ar transparente e o céu macio,
Abre-se em luz a concha colorida
Do vale do Arno...

A doçura dos ritmos apenas marcados é a característica desse poema sôbre Florença, com que se abre "Luz Mediterrânea" e que se ajusta admiravelmente à transparência e ao movimento da paisagem descrita:

Têrres mortas e suaves perspectivas
E o colégio longínquo dos teus muros,
Recordando a moldura azul dos Ape-
[ninos...





Em 40 anos de existência, A NOITE tem sabido manter uma conduta das mais sóbrias em assuntos de interêsse público.

Tanto o leitor do comentário oportuno, sempre redigido com elevação e equilíbrio, como o apaixonado pela reportagem vibrante, clara e precisa, têm em A NOITE o jornal de sua preferência.

Por isso, o "vespertino da cidade" goza de geral simpatia junto às classes produtoras do país, onde o seu exemplar é folheado com vivo interêsse. Também os anunciantes preferem A NOITE para a divulgação certa dos seus produtos. Comprova essa assertiva o expressivo número de centímetros diários dos anúncios estampados em suas cuidadosas páginas.

Ler A NOITE é estar ao par de todos os acontecimentos nacionais e estrangeiros. Anunciar no "vespertino da cidade" é vender mais pelo menor preço.

"A NOITE" .. O VESPERTINO DA CIDADE

PRAÇA MAUÁ, 7 — 3.º ANDAR — RIO



FIGURA VIVA

BENÉ NUNES

PIANISTA

Bené! ou Bené!, gritava dona Josefina Nunes da Silva, mãe de Bené — quando precisava dêste e êle estava entregue às brincadeiras de rua, praticando para guarda, a caça de (simbólicos) ladrões, que penetravam não sei aonde, era furtado de suas brincadeiras pelas obrigações que lhe chamavam em casa.

Bené, nasceu em janeiro de 1920, na casa 14, da rua Carolina Keydner, no bairro do Catumbi. Não concorreu a nenhum concurso de robustez infantil, mas pesava com nove meses, quatro quilos e quase quinhentas gramas, aproximadamente. Foi batizado com o nome de Benedicto Francisco José de Penha Nunes da Silva. O Benedicto é com "c", e a Penha fôra promessa de sua progenitora. Na sua familia, todos são católicos e usam uma medalha no peito. Bené tôdas as vezes que mostra uma medalha, beija-a. No seu bairro sempre foi travêsso e chefe de turma. Nas folgas faziam comandos pelas vizinhanças. Apagavam as luzes das casas, desligando o relógio da luz, mexiam com quem passava e era a turma do empata...

Certa vez, Bené encontrou um ladrão de verdade e pôs a mostra o seu traquejo de guarda. Saiu perseguindo o gatuno e foi tirá-lo de cima de um telhado, armado de duas pedras e entregou a um vigilante de verdade.

Bené estudou na Escola Frei Caneca, transferindo-se depois para a Escola Alemã. No Lafayete, sempre foi distinguido como bom aluno, e liderava o lugar de honra. Sòmente perdeu o primeiro lugar para Armando Ramos. Nêste ano, conseguiu tirar zero virgula zero de comportamento, e Armando triunfou mas continuaram amigos, até hoje.

Na familia de Bené todos tocam piano — até dona Dedé, que êle chama de Mãe Preta. Ela era empregada da sua

(Conclui na página 63)

SHORT

De PAULO DE SINHÁ

•

HOJE é dia de São João. As autoridades pedem que não sol[illegible] [illegible]ões. Ouçam e não soltem fogos, também. Soltemos nossas [illegible] e [illegible]mos em busca de cangica, milho verde e festas nas [illegible] dos [illegible]. José Medeiros é grangeiro. Lucio Cardoso, fazendeiro. [illegible] os pintos da granja do Medeiros e comer com o "Uisky [illegible]" (de nosso Brasil), na fazenda do Lucio. Acendemos uma fogueira e deixemos que a madeira queime e pulemos por cima das brazas. Não levemos Nelson Rodriguês — levemos Milton Rodriguês que dirá poesia de Tobias Barreto, para nós todos.

Na Bahia, Joaquim Menezes canta Exú e Iemanjá, enquanto prepara os cenários para o filme de Myriam Moema, "[illegible] Revista [illegible] Tropas", que Waldemar Paiva dirigirá. A bordo do "[illegible]" [illegible] francês, Menezes pediu ao garçon uma laranja [illegible] [illegible] francês, o homem de blusa branca lhe trouxe um [illegible]. Seg[illegible] São João e os santos dos mares — foi tomar [illegible] providên[illegible] "festival da Bahia" — santíssima providência...

Hélio Motta, aquele rapaz das noites do Plaza-Copacabana, [illegible]barcou no "Provence" e é portador de um longo abraço para o poeta Vinicius de Morais. Chegou São João, e em Santa Tereza, s[illegible] com Adacto Filho. Ele reapareçe no "Duse" como professor de "Estetica da Palavra". Serge Singer está morando no "Chalé Uruçú Mir[illegible]", e mostrou seu bar de caracteristicas existencialistas ao pessoal da imprensa. Estavamos todos limpos, inclusive o artista "sartiano". Churchill chorou quando recebeu a medalha da Ordem da Jarreteira.

No "Hotel Glória", Tapajós recebeu a velha guarda. Acordes [illegible] lá, acordes prá cá, e um delírio geral. Linda Batista fez anos [illegible] [illegible]vidou tôda a velha guarda! Adolfo Cruz entrevistou [illegible] senhora mãe de Cyll Farney, e esta desmentiu categoricamente que seu filho tenha intenões de desposar a senhora Fada Santoro.

Antonio Costa é o novo quimico de Capacabana. Seu laboratório é no "Hotel Califórnia", aonde é preparado os melhores "Cuba-Libres" do Brasil. Helena de Lima esteve de passagem pelo Rio. Ninguém ouviu sua voz melodiosa de brejeira vocalista. Por que ainda soltam fogos? Chegou Arturo de Córdoba e os rapazes que fizeram cinema aqui, continuam a verem fitas. Soltem fogos agora. O "Correio da Manhã" viu passar seu quinquagésimo terceiro aniversário. O "Diário de Noticias", fez vinte e quatro anos, e João Condé imprimiu seu "Jornal de Letras", no seu quinto ano de circulação. Soltemos fogos mas vamos prender os balões. No "Country-Club", Bené Nunes realizará magnifica festa, e da cidade de Guaramiranga, no Ceará, o notável reporter radiofônico, Mario Garofalo, telegrafa para Névio Macedo: "Ouvindo muito bem nestas alturas". Ivan Meira prepara para a PRF-4 um programa sôbre teatro com peças inéditas de autores quase inéditos. Circulará uma notícia que o professor Simeão Leal escreverá um programa de rádio para a "Jornal do Brasil". Grande iniciativa.

Feliz São João.

Beatriz Consuelo voltou e Jonald pretende ir até a União Soviética.

ARTE RELIGIOSA, CHAGAS E OS SANTEIROS DA BAHIA

H. PEREIRA DA SILVA

A ARTE religiosa, lá por volta do século dezessete, não contaria com artistas brasileiros que se impuzessem à admiração da elite clerical, salvo a do pintor Frei Pilar — considerado o nosso Fra Angélico, porém, nascido em Flandres — e o mestiço Chagas, legítimo representante de uma raça em formação, que de si legou o talento, mas não o nome, talvez devido à condição social da sua individualidade humana.

O simples e humilde protegido de uma elite dominante não seria, ao que parece, permitido mais do que a incumbência de alguns trabalhos, sem a projeção do nome. Um apelido, como no caso do Aleijadinho, seria o suficiente. Isto, viria, mais tarde, tornar complexa a tarefa dos estudiosos. Por muito tempo, Antonio Francisco Lisboa permaneceria ofuscado pelo Aleijadinho.

Quanto ao santeira da Bahia, o mesmo fenômeno se verifica. O povo, tal como o de Vila Rica, também o chamaria, não pelo nome obscuro, mas por um apelido coerente com a sua aparência.

Neste ponto, é interessante assinalar a analogia entre os dois grandes primeiros modelares de motivos religiosos surgidos entre nós. Tanto um, como outro, guardada a devida distância do talento ao gênio, isto é, tendo-se em mente a superioridade do Aleijadinho, com todos seus "defeitos", sôbre seu "correto" antecessor, foi auto-didata.

O traço que os aproxima, é o da origem parda. Podemos supôr, levando em conta que o preconceito de côr naquela época impediria a valorização de um "cabra" qualquer, ter sido a sua epiderme fator prejudicial ao reconhecimento da sua arte. Muito já fôra obter, como artista, a graça da igreja.

Mencionam também alguns historiadores das artes plásticas o nome de outro santeiro, sem dúvida alguma, o primeiro de que se tem notícia, pois seus aparecimento remonta pouco após o descobrimento do Brasil. Chamava-se Diogo Jacob. Sabe-se muito pouco a seu respeito. Na verdade, nada mais do que [illegible] era de origem judaica e esculpia [illegible]as sacras primorosas.

[illegible], no mesmo século de Mestre [illegible] e de Antonio Francisco Lis[illegible] [re]gistra a crônica a existência dos [sant]eiros Felix Pereira, Bento Sabino dos Reis, Manuel Inácio da Costa, Rodrigues Machado e João Pereira — que se destacaram no ofício de esculpir imagens religiosas.

Os recursos de que dispunham, é bem verdade, não proporcionavam grandes probabilidades artísticas. Mas se em um daqueles santeiros, ou mesmo na totalidade deles, um escultor dormia à espera do despertar eterno, tal sucederia com o aparecimento do Aleijadinho, ao tempo, provàvelmente mero aprendiz a quem não se daria muita importância.

O apelido de Antonio Francisco Lisboa, assim como o de Chagas, embora se possa argumentar que ao toreuta mineiro devotava o' povo comiseração pela sua aparência física, escolhendo um diminutivo para designá-lo, denota pouca consideração ao indivíduo social. Cabra é termo pejorativo, geralmente utilizado para definir um tipo nordestino de maus precedentes. Daí a expressão: "cabra ruim", corriqueira naquela região do país.

Também, às vezes, a mesma expressão serve para indicar justamente o inverso. Temos então, assim, o "cabra bom", traduzindo admiração. De qualquer forma, porém, revela, senão quebra de respeito, ao menos certa familiaridade contrastante com a distância que a arte costuma impor.

E' que, sendo o artista resultado de qualidades inatas e esforços conjugados tenazmente na realização de um ideal, necessita, para o vulgo, de algo mais quando na realidade isso é o essencial. Côr, posição, estabilidade econômica e outras causas poderão influir — e de fato influem — na formação do artista; mas, ou êste nasce para o fim a que se destina sua existência, ou morre sem atingi-lo.

O santeiro Chagas, "cabra bom" no ofício, transcendendo a sua época, impõe-se como o primeiro brasileiro genuino que cumpriu um destino artístico.

Pena sejam tão escassas as notícias biográficas a seu respeito. Injustiça que procuramos reparar dentro de exiguas possibilidades, pois não dispomos de material mais sólido do que imprecisas informações colhidas em leituras nem sempre proveitosas. Valerá, portanto, talvez a intenção que alimentamos em fazer o levantamento de uma figura esquecida, cujo nome de Chagas, incompleto e vago como o apelido de Cabra, aguarda o redescobrimento da sua personalidade humana e artística.

* * *

Capítulo importante êste em que, na evolução da escultura nacional, avulta o apelido de um artista cujo nome por exetenso se ignora negligentemente.

Chagas, ou simplesmente Cabra, espera o seu biógrafo através da afirmação inquietante da sua obra. E quando isto suceder, seu nome, há tanto substituido por um apelido de dúbio significado, como o demonstramos páginas atrás, poderá se inscrever entre os de Mestre Valentim e Antonio Francisco Lisboa, formando assim, a trilogia em potencial da nossa expressão artística.

Trabalhou bastante êsse esquecido da sua gente, paradoxalmente a mais zelosa dos seus filhos. A Bahia, verdadeira claque na proclamação dos seus valores, ainda não cuidou devidamente da sua glória. Absorvida, talvez, por outras consumadas, relega ao ostracismo um nome, concedendo a um apelido, certo relêvo estadual. Migalha para quem merece um banquete de admiração extensivo a todo território nacional.

São inúmeras as imagens que se encontram nas igrejas baianas legadas por êsse "cabra" portador de um destino amargo, sofredor. Entre as que se destacam figuram "São João e Madalena", o grupo de "Nossa Senhora das Dores", "Nossa Senhora do Monte do Carmo", "São Benedito".

Dizem os visitantes e mesmo a crônica histórica que a perfeição de uma dessas imagens chega a dar a impressão de que os olhos da mesma acompanham os fiéis.

Em tôrno de Chagas giram algumas lendas, pois o povo, como sempre acontece, atribui a causas misteriosas as criações de um artista co mas suas características.

Êle não compreende a função intuitiva que rege a existência singular do artista. Não concebe a realização sem mestre. E, ao que tudo indica, Chagas não conhecera, senão vaga orientação artística. Seu talento compensando essa aparente insuficiência, levá-lo-ia no entanto, a obter o mesmo resultado alcançado por um mestre.

Na verdade, outra não é a sua posição entre os santeiros, que a de um inigualável modelador de imagens. Depois dêle outros surgiram. Mas, a esta próxima genialidade, serviria de guia a Felix Pereira, Bento Sabino dos Reis ou a Monoel Inácio da Costa, reputados mestres da Bahia.

De Felix Pereira, na Matriz de Santana, existe "A Padroeira" e uma "Nossa Senhora das Dores", sendo também a êle atribuida a imagem do "Senhor dos Passos e Vera Cruz" que se encontra na capela da Ajuda.

Quanto a Bento Sabino dos Reis, em posição de igualdade artística, temos "S. José" e "São Joaquim" na Matriz de Santana, além de trabalhos outros não identificados. Segundo consta, salientara-se em vida, como um dos mais apreciados artistas do seu tempo. Fez escola e deixou discípulos.

Mas do que podemos hoje concluir, a honra de uma verdadeira obra prima cabe a Manoel Inácio da Costa Mais do que simples santeiro, senhor de um ofício, vemos no seu "São Pedro d'Alcântara", um artista invulgar. O convento de São Francisco guarda para eternidade dos séculos, essa relíquia sacra. Há, porém, como que transpondo os limites do que se convencionou chamar, com certo descaso, santeiro, uma peça

(Conclui na página 57)



DA NOITE PARA O DIA

BRINCANDO, BRINCANDO, JÁ ESTAMOS NO MEIO DO ANO

Escreve MARLY SOREL Rainha do Cinema Brasileiro
Especial para CARIOCA

E JA' estamos no meio do ano! Como os dias têm passado depressa... Como as noites têm sido belas e rápidas. O Carnaval parece que foi ontem e já a turma tôda do rádio está cuidando de suas próximas gravações carnavalescas, Breve recomeçará aquela luta de sempre: bailes, batalhas, "shows", programas diretamente feitos para o povo e irradiados para tôda parte. Só mesmo quem participou de uma "batalha do Carnaval" pode fazer idéia do que ela seja. Não se tem tempo para nada. Não se tem um instante de sossêgo. Programas na rádio, programas na rua, programas nos clubes. E dois, três programas por dia. Às vezes quatro e cinco. Canta-se em Botafogo e já se sai correndo para Madureira. Acaba-se de cantar em Madureira e já se vai às pressas para o Grajaú ou Irajá. E, após todo êse esfôrço, a vitória no Carnaval é uma questão que depende sobretudo de sorte...

* * *

Grande "show" da Nacional em Friburgo. O último, recentemente realizado naquela cidade, constituiu um sucesso imenso para os artistas que dêle participaram e tiveram a alegria de se vêr aplaudidos por uma multidão calculada em mais de 20 mil pessoas. O "show" do próximo domingo será no estádio local. E terá, naturalmente, a mesma assistência numerosa do anterior. Eis aí um grande prazer para mim: ir à Friburgo e cantar para o seu povo. Amigos de Friburgo, amanhã estarei com vocês.

* * *

Mais uma vez o nosso rádio brilhou nas irradiações do jôgo realizado na Suiça. O serviço foi admirável, perfeito. A rapaziada da reportagem esportiva esteve incansável e graças ao seu esfôrço pudemos acompanhar, nos seus mínimos detalhes, tôda a magnífica exibição do selecionado brasileiro, que conquistou uma vitória tão brilhante para o nosso país.

* * *

"Big", foi a festa da Linda realizada, em sua "boite", na noite de seu aniversário. Lá estavam, além de grande número de artistas, várias pessoas de destaque social, como o governador Amaral Peixoto, a Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, o ministro Décio Moura, o Sr. Sergio Vasconcelos e muitas outras que foram levar à aniversariante os seus votos de felicidades. D. Nênê e a Dircinha figuravab também entre os presentes, associando-se às homenagens prestadas à querida "estrêla do Brasil". No "show" especial oferecido a Linda, cantaram diversos elementos da Nacional. Foi a nossa espontânea contribuição à festa da colega que todos estimam e admiram.

* * *

Gilda de Barros destaca-se no Teatro Recreio na peça "As urnas vão ralar", com um quadro da Bahia, cantando o seu recente sucesso "Eu sou a outra", samba canção de Ricardo Galeno, gravado pela própria Gilda, em discos Odeon. Gilda de Barros, atúa, também, no sexteto de Raul de Barros, na Nacional, às segundas-feiras, e ainda na Rádio Mayrink Veiga.

* * *

O meu Fã Club sorteiou, no meio de minha correspondência, algumas cartas para eu responder. Não houve preferência. Porquê todos quantos me escrevem merecem igualmente o meu aprêço. A todos sou igualmente agradecida pelo interêsse que demonstram pela minha carreira e pelas palavras gentis que me dirigem. Foi um sorteio. E aqui vão as primeiras respostas:

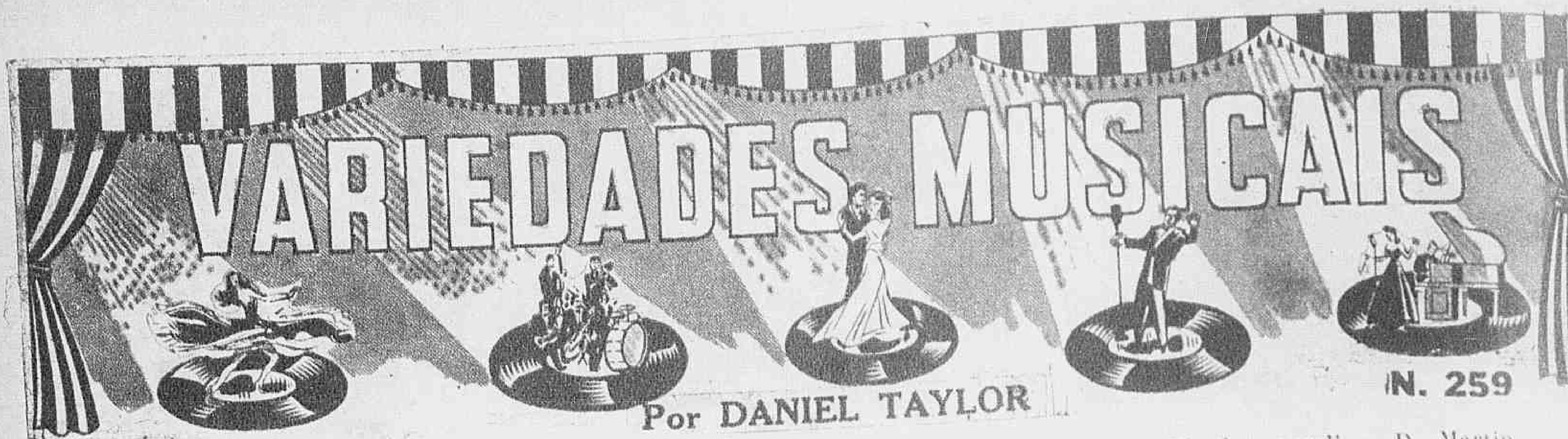
GRACINDA LEITE . Rua Barão de Petrópolis. — Muito obrigada por tudo. Estou encantada. Agradeça em meu nome à todos êsses amigos que contribuiram para o magnífico presente que me enviaram.

(Conclui na página 56)

QUEM SERÁ O FUTURO REI DO RADIO?



No auditório da Tupi: apresentação dos candidatos ao título de «Rei do Rádio de 1954», vendo-se na foto várias «estrêlas» que estiveram presentes ao desfile



Por DANIEL TAYLOR

VALORES NOVOS QUE SURGEM

Temos recebido várias cartas de jovens que desejam prestar seus serviços à música popular brasileiro, nas quais elogiam a nossa iniciativa, ao lançarmos "Valores novos que surgem", que visa, únicamente, incentivar aqueles que amam a música de sua pátria.

Antes de publicarmos mais algumas produções de novos letristas, queremos chamar a atenção dos nossos compositores para que lhes dêem uma "chance", compondo uma música para cada letra. Qualquer apresentação poderá ser feita, mesmo, pelo cronista que assina esta seção. Vamos, pois, às letras que selecionamos para hoje:

"LUZ DE LAMPIÃO"

(Letra de Carlos Aquino)

Luz de lampião
A neblina a te envolver
Faz escurecer
Esta rua de ilusão

II

Embaixo desta luz
Um dia...
Eu vi teu corpo
Que ainda hoje me seduz

III

Embaixo desta luz
Sozinhos, ela e eu
Depois não mais a vi
Soube que morreu.

"GARRAFAS PARTIDAS"

(Letra de Carlos Aquino)

Garrafas partidas
São garrafas perdidas
Nas ruas...
No chão...

II

Corpos de mulheres nuas
Que andam pelas ruas
Com garrafas na mão

III

Garrafas partidas
O que sãoõ... O que são?...

"CENTENÁRIO DE ARACAJU"

(Letra de "Sergipano")

Sergipanos assistem ao seu centenário
Levando bem alto a sua bandeira
Para comemorar êste aniversário
De Aracaju, cidade bem brasileira.

II

Encanto do nosso Brasil
Aracaju revive seu 1º. centão
Junto ao seu povo varonil
Hospitaleiro de coração

III

Venham ver de perto,
Povos de outras terras.
Sergipe, de braços abertos, espera
Para que conheçam a sua gente,
Suas paisagens, suas praias
E levem consigo na mente
O progresso que nele impera.

——:——

OBSERVAÇÕES — O letrista Carlos Aquino, residente à rua Direita da Piedade 29, Salvador — Bahia, "fan" incondicional de Angela Maria, prefere que suas letras ("Garrafas partidas" e "Luz de lampião") sejam gravadas pela "Rainha do Rádio". Está esperançoso de encontrar um compositor de bom coração... O outro jovem letrista — "Sergipano" (fêz absoluta questão que publicassemos seu pseudônimo, bem como que olvidassemos seu endereço...) — vendo aproximar-se o centenário de Aracaju, fêz a letra acima, que achamos bastante sugestiva. Olhem que o centenário é em 1955...

HIT PARADE

Segundo as estatísticas, aqui vão as dez melodias classificadas no mês de junho:

1.º) "Piano maluco" — P. Dágua
2.º) "Oh!" — K. Griffin
3.º) "1x1 — J. do Pandeiro
4.º) "Rio Antigo" — A. Carrilho
5.º) "Encantamento" — A. Maria
6.º) "Vaya con Dios" — Trio L. Panchos
7.º) "That's amore" — D. Martin
8.º) "Blue gardenia" — N. Cole
9.º) "By the light of the silv'ry moon" — D. Day
10º.) "Forró no limoeiro" — J. do Pandeiro

A MÚSICA DO LEITOR

WANDA C. RIBEIRO — (Rio) — Eis a letra de "Pretenda", versão brasileira, de Alfredo Ribeiro, da bonita composição americana de Douglas, Parma ne La Vere, "Pretend", popularizada pelo "branquinho" Nat "Kin" Cole:

Pretenda sempre ser feliz
Esqueça todo dissabor
Quem lembra alguém a quem já quis
Não pode, amor,
Viver feliz.

Pretenda sempre o amor de alguém
Saiba fugir, porém, da dôr



Esta é a mais querida cantora de músicas portuguêsas, na capital bandeirante. Chama-se Irene Coelho, que, na foto, está acompanhada de seu sobrenome...

Quem faz sòmente o que convém
Não pode, amor.
Querer alguém...

Pretenda sempre fingir
Que logo, logo há de vir
Ao seu encontro alguém
Fingindo amar também...

——:——

BRUNO DE OLIVEIRA — Rio) — Gratos pelas amabilíssimas palavras. Queira anotar a letra do fox de Leo Robin e Jule Styne, "Bye bye baby", gravado por Marilyn Monroe & Jane Russell, e apresentado no filme da 20th Century-Fox, "Os homens preferem as louras":

Bye bye baby
Remember you my baby
When they give you the eye
Altho' know that you care
Won't you write and declare
That tho' on the loose
You are still on the square
I'll be gloomy
Then my shadows will fly
Though you'll be gone for a while
I know that I'll be smilin'
With my baby, bye and bye,
With my baby, bye and bye.

——:——

MARIA DAS DORES — (São Paulo) — Aqui vai a letra de "É o amore", versão brasileira de "That's amore", feita por Haroldo Barbosa e gravada por Carlos Augusto:



O mui aplaudido cantor português, Manoel Monteiro, que estreou na Rádio Piratininga, com grande êxito, estará de volta ao Rio no próximo dia 30.



Os leitores já ouviram como Jorge Fernandes interpreta "Farrapo", sua última criação em discos. Vale a pena.

Na Itália eu vi — e traduzi:
Que "amore" — amor
É mais amor:
Quando a luz de uma estrêla
Parece mais bela — éo "amore"
Sino faz: Tin-ling-lin
Ting-ling-ling
Você diz: "Vita bella"
Coração tem palpitação
Faz imitação do que é "Tarantella"
Sempre há dois — Téte a téte
Em redor do "Spaghetti" — É o "amore"
Quando em tudo que passa
Você acha graça — É o "amore"
Quando você começa a falar
Muitas vêzes em "cuore"
Se a memória não falha
Na Itália — isto chama-se "amore".

RITMOS GRAVADOS

Na RCA Victor

Novidades em gravações: "Darktown strutters ball" e "I know how you feel", por Lou Monte, acomp. de Hugo Winterhalter e s/ Orq.; "Pa-paya mama" e "You alone" (Solo tu), por Perry "Temptation" Como, acomp. de Hugo Winterhalter e s/ Orq.; "Oh! my pa-pa" e "Until you said goodbye", por Eddie Fisher, acomp. de H. Winterhalter, s/ Orq. e Côro; "The sheik of Araby" e "You you you", por Noro Morales e s/ Orq.; "Parlami d'amore Mariù" e "Lasciami cantare una canzone", por Luciano Virgili; "High noon" e "A place in the sun", por Al Goodman e sua Orquestra; "Profeta" e "Hoje, quem sou", por Nelson Gonçalves; e "Amor perdido" e "Bolero dos namorados", por Wilson Roberto.

Na M-G-M

"Quando morre o dia" é o título do "Long-Play" de Lew White, que executa, em cada uma das oito faixas, em solo de órgão com acompanhamento de orquestra, as seguintes músicas: "When day is done", "Falling in love with love", "Make believe", "Someday I'll find you", "Frasquita serenade", "One alone", "Lovely to look at" e Zigeuner".

Na Decca

Aqui está um ótimo "Long-Play" de Robert Stolz e sua Orquestra, onde apresenta, sob o sugestivo título de "Festival de valsas de Johann Strauss, as seguintes composições dêsse imortal compositor: "Danúbio azul", "Contos dos bosques de Viene", "Valsa do imperador", "Tu e tu", Vinho, mulheres e canto", "Vida de

(Conclui na página 62)

Por trás do Dial

LÁGRIMAS DE SILVIO CALDAS

Leio, na "Revista do Rádio", insuspeitíssima, no caso, que "Silvio Caldas chorou, quando o "Programa Cesar de Alencar" foi transmitido do auditório da Rádio Nacional de São Paulo". É que, das três primeiras filas, reservadas às fãs da querida Emilinha Borba, saíram berros, clamando pela famosa cantora, ainda com o maior intérprete da nossa música popular no palco.

De cabelos brancos, Silvio, de tantas glórias e de tanta arte, chorou por causa de duas ou três dezenas de mocinhas histéricas, irresponsáveis, dessas que enxameiam os auditórios das emissoras e amortalham qualquer audição..

Eu compreendo as lágrimas de Silvio Caldas, lágrimas que o poeta chamaria de "linfa harmoniosa e cristalina" como a própria voz do cantor. É justamente por elas, numa homenagem ao ainda insubstituido cantor, é que, pela primeira vez, vencendo a minha repugnância, me refiro a essas doidivanas que infestam os auditórios e que, pagas ou não, se arregimentam ou são arregimentadas para aplaudir certos artistas e apupar outros.

É a ralé elevada à culminância de juiz, de árbitro, bilotando a fama, intimidando ou calando, forçando ou anulando vozes e carreiras; é a respulsiva glorificação da mediocridade, no desencantamento de quem, amargurado, vê e ouve, sabe e adivinha que essa patuléia é o máximo que uns poucos almejam.

É preciso separar o joio do trigo: ser fã é uma coisa, ser mercenário ou partidário, no sentido de isolar ou prejudicar quem não estiver nas suas graças ou interêsses, é outra, diversa e inaceitável. O pior é que os fãs estão se agremiando em clubes, numa indústria rendosa para umas "sabidas", como uma que conheço, que fundou e dirige nada menos de três fãs-clubes. Pois, hoje, quem quiser um fã-clube, é só dizer e gastar. Ainda vou desmascarar meia dúzia dêles.

Valho-me do ensejo para, solenemente, condenar a maneira como agem os fãs-clubes. Poderiam êles ser úteis e agradáveis, conforme já escrevi, há tempos, sugerindo-lhes, mesmo, uma norma de ação. Como estão, só para as criaturas primárias e desocupadas, de bolor no espírito.

Na sua destruição, atingiram um artista da grandeza e da tradição de Silvio Caldas. Por isso e tudo o mais, merecem a repulsa de qualquer pessoa de bem ou inteligente.

MIGUEL CURI

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI, Redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7, Rio.

Notícias

Brandão Filho na Rádio e TV Tupi * O violinista Fafá Lemos regressou dos Estados Unidos * Carmélia Alves e seu conjunto, com Jimmy Lester, José Menezes, Chiquinho e Pernambuco, brilhando em Buenos Aires * Stelinha Egg e Gaya seguirão para a França, esta semana * Ari Barroso parece que não vai mais para a Mayrink * Déo promete novidades — A Rádio Guanabara vai lançar o programa "Assim começam os astros", com Claudionor Cruz — Odair Marzano em férias, no Rio, com breves atuações na Nacional * Dia 29 dêste, no ginásio do Tijuca Tenis Clube, "Festa do Adeus", de Manezinho Araujo, despedindo-se, após 21 anos, da vida radiofônica. Todos os astros e estrêlas do rádio, cinema, televisão e teatro cariocas comparecerão. Ingressos à venda nas bilheterias da Nacional, do Tijuca e da A.B.R.

Vamos trocar cartas?

O "Cercle International de Correspondance, "Les Amis Du Courrier", ou seja, o "Círculo Internacional de Correspondência, "Os Amigos da Correspondência Postal", pede-nos para publicar e cobrar um anúncio. Vamos publicá-lo, sem mandar nenhuma conta para pagamento.

Quer o Círculo, com filiais em todo o mundo, que publiquemos o seu interêsse em receber propostas de correspondência e trocas de pessoas do Brasil. Aqui está o seu endereço: "Amis Du Courrier" — Rue Stappers, 5, Liege, Bélgica.

Peçam, diretamente, informações.

Cupão de inscrição

Isto aqui vale como um cupão. Mande-o junto com sua inscrição, na qual dirá porque pretende corresponder-se, dando, depois, o seu nome completo, idade, profissão, ocupação, endereço e, se os tiver, seus temas, idiomas e lugares preferidos. Recorte e envie êste cupão.

Damos, abaixo, o nome das pessoas que desejam iniciar uma troca de cartas com os nossos leitores, acompanhados de seus dados pessoais e preferenciais, se as tiverem:

DISTRITO FEDERAL — Dilnéa de Andrade e Cordely Araujo, 24 e 17 anos, contadora e estudante, com maiores de 28 e 20; Rua Guaíba, 194 e 201. Braz de Pina — José Maria Gomes, 20 anos, desenhista-retocador; Rua Barão de Petrópolis, 144-B, Rio Comprido — Luiz de Carvalho, 22 anos, vendedor-viajante, com moças de Minas e E. Santo e normalistas do Rio; Rua Maria José, 186, casa 3, Madureira — José da Silva, Oscar Silva, Enock Reis e Sebastião da Costa, de 18 a 21 anos, marinheiros; Cruzador Barroso, M. da Marinha — Juíra Costa, 22 anos, com maiores de 28 do Rio; Rua 23 de Agôsto, 20, casa 11, Ramos.

FRANÇA — Mle. Mireille David e Claude David, 14 e 16 anos, cartas e selos, em francês; 197 Avenue Victor Hugo, Clamart, Seine.

JAPÃO — Sr. Osami Yamamoto, 20 anos; 1.169 Takaoka Fuksaki-Cho, Kanzaki-Gun, Hyogo-Ken — Sr. Masuo Kitagawa, 23 anos, esportes, selos e fotografia; 1.023 Uruda, Chikussa-Mura, Mie-Gun, Kie-Ken — Osamu Abe, 21 anos, selos e esportes; 44 Motochabatake, Sendai-Chi, Miyagui-Ken — Takashi Takei, 20 anos; 5 Kamitate Shugino-Cho, Higuihi-Ku, Nagano. Todos são estudantes e se correspondem em inglês ou japonês.

PORTUGAL — Lisboa — Vasco Ribeiro, 22 anos, cartas e selos em vários idiomas; Bairro de São João de Deus, Rua 52, n.º 12-2.º Esq. — Adolfo Pais, com os 2 sexos, das capitais, em idiomas latinos e inglês; Rua 1.º de Dezembro, 29.

PARÁ — Belém — Maria Heloisa da Silva e Lourdes Godinho, 17 e 16 anos, estudantes com maiores de 18, cartas e trocas; Rua Dr. Assis, 48 — Regina Lucia Gonçalves, 19 anos, normalista; Trav. de Breves, 206 — Elaz Santos, 17 anos, estudante, com maiores de 19; Trav. Campos Sales, 453 — Fatima e Helena Mota Ramos, 17 e 16 anos, estudantes, cartas e trocas; Rua Benjamim Constant, 353 — Marivalda Barreiros, 16 anos, estudante; Vila Militar, 26-BC, N.º 2, Bairro do Souza.

CEARÁ — Fortaleza — Kity Fernandes, 16 anos, estudante; Rua Pedro Pereira, 1.636 — Itala Francy do Amaral, 18 anos, estudante; Rua Senador Pompeu, 453 — Roseana Mota, 25 anos, dentista, com diplomados e oficiais militares; Av. Visc. de Canipe, 2.121, Benfica — Nágela Cavalcanti, 23 anos, funcionária; Tribunal de

Justiça — Greyce Soares, 19 anos, doméstica; Rua Dr. Mozart Pinto, 58 — Lecia Claudio, 25 anos, comerciária, com Recife, Minas, S. Paulo e Pará, e Jane Oliveira, 20 anos, estudante, com militares; Rua Jaime Benevolo, 282 — Juvany Gonçalves, 22 anos, datilografa, com Bahia, Rio, S. Paulo e Rio G. do Norte; Rua Cons Tristão, 333.

MARANHÃO — S. Luiz — Rescane Oliveira, 18 anos, estudante; Rua Nina Rodrigues, 524 — Rochael Ribeiro, 17 anos, estudante; Rua José Bonifacio, 605 — Tania Miranda, 19 anos, estudante; Rua Joaquim Alfredo Fernandes, 18 — Nilza, Neide e Nilse Dias Arbués, 15, 23 e 16 anos; Rua da Corioca, 25, Monte Castelo — Socorro de Maria dos Santos, 18 anos, comerciária; Rua Osvaldo Cruz, 133 — Anna Flora Cruz, 15 anos, estudante; Rua Pereira Rego, 176 — Dady e Elmonare dos Santos, 16 e 17 anos, estudantes; Rua Padre Antonio Vieira, 57 — Carlinda Batista, 18 anos, comerciária; Rua Mariana, 27, Monte Castelo — Kedma de Carvalho, 22 anos, comerciária; Rua Afonso Pena, 394.

CEARÁ — Angela e Renata Maria Lopes, 18 e 19 anos, e Denise e Sandra Maria Ferreira, 20 e 22 anos, co mos 2 sexos do Brasil e exterior; Rua Pedro II, 7 e 5, Crato.

PIAUI — Teresina — Romanita Lustosa e Maurila Nogueira, 18 anos, estudante; Rua Lisandro Nogueira, 888.

PERNAMBUCO — Recife — Diva e Eva Diez e Maria Oliveiras, 19, 23 e 17 anos, com maiores dos 2 sexos do Brasil e exterior; Rua Cabo Epitacio Lucena, 80, Casa Amarela — Maria Rocha, 18 anos, estudante; C. Postal 191 — Heraldo de Almeida, 24 anos, universitário, com os 2 sexos, mormente de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Santos, Manaus, Port. e colonias; C. Postal 570 — Leone de Lancelott, 21 anos, estudante, com Brasil e Espanha; Rua Dr. Genaro Guimarães, 117, Encruzilhada — Marucia Fernandez, 21 anos, escriturária, cartas e trocas com os 2 sexos do Brasil, Espanha, Argentina e Portugal; C. Postal 1.194 — Marta da Fonseca, 19 anos, estudante; Rua Almirante Barroso, 40, Hipódromo.

MARANHÃO — Maria Emilia Pereira, 18 anos, datilografa, com marinheiros de 20 a 28, de Natal, Rio e Recife; Praça Ap. J. Pedro, 7, Ribamar.

PARAIBA — João Pessoa — Lucia de Fatima Cabral, 16 anos, estudante, com Minas, S. Paulo e Bahia; Rua da República, 535 — Celia e Lucia Maria de Oliveira, 18 e 20 anos, estudante e funcionária; Av. Vasco da Gama, 50 — Nancy Ferreira, 18 anos, comerciária; Av. 12 de Outubro, 619 — Marcos de Oliveira, 14 anos; Av. Silva Mariz, 51, Cruz das Armas.

SERGIPE — Valdete Silva, 19 anos, operária; Rua da Cancela, 19, Maroim — Maria de Lourdes Lima, 22 anos, funcionária; Rua Capela, 56, Aracaju.

BAHIA — José de Souaz Gomes 29 anos, sargento naval, com Sergipe e Pará; 6ª Cia. Regional, F. Navais, Salvador — Waiterlino Pontes, 20 anos, estudante; C. Postal 59, Vitória da Conquista.

ALAGOAS — Ecila Maciel, 17 anos, estudante; Rua Santo Antonio, 621, Maceió — Lenice Souza, 20 anos, costureira, com maquinistas e aviadores; Praça Romão Gomes, 20, Limoeiro — Maria Ligia, Tania e Lucia Helena, 19, 20 e 21 anos; Rua Visconde de Rio Belo, 65, Porto de Pedras — Maria Saldanha, Iza Mendes Guia e Marion Austregesilo de Athayde, 33, 24 e 19 anos; Rua João Pesoa, 36, 48 e 62, Porto de Pedras.

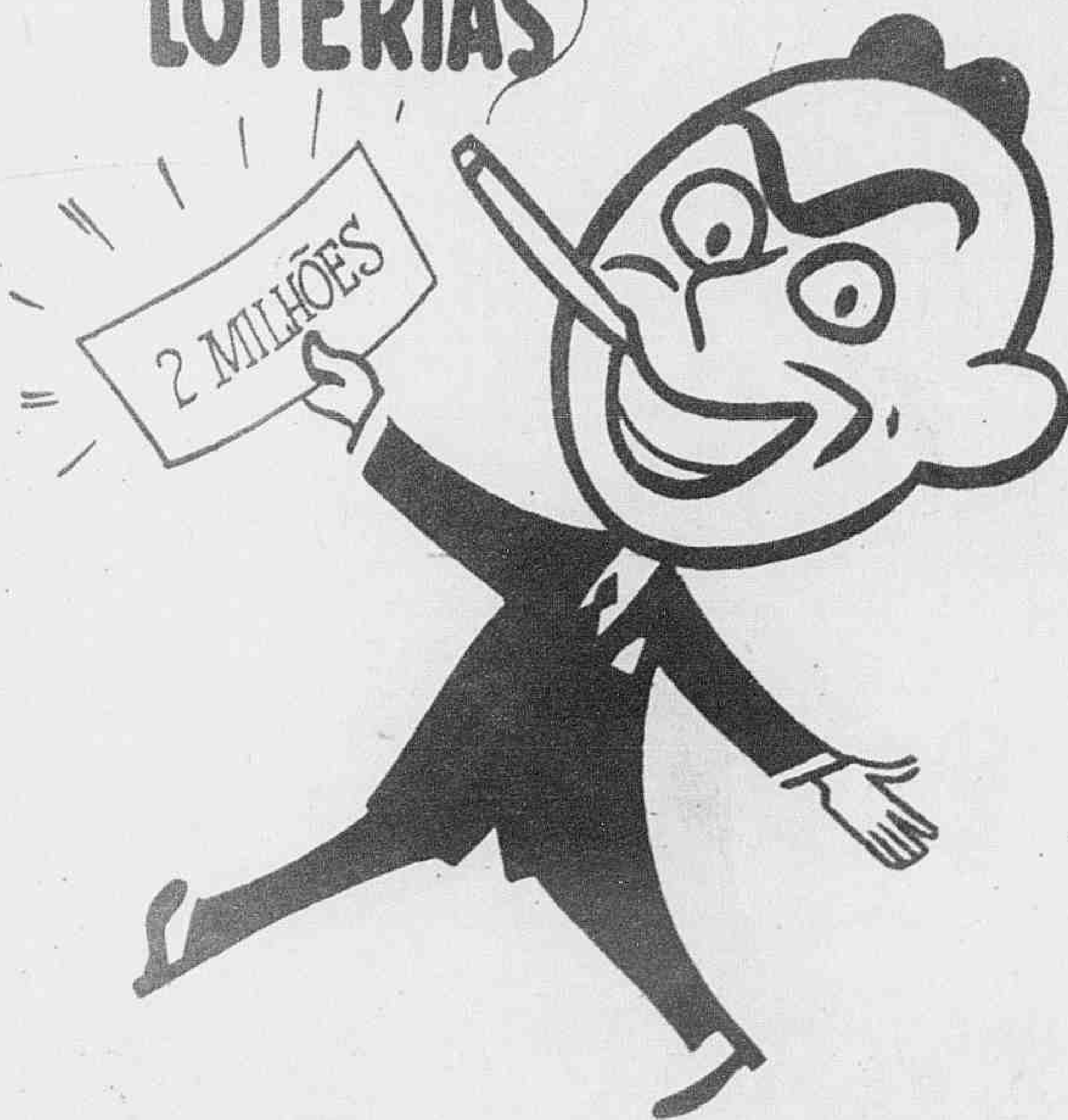
MINAS GERAIS — Elza Soares, 23 anos, com maiores de 26; Rua Marquês de Sapucaí, 513, Sabará — Elzira Maria Verissimo e Albenita V. Silva, 20 anos, domésticas; Rua Luiz Viana, 85, Itajubá — Vania França, Nancy Tavares, Deyse Mara e Icleia Coubert, 17, 16, 18 e 17 anos, estudantes, em inglês, espanhol e francês, cartas e trocas; Rua Gonçalves Dias, 3, A/c de Dr. Jorge Artur Fernandes, Monte Carmelo — Emilio Silva, 22 anos, aviador; A. Santos Dumont, 268-A, Belo Horizonte.

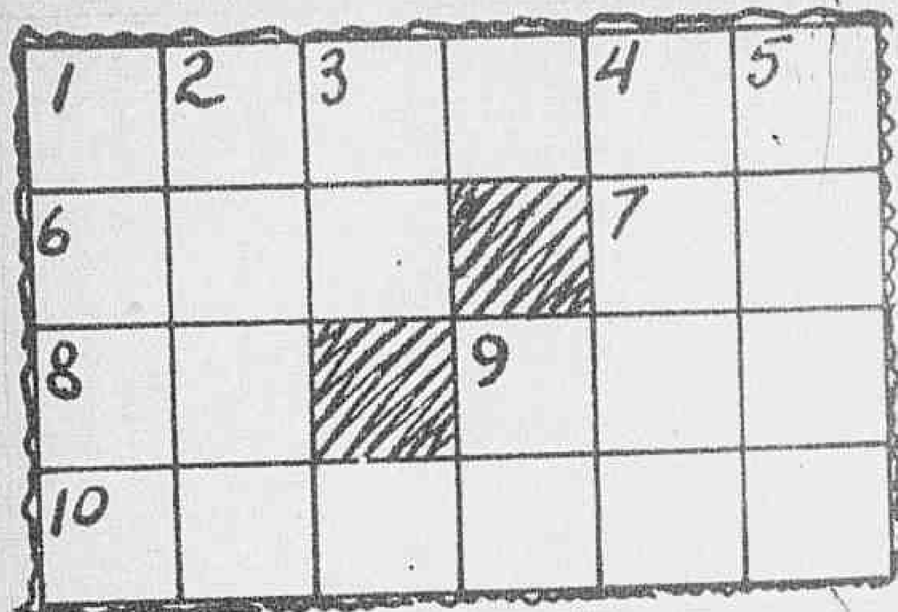
ESPIRITO SANTO — Cecilia Jacomeli, 20 anos, escriturária, com maiores; Rua Pedro Dias, 7, Cachoeiro de Itapemirim.

ESTADO DO RIO — Mario Gomes, 25 anos, comerciante; Rua Teixeira de Freitas, 30, apto. 401, Niterói — Pepe Guliar, 19 anos, es espanhol e português com Al., Fr., e Esp.; Hotel Cassino Icaraí, Niterói — Niltz Nara, 20 anos, escriturário; Rua Benjamim Constant, 197, Cantagalo — Heloisa Lima, 18 anos, em ing., fr. e port.; Rua do Lavapés, 98, Resende.

S. PAULO — Maria Cristina Paganelli, 19 anos, professôra, em ing. e port. com Br. e Port. sôbre literaturas inglesa, americana, luso e brasileira e música; Fazenda São Jorge, Jambeiro, Via Caçapava — Godofredo Ramos, 23 anos, cartas, postais e selos; Rua Com. Martins, 109, Vila Matias, Santos — Mario Moura, 18 anos, comerciário, esportes, cine e música; C. Postal 17, Pilar do Sul — Rosangela Alencar e Tania Mara de Oliveira, 16 e 17 anos, estudantes; Rua Araujo Leite, 4-77, Bauru — Miguel Gonçalves, 19 anos, escriturário e estudante, postais, sonetos e cartas; C. Postal 241, Franca — Janine

(Continua na página 60)





Para seu RECREIO

POR WILSON COUTO



Para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Espécie de paio, para se comer cru — 6. Naquele lugar — 7. O mais — 8. Nota musical — 9. Cachaça — 10. Balelas.

VERTICAIS: — 1. Compartimento principal de uma casa — 2. Voar — 3. Estudei — 4. Cama de lona — Pronome pessoal — 9. Pátria de Abraão.

Problema Teco-Teco

HORIZONTAIS: — 1. Encargo; tarefa — 7. Sol dos antigos egípcios — 8. Outra coisa mais — 9. Variedade de sulfato de alumina.

VERTICAIS: — Interj. para estimular — 2. Que não fica cozido — 3. Medida de Amsterdam — 4. Batráquio pela grafia antiga) — 5. Nome de homem — 6. Reze.



Soluções dos problemas do número anterior

Para novatos

HORIZONTAIS: — Semanário — Moraria — Somas — Sor.

VERTICAIS: — Em Mós — Aros — Namoro — Arar — Ris — Ia.

★

PROBLEMA VIDAL

HORIZONTAIS: Mal — Ror — Apaulado — Er — Má — El — Ei — Al — Oi — Nó — Si — Cataraca — Ore — Zas.

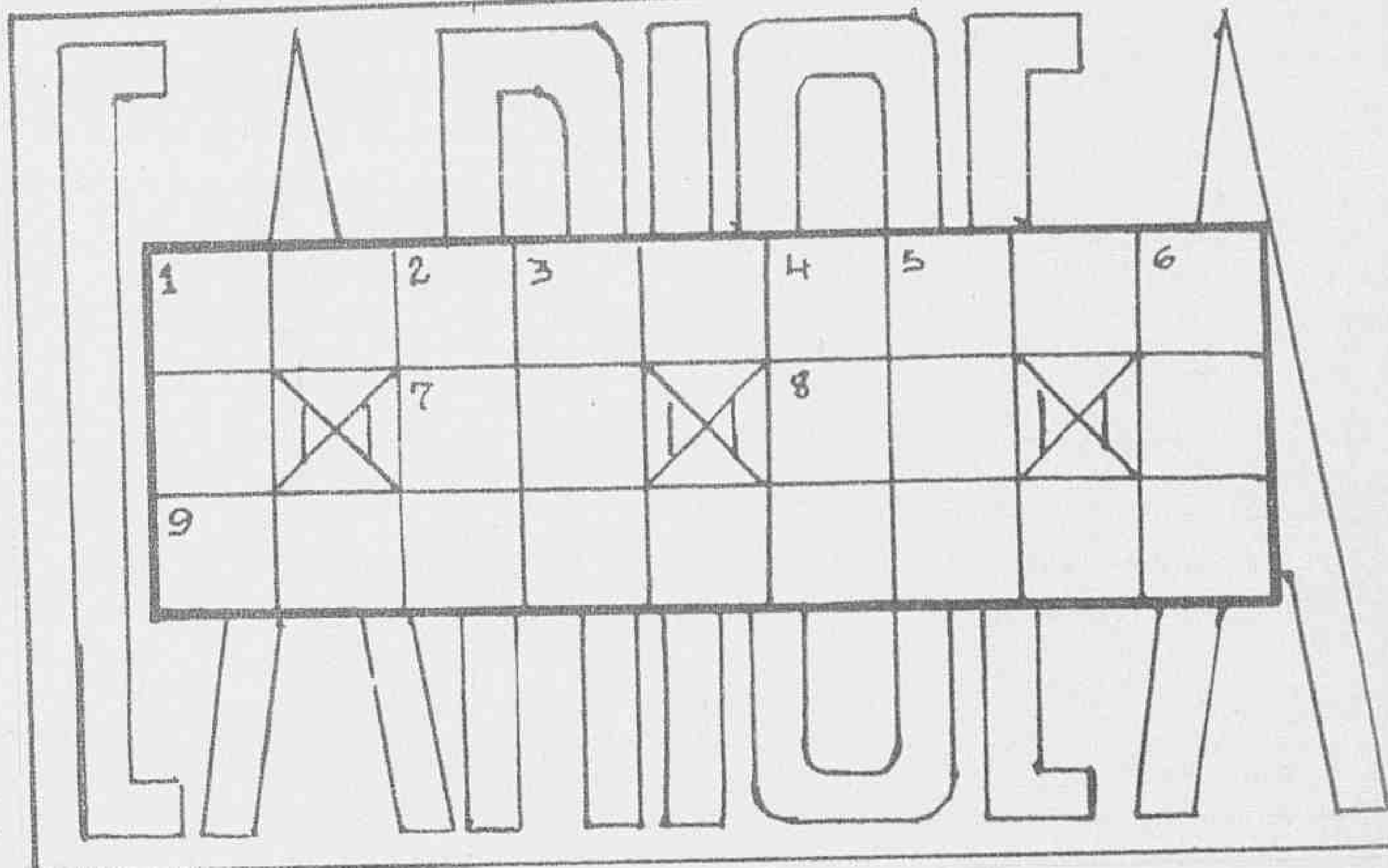
VERTICAIS: Mãe — Oco — Apreciar — Lá — Ia — Te — Um — Ná — Lá — Or — Rá — Ar — Az — Odalisca — Rol — Ias.

★

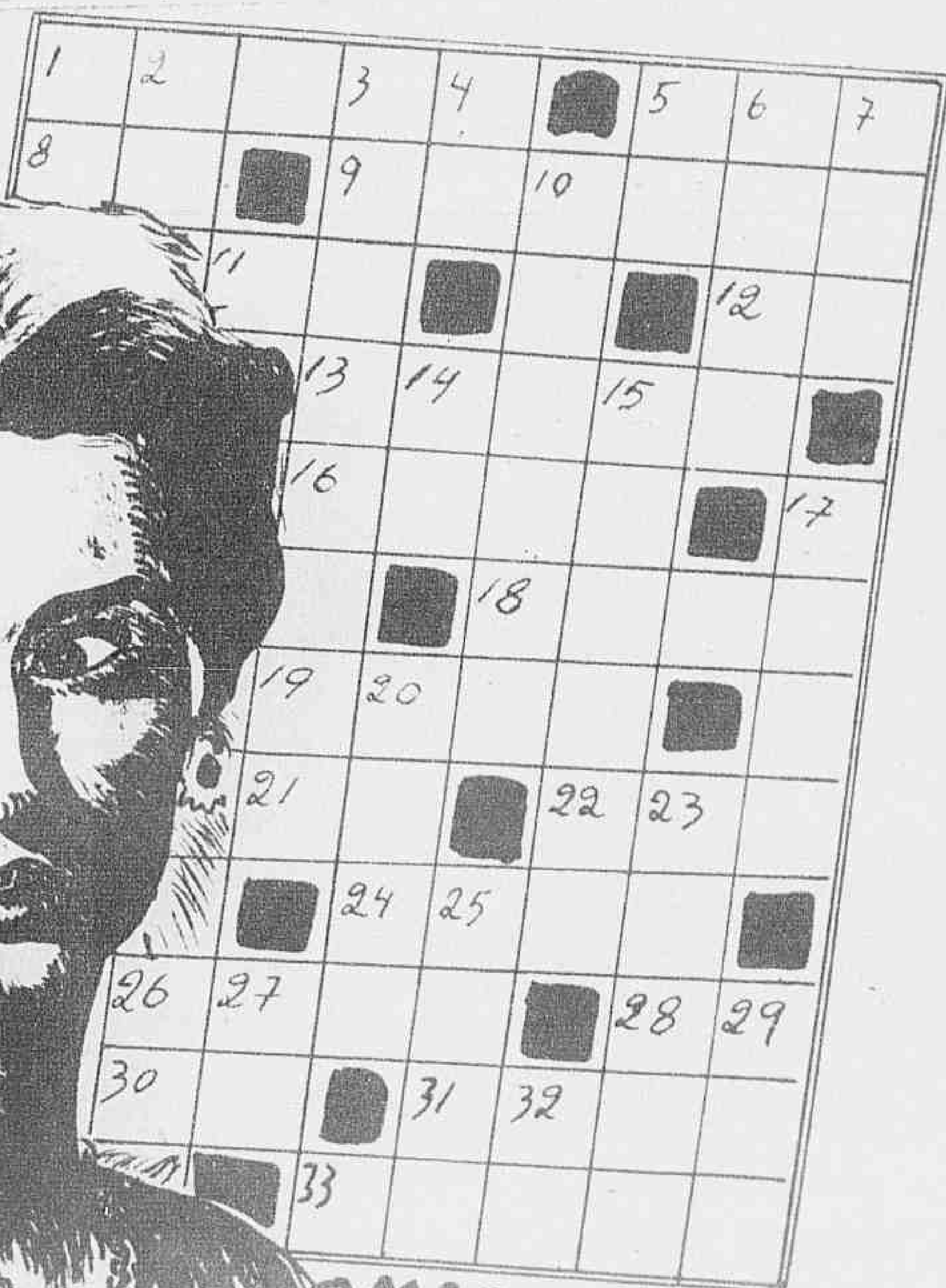
PROBLEMA ANDREY KEPBURN

HORIZONTAIS: Mal — Atadura — Ria — Os — Bá — Sal — Tom — Coral — Mas — Alar — Ar — Sá — Aru — Ectasia — Talo — Ir — Carestia — Era — Rá — Am — Alamar — Asarinas.

VERTICAIS: Tira — Ar — Pá — Oc — Apa — Eu — Após — Maretas — Sacar — Cima — Mar — Lós — Ata — Adia — Ara — Mi — Lua — Tal — Use — Bolas — Iara — Aram — Ralaras.







Problema Vera Ralston

HORIONTAIS: — 1. Curativo — 5. Colocar — 8. Aroma — 9. Princípio da vida — 11. Prep. que indica lugar — 12. Exímio — 13. Dar balidos — 16. Que serve de asas — 18. Vestuário de magistrado — 19. Único — 21. Exclamação de asco — 22. Vazio — 24. Repete — 26. Comediante — 28. Forma do pronome tu — 30. Além — 31. Gostar — 33. Planta da família das Aristoloquiáceas.

VERTICAIS: — 1. Instrumento agrícola — 2. Símbolo do Érbio — 3. Nome dado a depósitos antiquíssimos, situados ora na costa, ora em lagoas ou rios do litoral — 4. de outro modo — 5. Terra — 6. Rezar — 7. Título abissínio — 10. Ato ou efeito de relatar — 14. Símbolo do Alumínio — 15. Raivosos — 17. Cauda — 20. Planta da família das Crucíferas — 23. Pegar — 25. Variedade de abelha que faz ninho no chão (plu.) — 26. Outra coisa — 27. Basta — 29. Mendigo de Itaca — 32. Arrieira.

Pergunte o que quizer

Esta seção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas à PERY RIBAS, Redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7. Rio.

CARLOMAR — Rio — Aí vai o final da filmografia de Normal Talmadge: "Burguesa e fidalga" (A Daughter of Two Worlds), "Dever de gratidão" (The Woman Gives), "Sim ou não?" (Yes Or No), "Maculada" (The Branded Woman), "Aviso revelador" (The Sign On the Door), "Uma coisa adorável" (The Wonderful Thing), "Flor de paixão" (Passion Flower), "Quanto pode o amor" (Love's Redemption), "Morrer sorrindo" (Smiling Through), "A duquesa de Langeais" (The Eternal Flame), "A voz do minarete" (The Voice from Minaret), "Dentro da lei" (Within the Law), "Cinzas de vingança" (Ashes of Vengeance), "Canção de amor" (The Song of Love), "Segredos" (Secrets), "A única mulher" (The Only Woman), "A grande dama" (The Lady), "Amor e príncipe" (Graustark), "Kiki" (idem), "A dama das camélias" (Camille), (todos na Firts National); "A mulher cobiçada" (The Dove), "Pecado sem mácula" (The Woman Disputed), "Noites de New York" (New York Nights), e "Du Barry a sedutora" (Du Barry, Woman of Passion). Ramon fez "bits" em "Eugenia Grandet" e "Os 4 cavaleiros..." Aquele filme de Claudette, "Amor audaz", foi esquecido por um lapso, ao copiar a filmografia para responder ao leitor em questão, pois o mesmo filme consta da minha lista. A "estrêla" francesa só fez a versão francêsa de "Slightly Scarlet", cuja versão original (não exibida no Rio) teve a interpretação de Evelyn Brent. Nada sei sôbre Bogart em "O temerário". Êle trabalhou em "Corpo e alma", de Elissa Landi. O primeiro filme que fez foi "O queridinho das mulheres" (Devil With Women), da Fox. Não se baseia naquelas biografias, em geral erradas.. modéstia à parte. O título de "Alimony", de Warner Baxter, é realmente "Renda ruinosa", da FBO. Também foi um descuido meu. O título de "Aloma of the South Seas" é "A conquista da felicidade". Convém não escrever tão seguido. O meu espaço é pouco. E existem muitos leitores...

★

RONALDO SANTOS — Rio — Grato pela colaboração. Já sabia de "Filhos roubados" — depois de ter respondido ao leitor citado, encontrei o título brasileiro. 1.º — O título certo é "Studio Murder Case". 2.º — O título exato é "Forgotten Faces". "Heliotrope" é o nome da história original, na qual foi baseado o argumento. 3.º — Os filmes de Harry foram "Garçon galante" (Service for Ladies), "Um gentleman de Paris" (A Gentleman of Paris), "Serenata" (Serenade), "Quarteto de amor" (The Magnificent Flirt), "Martini Cocktail" (Dry Martini), no cinema mudo; "O melhor da vida" (Laughter), "Raffles" (idem) — dita que dirigiu pela metade, pois foi terminada por seu antigo protetor na França, o grande realizador já falecido, George Fitzmaurice, "Isto aconteceu no moinho" (em três versões, rodadas na Espanha: inglêsa — "It appened in Spain", espanhola — La Traviesa Molinera", e francêsa — "Le Tricorne"). No Brasil, foi apresentada a versão em inglês, aliás igual às outras duas, exceto no idioma do diálogo. Foi um dos cineastas mais finos que o cinema possuiu. Não sei porque deixou de dirigir. Como deve saber, começou em Hollywood, como assistente de Chaplin, com o qual trabalhou três anos.

★

JOSÉ LUIZ — Salvador — Sua carta está dando trabalho... Preciso de tempo para organizar as filmografias pedidas. Os principais filmes de Gigi Perreau (não tenho a lista atualizada) foram: "Madame Curie", "Duas garotas e um marujo", "Vaidosa", "Águas tenebrosas", "De todo o coração", "Os super-homens", "Yolanda e o ladrão", "O crime do farol abandonado", "Sonata de amor", "A ilha encantada", "A rua do Delfim Verde", "Encantamento", "Lua de mel.. com pimenta", "Roseanna", "O segredo da boneca", "O meu maior amor", "Perdida de amor", "Apuros de um anjo", "Sinfonia prateada" e "Divina intuição". Como vê, quase todos de sua relação.

★

GARY — Rio — O título brasileiro de "The Sun Shines Bright" será "O sol brilha na imensidade".

★

JACÍ — Pelotas — Ray Middleton (que não tem nenhum parentesco com o falecido ator Charles Middleton), nasceu em Chicago. Cantou óperas, trabalhou no palco (em operetas) e no rádio. Estreou no cinema em 1940, no filme da Republic, "Gangs of Chicago". Outros filmes seus, daquela época foram: "O carnaval da vida", "Hóspede inesperado", "Mercy Island" (cujo título brasileiro também não tenho), "Dama por uma noite" e "Jornada trágica". Voltou ao cinema sem 52, em "Minha vida te pertence" (I Dream of Jennie), do qual a leitora gostou tanto. Realmente, a fita é inferior às anteriores biografias de Stephen Foster, mas as músicas dêste compositor — [illegible] a famosa "Oh, Susanna" — [illegible] quer filme mesmo em [illegible]. Depois desta última película [illegible] outro musical "tricolor" [illegible] Republic (a única companhia em que tem trabalhado), com quase o mesmo elenco de "Minha vida" e o mesmo diretor — "Sweetheart On Parade" — que naturalmente não tardará a ser apresentado na Princesa do Sul.

★

MARISA — Petrópolis — O garoto (hoje rapaz...) Bobby Breen não trabalhou mais em cinema. Seu último filme data de 1939 — "Fuga para o Paraiso" (Escape to Paradise). A lista de suas fitas — apenas oito — é a seguinte: "Cantemos outra vez" (Let's Sing Again), "Cantando saudades" (Rainbow On the River), "Música do coração" (Make a Wish) — que é a película à qual a leitora se refere, cujo título esqueceu...", "A voz do Hawaii" (Hawaii Calls), "Piruetas do destino" (Breaking the Ice), "Vida de pescador" (Fisherman's Wharf), "Terra abençoada" (Way Down South), e a primeira citada. ão tenho o enderêço de [illegible].

★

JANUS — Rio — Realmente, escapou-me o filme "Beijou-me um bandido", na filmografia de An Miller. Grato pelo reparo.

★

OSWALDO FREITAS — Rio — Não posso confirmar a presença de Mae Clarke no filme "Flor do lôdo" (Kitty), de Paulette Goddard. Tenho uma vaga lembrança de que ela apareceu naquele filme. Se algum leitor puder informar-me, desde já agradeço.

★

GINO FERREIRA — Pôrto Alegre — A filmografia que pede de Rosalind Russell, é a seguinte: "O mistério do cassino", "Pânico na Casa Branca", "Uma noite encantadora", "Chantage", "Quando o diabo atiça", "Cadetes do ar", "Tentação dos outros", "Mares da China", "Um tenente amoroso", "A lei do destino", "Sob duas bandeiras", "Mulher sem alma", "O clube dos suicidas", "A noite tudo encobre", "Vive, ama e aprende", "Amando sem saber", "Amor de ida e volta", "A cidadela", "Um susto por minuto", "As mulheres", "Jejum de amor", "Espôsa emprestada", "Isto é amor", "A vida é uma comédia", "Aventura no Oriente", "Ciume não é pecado", "Quando Eva con-

(Conclui na página 63)

MIRO CERNI...

(Continuação da página 9)

lícula dirigida por Luciano Salce, êle contracena com Cacilda Becker e Silvia Fernandes. Seu papel revela o drama de um médico cujo coração luta entre o amor e o dever. Além daquelas duas "estrêlas", Miro Cerni terá ainda ao seu lado a bela Ilka Soares; Gilda Nery, que estrelou "Uma Pulga na Balança", Marina Freire, lembram-se da prima Clara, de Sinhá Moça? Liana Duval numa ponta muito bem valorizada, juntamente com Lola Brah, na figura de uma "mulher fatal" decadente. Como vêem, Miro sempre anda bem acompanhado.

AMORES NA TELA E FORA DA TELA

Há que distinguir entre amor no cinema e fora dêle. Quem entretanto poderá responder com segurança à pergunta das fãs: é verdade que Silvia Fernanda e Miro Cerni amam-se na tela e fora da tela? Não seremos nós evidentemente que vamos responder pois que, os sentimentos íntimos de cada um só podem ser definidos pelos próprios donos. Mas deixemos as indiscrições para os indiscretos. Falemos da vida de Miro Cerni, o gerente comercial de importante firma construtora, o estudante de economia que estuda muitas vezes nos "sets", no intervalo de uma cena e outra. Estuda — reparem bem — a matéria da Faculdade de Economia, pois isso o "tiraria" da ação do filme — mas sim, o "script" em filmagem. E' êsse um dos característicos de Miro: a seriedade com que trabalha. O que quer significar que êle tem profundo respeito pelos fãs e quer apresentar-lhes um trabalho realmente valioso, capaz de corresponder à confiança que nêle depositaram. Miro fêz o curso ginasial no Colégio Militar. Em seguida conquistou o diploma de ciências contábeis. Atualmente, sem prejuízo de uma coisa ou doutra, cursa a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio. Não pensa em abandonar o cinema, nem deixar o comércio, pois dá para conciliar as diversas ocupações.

CONCLUÍDA A FILMAGEM DA PELÍCULA «FLORADAS NA SERRA»

No dia 5 de junho corrente foram concluídas as filmagens do romance de Dinah Silveira de Queiroz. Desde aquela data Luciano Salce está trabalhando o som, isto é, na parte sonora da película, bem como na gravação de diálogos. "Floradas na Serra" deverá ser lançado em São Paulo na segunda quinzena de julho.

Em princípios de agosto aquele filme deverá ser estreiado no Rio. Então os cariocas poderão verificar se Miro Cerni merece ou não novos aplausos pelo seu espêndido desempenho.

O 9.º ANIVERSÁRIO..

(Continuação da página 33)

nica radiofônica de "Última Hora". À tarde visitas programadas.

Dia 1.º — Visita às oficinas da "Revista do Rádio". À tarde visita à Escola de Aeronáutica e jantar oferecido pela Sociedade dos Cadetes do Ar.

Dia 2 — Almôço oferecido por César de Alencar às delegações estaduais, à imprensa e aos anunciantes do programa. À noite, jantar no Pão de Açúcar.

Dia 3 — Os ouvintes dos Estados assistirão a mais um programa César de Alencar.

Dia 4 — De madrugada: regresso das delegações estaduais.

★

As fotos que ilustram a presente reportagem são de Aymoré Marela, um dos melhores fotógrafos especializados com que conta hoje a nossa imprensa.

DA NOITE...

(Continuação da página 49)

IRANY FERNANDES. Rua Luiz Delfino. Cascadura. — Obrigada pelas suas palavras carinhosas. Escreva sempre. Sua foto já deve ter seguido.

CLEIA MENEZES. Visconde de Abacté. — Sim, meu bem. Terei imenso prazer em cantar para vocês. Encantada por tudo quanto disse.

ALZIRA ASSIS. Rua Prudente de Morais. Pindamonhangaba. São Paulo. — Você foi tão gentil que quando eu visitar a sua cidade irei pessoalmente agradecer as suas atenções. Aceito o convite para ir em sua casa, abraçá-la. Minha foto já deve ter chegado.

CECILIA MARIA. Av. João Pinheiro. — Pois não. Mamãe se chama Olga Nobre de Menezes Magalhães. Sou carioca, sim. Nasci no Grajaú, onde passei tôda minha infância. Já viajei, mas só pelo nosso país. Primeiro quero ter contáto com o nosso povo. Depois, sim, viajarei para o estrangeiro, tá? Agradecida pelas palavras carinhosas.

JUVENAL OLIVEIRA. Lapinha. Minas Gerais. — Possuo uma imensa coleção de suas cartas e para mim elas valem tanto que por preço algum as venderia. Continue que é para mim um prazer imenso recebê-las.

7.ª ARTE

(Continuação da página 41)

crime», em São Paulo, no Festival de Cinema. Contudo, meu entusiasmo foi o menor possível, pois a fita é uma cópia muito mal feita de fitas americanas classe B. E' uma coisa só cabível na cabeça de uns geniozinhos italianos que aqui chegam de pés descalços e depois, bem instalados, ficam insolentes como ditadores. A prova dos nove fora de sua habilidade, de sua arte e manha, é a fita que invariavelmente «dirigem», «escrevem» e «cenarizam». Mas essas fitas só servem para testar sua incompetência. São mesmo incompetentes êsses néo-peninsulares, que vêm aprender cinema entre nós. Mas vejamos o que tem de apreciável «Na senda do crime». Fui rever a fita e continuei com a mesma impressão. A história é «inspirada» de vários lugares, mas isso seria passável se tivesse uma boa cenarização. O cenário esteve a cargo de quatro cenaristas (à moda italiana) que abertamente concorreram para o «pastiche» cinematográfico. Os senhores Fabio Carpi (endeusado pela história de «Uma pulga na balança», que convenhamos pesa pouco), Flaminio Bollini Cerri (diretor da coisa em questão), Alinor Azevedo (cenarista tabu do cinema nativo, mas dizem ser «um genio», outros dizem o que êle mesmo prova) e Mauricio Vasquez (sem carteira de identidade para mim), são os responsáveis diretos pela cenarização da fita. Acontece que tudo é desconchavado, sem linha estrutural. As coisas e os fatos vêm à tona abruptamente e está acabado. A direção de Flaminio Cerri procura mas não acha. Miro Cerni continua se afirmando e fazendo teste de fotogenia, porque papel mesmo ainda não teve dos cinco filmes que fez. Cleyde Yaconis, boa atriz de teatro, estréia sem alterações no cinema, além de ser irmã de Cacilda Becker. Eu assisti Cleyde representar «O mentiroso» de Goldoni no T. B. C. e gostei. Silvia Fernanda é a outra mulher e deve ser aproveitada. Joseph Guerreiro tem uma pequena aparição, Salvador Daki também, assim como José Policena e Renato Consorte e Nelson Camargo domina o «suporting cast» com facilidade no «bandido» mais ambicioso. A fotografia de Chick Fowle tem sempre aspectos apreciáveis. E a música de Simonetti é de seriado. «Na senda do crime» é mais uma tentativa frustrada duma coisa chamada fita policial

---

"Nunca me deixes ir"

(Never let me go)

★

Metro Goldwyn Mayer — Direção de Delmer Daves — Cenário de Ronald Miller e George Froeschel — Baseado na novela «Came the dawn» de Roger Bax — Música de Hans May — Fotografia de Robert Krasker — Produção de Clarence Brown.

★

Bastante atrasada nos chega esta fita da Metro. Seus intérpretes depois disso já fizeram a volta ao mundo com acontecimentos. A história, que nada possui de realmente novo, dizem que é baseada em fatos verídicos. Entretanto, o cenário de Ronald Millar e George Froeschel nada fez para dar cunho de autenticidade. Foi inspirado na novela de Roger Bax «Came the dawn» que por sua vez deve ter sido «copiada» da vida. Mas há qualquer coisa de pouco convincente. Ademais, a direção de Delmar Daves empresta muito pouca atmosfera aos acontecimentos. Clark Gable, apesar de dizer «nunca me deixes ir», já deixou a Metro e a Metro deixou-o ir mesmo com armas e bagagens. Faz um audacioso repórter norte-americano apaixonado por uma russa. Gene Tierney é essa slava que dança o «Lago do cisnes» e «Scherazade». Richard Haydn, que ora é diretor (aliás sem inspiração) e ora ator, diga-se de passagem, um bom ator, é o inglês apaixonado por outra russa. Comparecem além da Belita, Bernard Miles e outros, além do ator inglês Kenneth More que faz

comentarista radiofônico e vem aí estreando «Genevieve». De tudo isso fica-me o pesar de terem estragado um título tão belo, tão título de poema da minha autoria. «Nunca me deixes ir» para todos os efeitos é um título meu.

Post-Scriptum

Bilhete para Luiz Fernando (Rio)

Seu bilhete é um poema. Certamente que você é um moço sensível e sobretudo inteligente. Sem dúvida que ler Saint-Exupery é um acontecimento, não deixe de fazer e principalmente «Piloto de guerra», «Terra dos homens» e «O pequeno príncipe» são todos inesquecíveis como essas belas noites de junho. Obrigado pelas suas amáveis palavras. Que seria da vida se não fossem esses instantes de beleza e amizade. Você, Luiz Fernando, tem razão, tudo seria tão diferente, se tudo fôsse tão diferente. Às vêzes basta um gesto, uma palavra, uma rosa para que aconteça o milagre. Retorne quando quiser.

A VIDA NO RÁDIO

(Continuação da página 25)

Notícias telegráficas provindas daquela cidade, informam ter a imprensa local publicado farto noticiário, salientando o sucesso alcançado, naquele conclave internacional, pela delegação brasileira, integrada pelos conhecidos compositores Oswaldo Santiago, Humberto Teixeira e João de Barro, representantes da «União Brasileira de Compositores» e pelo consagrado escritor teatral Joracy Camargo que, além da U. B. C., representou, também, a «Sociedade Brasileira de Autores Teatrais».

Nas eleições então realizadas, o compositor Oswaldo Santiago, que vinha ocupando a presidência do Conselho Pan-Americano da C. I. S. A. C. foi eleito representante dêsse órgão junto ao Conselho Europeu da Confederação, enquanto Joracy Camargo, o autor de «Deus lhe pague», foi escolhido para ocupar o cargo de secretário geral do Conselho Pan-Americano.

As escolhas representam uma grande vitória para a U. B. C., cuja firme orientação no campo internacional do direito de autor lhe tem grangeado o respeito de suas congêneres de todo o mundo e conseguido para a música popular brasileira um sólido prestígio e invejável projeção artística mundial.

Durante o Congresso, foram estabelecidas as bases que regularão os novos contratos a serem firmados entre a «UBC» e a «GEMA», sociedade alemã de autores e compositores e entre a sociedade espanhola e a «UBC».

Em almôço campestre de confraternização, realizado após o Congresso, os membros da delegação brasileira tiveram oportunidade de cantar para seus colegas europeus vários sucessos da nossa música popular.

A apresentação desses números musicais foi entusiasticamente recebida pelos participantes do ágape, que os aplaudiram de pé, solicitando fossem «bisados».

Também o rádio norueguês, numa indiscutível demonstração do agrado com que vem sendo recebida, na Europa, a nossa música popular, transmitiu, através de uma importante emissora local um programa de músicas brasileiras, em homenagem aos compositores Humberto Teixeira, conhecido entre nós como o «Rei do baião» e João de Barro, autor de incontável número de sucessos.

FLAGRANTES DA CIDADE

O BAIÃO, SUCESSO EUROPEU

Aqui temos notícias do nosso querido Humberto Teixeira. Ele nos escreve da Noruega:

"A neve é um dos mais bonitos espetáculos que eu já vi. Não queira saber como é fabulosa esta Noruega dos "fjords" e do sol da meia noite".

Outra notícia que nos dá o Humberto é a seguinte:

— O baião é um sucesso em tôda a Europa.

E, após tudo, Humberto não se esquece do Clube da Chave, de que foi o fundador principal, e pergunta interessado no cartão dirigido a Heitor Moniz:

— Como vai o nosso Clube?



LILI MARLENE

A meiga Lili Marlene, Rainha das Atrizes, regressou da América. Foi uma linda viagem de recreio, de que ela trouxe as recordações mais agradáveis. Temos, assim, de novo, a Lili Marlene restituida às noites cariocas.

CICERO PRADO E O CINEMA

Cicero Prado, frequentador assíduo do "Vogue", passou agora ao primeiro andar onde funciona o Clube de Cinema. Cicero Prado está eufórico no ambiente. Ao que se diz vai fazer ao Clube um donativo de cinquenta mil cruzeiros com o que se habilitará a um título de "sócio benemérito". E êle vai ser, ainda, cotista — é o que dizem — de um filme nacional, entrando com duzentos mil cruzeiros.

PIXE DE CORREDOR...

No corredor da Nacional a cantora Norma Suelly pixava as colegas tôdas... Não escapou quase ninguém.

AVIVO AOS NAVEGANTES:

Menezes, cuidado. Olha a onda...

ARTE...

(Continuação da página 48)

sua no teatro São João intitulada simbòlicamente "O Anjo da Fama".

Inúmeros são os nomes dos pequenos escultores que serviam a elite católica nos primórdios da nossa formação. Deles conhecemos as assinaturas. Estranho que iso não suceda precisamente ao mais significativo e nacional de todos. Cabra que fôsse, em qualquer sentido que se tome o apelido, Chagas, essa quase anônima celebridade baiana, necessita e faz justiça a uma série de pesquisas biográficas que nos dêm, afinal, a medida, senão exata, aproximada da sua esquecida personalidade humana, pois que com referência à artística, temô-la na apreciação da sua obra.

De qassagem fizemos referência ao destino amorgo, sofredor dêste artista. Compete-nos esclarecer, ampliar êsse detalhe informativo antes que êle, obstruído por outras considerações, cáia no esquecimento.

Da vida de Chagas, além do apelido, pouco se conhece. Parece ter sido, a dar crédito a versão de que recusara reproduzir uma imagem de sua autoria, um espírito revoltado, independente, o que condiz com a psicologia do artista superior. Em virtude disso, porém, perderia a proteção da igreja ao mesmo tempo que sofreria perseguições que o levariam à prisão e à loucura.

Êsse seria o preço da fidelidade à sua arte. Mais nada transpiraria até nós de importante ou verídico sôbre sua pessoa. Um silêncio quebrado aqui e ali por uma voz isolada, ecôa aos ouvidos da posteridade um tanto surda a êsse "cabra" que se chamou apenas Chagas.

(Capítulo do livro "Arte, Povo e Elite")



LANIEL, A MULHER...

(Continuação da página 6)

que falam de amor. Na tragédia, matam-se por amor. E eu queria que meu apaixonado fôsse meu escravo, a quem mandaria embora ao fim de um quarto de hora.

O romance com o Duque mal começado, já estava no fim. Um dia, quando êle menos esperava, Lamiel abandonou-o, fugiu para Paris, deixando-lhe uma carta em que dizia, entre outras coisas: "Você é perfeito, mas as suas atenções me aborrecem. Amaria mais fàcilmente a um simples camponês que não estivesse eternamente ocupado em me dizer coisas amáveis e em me agradar. Prefiro um homem de humor franco, simples e que sobretudo não seja tão polido."

Em Paris recomeça Lamiel a sua busca incessante do amor. E o pior é que mais o procura e menos o encontra.

Nada a satisfaz e tudo a enerva. Ela mesmo confessa: "Irrito-me atôa e fico em cólera contra o gênero humano." Antes havia dito: "Encontrei a liberdade, cuja ausência me era tão cruel, quando estava no Castelo. E todavia, uma certa coisa, de que nem suspeitava a existência, vem me tirar tôda a espécie de felicidade." Esta "certa coisa", que ela não menciona, só poderia ser a sua insatisfação interior, a procura angustiosa de uma realidade que nunca chegava a se lhe apresentar.

Joven, alta, magra, olhos azuis, cabelos castanhos, a fronte "soberba e elevada", nariz "pequeno, admirável e perfeito", extremamente bela e vestindo-se com rara elegância, a conquista de Paris não lhe foi difícil. Com o Conde de Nerwinde vai conhecer, enfim a "grande vida". Breve Lamiel, que se apresenta agora sob o nome de Madame de SaintServe, tirado de um passaporte falso, arranjado pelo Conde, ocupa "o primeiro lugar em todos os salões de mulheres fáceis".

Nerwinde e seus amigos proporcionam-lhe a existência agitada de almoços, caçadas corridas, passeios, jantares e madrugadas de orgies. Com tudo isso, porém, Lamiel está longe de realizar-se e continua a sua luta angustiosa em busca de si própria. Continua, como sempre, se sentindo infeliz. E sem cessar se indaga quase em desespêro: "O amor, de que todos falam, existe com efeito para êles, em sua condição de rei dos prazeres? Ou serei eu insensível ao amor?" Ela procura dar-se tôdas as sensações e não encontra nada que corresponda aos seus anelos. Multiplicam-se os encontros amorosos de Mme. de Saint-Serve ao sabor das circunstâncias. Sua inquietação não se apazigua. Está sempre excitada, nervosa, descontente.

Lamiel era assim: um dia reune os amigos do Conde e manifesta-lhes o propósito ostensivo de dar-lhe uma lição. Pergunta, então, com cinismo e naturalidade:

— Qual aquele que deverei escolher para causar o maior pesar possível ao Conde, cuja fatuidade está execrável esta noite?

Escolheu o marquês de Vernaye e saiu com êle com o mesmo desembaraço com que outrora se oferecera a Jean Berville.

Por essa época a falada e querida Mme. de Saint-Serve encontrou, por acaso, na rua, o abade Clement. Mandou parar o carro. Chamou-o. Pediu notícias de Carville e do pessoal todo, conversaram longamente, mas ao fim de tudo Lamiel afirmou ao abade, sem afetação e quase, talvez, com humildade:

— Acredito que não fiz mal entregando-me a pessoas pelas quais não sentia nenhuma atração. É que eu desejo saber se o amor é possível para mim. Serei eu amante de mim mesma? Que é que tenho feito de errado? A que compromisso falhei?

No dia seguinte, Mme de Saint-Serve despedia o marquês de Vernaye e tentava com os seus encantos a outro amigo de Nerwinde. Não o enganava, nem o traía. Simplesmente o afrontava com aquela coragem bravia que nunca a abandonou.

— Vou sair com você, disse Lamiel, para zombar abertamente do Conde de Nerwinde e a fim de ver se desenvolvo o seu caráter. Quero fazê-lo saborear as doçuras de ser enganado. Mas não desejo vender-lhe gato por lebre. O papel que lhe destino pode oferecer perigos e você não receberá sua recompensa senão depois que se manifestar o ciúme de meu senhor e patrão.

O Conde de Nerwinde percebeu o plano e conteve sua raiva, limitando-se a murmurar: "Que glória para essa pequena normanda! Que prova de inferioridade de minha parte, se me batesse em duelo por sua causa".

Aquela frase "mon seigneur et maitre", com que se referira a Nerwinde, e que já antes havia dito ao marquês de Vernaye, quando o chamou para desempenhar o mesmo papel de despertar os furores do Conde, traía o subconsciente da "filha do inferno". É que desde que se sentia prêsa a alguem, Lamiel instintivamente se revoltava. A submissão a qualquer homem ou a dependência dêle eram superiores às suas fôrças. Explodia, então, da maneira mais violenta possível e não media as consequências de suas ações.

Uma amiga da jovem de Carville, Mme. Le Grand costumava aconselhá-la:

— Seja rica, se puder, e sensata, se quiser; mas seja considerada. É preciso.

Acontecia, apenas, que Lamiel não era mulher de atender a conselhos ou seguir sugestões alheias. Ela era ela: indômita e selvagem. Desde menina, repelira os preconceitos todos. Quando Mme. de Hautemare lhe falava em deveres e convenções, Lamiel sussurrava indiferente: "É ridículo!" Seu primeiro sentimento, à vista de uma virtude, está em Stendhal, era acreditá-la uma hipocrisia. Assim cresceu e se tornou mulher. Instruiu-se bastante. Leu muito. Aquele fogo de leitura que tinha Mme. Bovari também a devorou. Nada, todavia, modificou sua personalidade. Jamais se guiou pela razão. Só agia por impeto e instinto. Nunca tomou conhecimento da moral. Sempre fez tábua raza das convenções sociais. Escarnecia e ria de tudo que era preconceito ou ordem estabelecida.

Que foi, afinal, Lamiel?

Foi uma mulher que saiu pela vida à procura do amor. Empreendeu tôdas as tentaivas e tôdas as experiências, e não o encontrou. Ela pertence, simplesmente, a essa longa galeria de mulheres que lutam e sofrem, mas não conseguem realizar-se.

CLÉLIA SIMONE

(Continuação da página 11)

a atrai. É boêmia em casa. Não liga para nada, tudo está bem, lê até altas horas da noite, frita batatas quando lhe dá na cabeça, e o resto não tem importancia. Encantada por flores, animais e... crianças...

Bela previsão, hem, Clélia?

— Quais as suas aspirações para o futuro?

— Por enquanto, nenhuma. Francamente, não sei o que fazer nos dias que virão... Nem caí, ainda, na realidade como cantora profissional.

BATATAS FRITAS

Clélia disse-nos que sua infancia e adolescência decorreram iguais às de tôdas as crianças. Coisa alguma em sua vida se passou digna de nota. Cursou o ginásio, ingressou na Aliança Francesa, abandonando-a logo depois, e, quantos às coisas belas no terreno da arte, confessou não dispensar um bom concêrto sinfônico. Gosta de cinema e de pintura.

— Mas deve existir algo de que você mais goste na vida, não?

— Como não! De batatas fritas... — responde a graciosa Clélia Simone. — Sou louca por fritar batatas, a qualquer hora do dia ou da noite... Embora o cansaço, tente vencer-me, às vêzes, quando chego do trabalho, logo reajo com coragem e vou preparar um lindo prato de louras batatas fritas... e bem salgadinhas...

E EIS AQUI...

(Continuação da página 14)

com Rafael Pinheiro, ao tempo de «A Pátria». Depois, dirigiu serviços elétricos em diversas de nossas casas de diversões. Em seguida resolveu ser ator e revelou no palco, com êxito, as suas aptidões. O cinema atraiu-o e Louzada fez dois filmes. Terminada a filmagem, recordou-se dos tempos de «A Pátria» e começou a escrever de novo, mas desta vez, em lugar de artigos, crônicas e reportagens, Louzada aplicou o seu talento produzindo peças para o teatro: comédias e revistas. Daí ao rádio a distância foi pequena. Começou escrevendo «sketches» para a Mayrink e acabou produzindo novelas para a Nacional. Neste meio tempo foi requisitado para funções administrativas, tanto em uma, como na outra emissora. Porque Louzada possui também um elevado espirito de organização e é um diretor, ao contrário de tantos que existem por aí, que sabe mesmo dirigir.

Eis um rápido perfil de Armando Louzada: eletrotécnico, ator de teatro, galã de cinema, jornalista, autor teatral, autor de livros, escritor de novelas, diretor de rádio e comendador. A Mayrink Veiga, a Nacional do Rio e de São Paulo, a A. B. R., de que é secretário geral, devem-lhe uma soma imensa de serviços os mais valiosos e verdadeiramente inestimáveis. E após tudo, êle tem a maior satisfação íntima: uma legião de amigos e de admiradores e o apreço de tôda a classe radiofônica brasileira.

Vejamos, agora, para terminar esta

reportagem, o Armando Louzada visto pelo próprio Armando Louzada. Aqui está o nosso «flash».

- **Chamo-me Armando Louzada** (mesmo).
- **Nasci em S. Paulo, capital, a 9-12-908.**
- **Vim para o Rio em 911.**
- **Voltei a São Paulo em 1918,** para o **Mackenzie, onde fiquei até 1921.**
- **Novamente no Rio, no Paula Freitas,** até **1926.**
- **Daí, Pedro II, até 1929.**
- **Manoel Bonfim, professor, amigo pessoal de meu pai, cuidou da minha educação.**
- **Cursei a Politécnica,** onde me formei **em Eletrotécnica, na turma dirigida por Tobias Moscoso e Pradez.**
- **Pela mão de Rafael Pinheiro fui levado à redação de «A Pátria»** onde fazia **redação, indistintamente.**
- Mais **tarde, assumi a chefia dos serviços elétricos dos teatros: Phenix, Casino Beira Mar, Rival, Regina** e **João** Caetano.
- Como **ator, estreei em** Porto Alegre, **na Cia. Abigail Maia-Oduvaldo Vianna, nos papéis de Roulien, nas peças «Ser mãe é padecer num paraiso»** e **«Assim é a vida». Daí, fui trabalhar com Procopio, estreando com a Regina Maura na peça «O dinheiro anda por aí».**
- **Passei para a Cia. Dulcina-Odilon.**
- **Nessa mesma época fiz dois filmes: «Favela dos meus amores», com Carmen Santos, e «Pega Leão», com Dawney. Fui a Buenos Aires, onde na San Miguel, no filme «Rosas», fiz um oficial brasileiro.**
- **Já nesse tempo «sketches»** escrevia **para a Rádio Mayrink Veiga, que eram representados por Ismenia dos Santos e Barbosa Junior.**
- **Para o teatro escrevi, representadas, duas comédias e três revistas. As comédias: «Ela disse sim» e «Que familia!...» As revistas: «Seu Liborio» e «Olha o pato!»**
- **Traduções: traduzi cêrca de 23 peças para Procopio, Dulcina, Aymée e pequenas companhias do interior. Os maiores êxitos foram: «Serão homens amanhã», com o Procopio e «A luz de um fósforo», com Dulcina.**
- **Cesar Ladeira levou-me para a Mayrink Veiga, de onde passei para a Nacional, voltando à Mayrink Veiga, por empréstimo, bem assim à Nacional de São Paulo.**
- **Sócio efetivo da SBAT, secretário-geral da ABR e comendador da Ordem de São Bernardo de Portugal.**
- **Tenho 46 anos, adoro a vida e não pretendo morrer tão cedo.**
- **Livros publicados na Editora José Olimpio «Miniaturas», crônicas e «Cortina Sonora», teatro.**

A GAROTA QUE...

(Continuação da página 21)

família ter se mudado para Merchantville, em New Jersey. Seu pai era — e ainda é — sargento de polícia naquela cidade, e sua mãe, Marion, professora aposentada, planejava para a filha uma carreira pedagógica, embora, como bôa "coruja", sempre procurasse inscrever a filha nos concurso infantis de beleza.

Ruth completou sua educação escolar em Merchantville e, por seis meses, frequentou os bancos do Colégio Professoral de New Jersey. Mas o coração lhe dizia que ser professora não era o seu destino. Não havia geito de aceitar a idéia de ensinar a dezenas de crianças e aturar, por dias e anos a fio, as traquinadas da garotada. Para isso lhe faltava, acima de tude, a inclinação tão necessária.

Estava ela com dez anos de idade, quando começou as lições de dança e, desde então, não parou mais, pois, sempre que pode, estuda novos passos, novas formas coreográficas. Aos dezesseis, iniciou-se no canto, a fim de melhor garantir-se em qualquer meio artístico. Mas não foi preciso lançar mão dessa nova habilidade, porquanto, nessa mesma época, alcançava o invejável posto de primeira bailarina do corpo de "ballet" em que atuava, posição que reteve com distinção durante três anos consecutivos.

Durante aqueles primeiros anos, sua beleza já se fazia notar cada vez com mais intensidade, sugerindo a seus amigos e amigas o envio de fotografias suas a várias competições de carater publicitário. Isso lhe valeu uma infinidade de Títulos.

Finalmente, quando trabalhava como modêlo de Conover, em Nova Iorque, onde posava nas horas de folga para fotógrafos e artistas, foi convidada a tomar parte no concurso de beleza estadual, como primeiro passo ao título de "Miss Universo". Ruth foi a escolhida como "Miss New Jersey" e apareceu como uma das mais fortes candidatas ao título máximo, no torneio de Long Beach, onde a Universal-International foi "descobri-la", para fazer dela uma "estrêla" do futuro.

A LOURA ERA...

(Continuação da página 23)

orquestra radiofônica, enquanto cursava a Universidade. Seguiu depois para Indiana, conseguindo atrair a atenção dos chefes de muitas outras orquestras e, durante os seis meses seguintes, cantou com a banda de Bud Rogers.

Algum tempo mais tarde, excursionou através dos Estados Unidos com a orquestra de Ted Weems, fazendo dupla com um cantor que viria a ser famoso, Perry Como.

Weems, frequentemente, tentava convencer Marilyn a entrar para o cinema, mas ela sempre repelia a sugestão, não dando atenção aos conselhos. Weems discutiu o assunto com a mãe de Marilyn e ofereceu-se para financiar seus estudos em Pasadena, numa escola dramática perto de Hollywood.

Terminados os estudos, Marilyn firmou um contrato com a Metro Goldwyn Mayer e fez sua estréia no cinema, ao lado de Robert Taylor. Casou-se a 1.º de janeiro de 1950, em Santa Barbara, California, com Andy Mac-Intire.

Seus esportes favoritos são: equitação, boliche e pingue-pongue. Seu passatempo predileto é, naturalmente, a música, sendo ávida colecionadora de discos. Sua ambição secreta é a de escrever canções, o que não está muito longe de se realizar, pois já colaborou em algumas músicas, quando estava com Weems, e, recentemente, escreveu a música «Never Again», que será lançada dentro em breve.

RECONCILIAÇÃO

(Continuação da página 26)

dável. Ela voltara-se para olhá-lo. Visto com os olhos de agora, pareceu-lhe um estranho. John parou o carro e buscou-lhe o olhar. Seu braço repousava no espaldar do assento e sem querer ela se aproximara um pouco, de sorte que sua mão tocava ligeiramente no ombro do rapaz. Que fôra feito do calor, daquele calor asfixiante? Estava muito bem ali, verdadeiramente bem. Voltou a cabeça para olhá-lo e surpreendeu-se ao ver que êle, por sua vez, a fitava com uma expressão curiosa.

— Querida, acho que ontem estavas nervosa. Talvez ainda o estejas hoje. Eu também perdi um pouco o contrôle, confesso. E ainda hoje, quando vim ver-te, estava disposto a concordar contigo em dar tudo por terminado, caso persistisses nesse propósito...

— Mas, John, eu não...

— Mas — continuou John, como se não a houvesse ouvido — desde essa noite compreendi que não poderia nunca renunciar aos nossos sonhos, nossos castelos e planos... Continuo pensando sobretudo em nossa casinha, na relva louçã e no jardim com que tanto sonhas... E isto te peracerá tolice, mas, desde que entraste no carro pareceu-me aspirar o aroma do teu jardim, querida, o aroma de suas rosas. Eu... não quero abandonar nossos planos, nossos sonhos. Não creio que pudesse viver sem ti...

Ela sorriu-lhe com infinita ternura e deixou-se estreitar em seus braços. John insistia:

— Querida, onde arranjaste êste perfume?

Ela fazia um esfôrço tremendo para não rir, lembrando-se de Buster e do seu presente, e também para não chorar. Apenas pôde dizer:

— John, oh, John, meu amor... O que se passou ontem deve ter sido por conta do calor... Lamento-o e peço-te desculpas. Foi o calor, não é verdade?...

SOFRE DO ESTOMAGO?



Se tem úlcera gástrica ou duodenal (inclusive úlcera crônica), **dispepsia gastro-intestinal,** gastralgia, azia ou outras enfermidades do estômago ou do intestino, e vem experimentando vários remédios, sem melhoras satisfatórias, apenas com a famosa fórmula holandesa **SALICILATO DE BISMUTO COMPOSTO VAN ROOSMALEN** (8 sais minerais, em pó), você **mesmo obterá cura completa.** Milhares de curas já realizadas, comprovadas com radiografia. Desejando certificar-se, peçanos provas.

LABORATORIOS VAN ROOSMALEN DO BRASIL LTDA.
Rua Paulino Fernandes, 32 - Botafogo - Rio de Janeiro. T. 26-1072
Procure nas drogarias e farmácias. Atende-se pelo reembolso postal

CAUBY PEIXOTO...

(Continuação da página 5)

têm penetrado o seu valor pelos quatro cantos do país onde chega a onda e o prestigio da Nacional.

Falamos depois com Cauby a respeito de uma notícia estampada em todos os jornais e revistas do Rio afirmando que a sua bonita voz teria sido segurada em três milhões de cruzeiros, coisa inédita no cenário radiofônico de todo o Brasil.

Foi o próprio Cauby que nos contou a história. Procurado pela firma patrocinadora do seu programa para colocar a sua voz no seguro não teve que pôr obstáculos, uma vez que achava muito interessante para a sua carreira. Como se pode verificar Cauby Peixoto, com apenas três anos de rádio é o cantor que mais tem dado o que falar e o que é mais interessante dono de uma simpatia pessoal que o credencia como um dos prováveis ídolos dos auditórios de tôdas as partes do Brasil. Os seus próprios colegas e consequentemente adversários artisticos não medem elogios a conduta profissional do grande menino grande...

A sua vida é como a vida de todos aqueles da sua idade. Começando a estudar, o rádio entrou na sua vida e tornou-o, de uma hora para outra um elemento fadado ao sucesso. É um elemento cuja palestra agrada aos amigos e não decepciona aqueles que não o conhecem de perto. Destituido de qualquer moldura de falso prestigio, caminha na estrada que dentro de pouco tempo, temos certeza, o levará para o lugar que o seu talento artistico construiu: o sucesso.

UM ENCONTRO

(Continuação da página 13)

aos anfitriões! A Rosangela gostaria de ganhar um televisão...). A um canto uma pequena biblioteca. Tudo bem arrumadinho, tudo limpinho, tudo mimozinho...

— Mas, as atenções da Rosangela não são mais para os seus convidados. Não é que estejamos nos queixando mas o tempo está passando e ela se desfaz em gentilezas com a nossa graciosa convidada, Gilda Valença. Uma linda jovem ingressa no convivio. É nos apresentada. Trata-se de Gê Maldonado, irmã da Rosangela. Realmente linda, ficamos indecisos para dizer qual das três jovens a mais bela. Bem, mas deixa isso pra lá... A conversa da Rosangela e da Gilda é o que nos interessa.

A Gilda, pergunta à Rosangela quando é que começou a sua carreira artistica. A resposta vem, exatamente, dar continuação ao relato do Menezes. Diz Rosangela: ...quando conheci o meu amigo Joaquim Menezes, presidente da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos (agora é a Rosangela que diz que êle é o presidente), que me convidou para vir ao Rio tentar o cinema. A Gilda olha para o Menezes como confirmando, sorri e pergunta outra vez. — Durante a sua trajetória artistica, qual a maior emoção? — Rosangela fica meio triste... Pensa e diz: — "têm sido tantas as emoções que nem sei qual a maior, mas parece-me que a concretização do meu sonho de Fada, foi a maior... Sabe lá o que é sentir o pêso de um reinado? (Isto ela disse fazendo blague...). A Gilda (que é muito viva pois não dorme de touca) diz: — De qualquer maneira, mais vale um minuto de Reinado do que uma vida de escravidão, não é Rosangela? — Neste instante foi batido o "flash" que ilustra esta reportagem, onde as duas estrêlas se abraçam fraternal e amistosamente. Intervém o Menezes (hoje, mais conhecido por Rei Farouk) para pedir ao nosso "camara-man" um grupo, que também aqui ilustra a reportagem. Nós não fomos convidados a posar e assim é melhor, pois continuaremos desconhecidos para os leitores que já devem estar fartos de tantos venenos. Nesse ambiente de amizade, continuou por mais de quatro horas o longo bate-papo, que nos deu margem a esta reportagem com a Rainha do Carnaval de 1954 — Rosangela Maldonado, estrêla de rádio, TV e cinema.

DO AMOR...

(Continuação da página 29)

para o amor. É um espetáculo que termina conforme diz o programa — com uma "Festa do Coração".

Que se pode dizer como um crítico de teatro para êsse delicado enrêdo de J. Maia e Max Nunes? Que por diversas vêzes conseguem originalidade em seus quadros, como por exemplo: "Operas modernas", "Afinal do que gosta a mulher?", "Cupido Moderno", "Ouro, a tentação do amor", "Amor sem dinheiro" e "Festa do Coração". Um espetáculo luxuoso, muito bem cuidado, dirigido com lealdade e vivido por elementos à altura.

Uma hora de beleza, num enrêdo presidido por Stendhal, entre a primeira e segunda horas do dia, numa atmosfera de penumbra, com a delícia de boa música, com a aproximação do feitiço e do calor de fascinantes criaturas do sexo frágil (ou forte?), tendo-se o cérebro e o sangue de mistura com algumas doses de uisque, podemos analisar mais uma vez que a vida é essa coisa maravilhosa que se fundamenta no Amor!

DIAL

(Continuação da página 53)

de Freitas, 18 anos, comerciária; Rua Gonçalves Dias, 43, Franca — Os nomes seguintes são da Capital Adão Correia e João Uzuni, 22 e 20 anos; Base Aérea de Cumbica — Isidoro Salgado, 25 anos, professor, com moças estudantes e formadas do Estado; Rua Ribeiro de Barros, 376, Vila Pompéia — Helio Cilo, 30 anos, operário; Rua Francisca Julia, 335, Alto de Santana.

PARANÁ — Curitiba — —Ayl José Gonçalves, 17 anos, estudante; Av. João Pessoa, 103, apto. 814 — Ernesto de Lima e Agenor Santos, 32 e 27 anos; Penitenciária do Estado.

SANTA CATARINA — Margareth Kiliam, 15 anos; Rua Saco dos Limões, 67, Florianópolis — Osmar Tensini, 19 anos, estudante, mormente sôbre dança, cine, música e rádio; Rua Rui Barbosa, 37, Brusque — Diva Silva, 15 anos; Rua Princesa Isabel, 117, Criciuma — Celia Vieira, 20 anos; Rua 7 de Setembro, s-n.º, S. Francisco do Sul — Rachel de Alcantara e Rosemary Morrison, 28 e 20 anos, escriturárias; C. Postal 5, Criciuma.

RIO GRANDE DO SUL — Lissy Brayner, 18 anos, em ing., al. e port.; Rua Galvão Costa, 1.142, Santa Cruz do Sul — Rosemary Forgiarini, 19 anos, com fazendeiros e acadêmicos; Rua Domingos de Almeida, 341, Santa Maria — Arlene Carvalho, 22 e 18 anos, estudante de música, cartas e trocas; Rua Feliz da Cunha, 812, São Borja — Maria Soares e Ivone Butierres, 20 e 18 anos, comerciárias, com maiores de 23; Rua Mal. Floriano, 379, Rio Grande — Edgard Frick, 27 anos, fotógrafo amador, troca de revistas, postais e fotos e cartas sôbre fotografia, com amadores; Rua 15 de Novembro, 246, Novo Hamburgo — Clarice Ferreira, Sidnei Rodrigues e Heloisa Tavares, 21, 25 e 27 anos, com maiores, em esp. e port.; endereço; Canela — Angela e Maria Luiza Abrantes, 17 anos, normalista, com acadêmicos e cadetes; Rua Cassiano, 207, Pelotas — Eva Schmitz, 15 anos; Hamburgo Velho — Zilda Corrêa, 20 anos, estudante, com maiores do Br. e Argentina; endereço: São Lourenço do Sul — Elda Hollas, 16 anos, estudante; Av. Rio Branco, 111, Caxias do Sul — Vera Lucia, 15 anos, com colegas estudantes além de 18; Av. Julio de Castilhos, 1.348, Caxias do Sul — Madelon de Alencastro, 15 anos; Rua Pinheiro Machado, 1.533, Caxias do Sul — Maria Luiza da Silveira e Jussara Corrêa, 26 e 24 anos, escriturárias, com maiores de 26, cultos; Rua Cancio Gomes, 601, Pôrto Alegre.

GOIÁS — Selenita de Azevedo, 25 anos, funcionária, com maiores de 33, do Br. e ext. sôbre filosofia, lit., mus. e psicologia; C. Postal 149, Goiania.

Carioca

EMPRÊSA A NOITE
PUBLICA-SE AOS SÁBADOS
Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.º and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil

★

Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — OCTAVIO LIMA

★

Número avulso:
EM TODO O BRASIL . . Cr$ 4,00

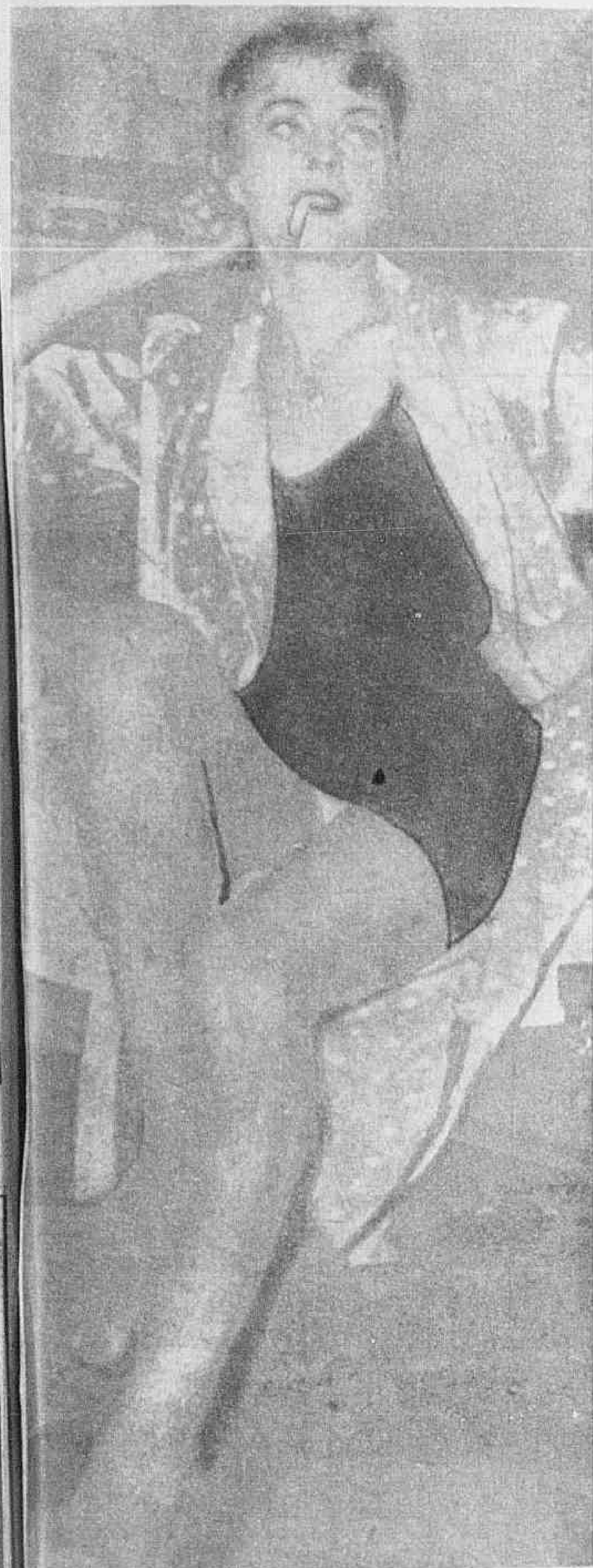
ASSINATURAS:
Para o Brasil, países do Convênio Panamericano, Espanha, Portugal e Colônias

12 meses	Cr$ 150,00
6 meses	Cr$ 80,00

OUTROS PAÍSES

12 meses	Cr$ 300,00
6 meses	Cr$ 160,00

FLAGRANTES MUNDIAIS



Vera Norman começou a sua carreira no cinema francês fazendo ingênuas. Hoje aparece como uma "fille perdue" e recebe elogios da crítica especializada.



A "vedette" sul-africana Zena Marshall de 26 anos de idade. Tem cabelos pretos e olhos azuis Mede 1,61. Já trabalhou, em Londres, em nada menos de 19 filmes. E vai aparecer assim em "Homens contra o sol".



Os anos passam e não afetam nem a beleza, nem o "glamour" de Rita Hayworth.

O 9.º ANIVERSÁRIO...

(Continuação da página 35)

pelo seu caminho. Ele compreende a situação e procura auxiliar o artista novo sempre que pode. Quantos cartazes que ainda se tornaram mais populares, que realmente se tornaram muito mais famosos no rádio por ter tomado parte nas audições de Cesar de Alencar?.

Verdadeiros valores da nova geração radiofônica despontaram do programa de Cesar. E outros, ainda, até terão ali a sua oportunidade de afirmar-se. O "melhor animador de auditório de 1953", artista invulgar no seu gênero, merece, em verdade, os melhores aplausos pela sua bonita carreira radiofônica, pela sua boa vontade de sempre, no sentido de incentivar os verdadeiros valores novos do nosso rádio, para melhor elevar o prestígio da radiofonia brasileira.

MEU ALBUM DE...

(Continuação da página 39)

Como se vestem com esmero! Que belas e conservadas são! São impecáveis no andar! Expressões que, prazeirosamente, relembro.

*

Maria Felix concedeu-me uma entrevista exclusiva, longa e descansada, na residência do embaixador do México. Foi quando de sua passagem pelo Rio que a provoquei sôbre Agustin Lara. Com indiferença, falou do compositor de «Maria Bonita». Por outro lado, Agustin Lara, em São Paulo, quando indaguei se verdadeiramete olgumas de suas apreciadas músicas foram inspiradas em Maria, disse perdendo visivelmente o controle de um homem educado:

— "Senhor, estas coisas me pertencem exclusivamente!» Revelou ser ainda um apaixonado de Maria Felix que, em outros tempos, foi muito bonita, mas, em pessoa, nos dias que correm, é, apenas, uma senhora do passado. Essa verdade, aliás, é, irrefutável.

*

Outros «recuerdos» virão! E, como de hábito, numa conversa de carater curioso e informativo, sem o manto diáfano de fantasia. Verdades nuas e que a todos não poderão agradar...

LADEIRA

(Continuação da página 7)

— Não fique assim, nem desespere. Deus ajudará e ela fica boa... E... êle, voltou?

— Não! não! vá-se embora! — gritou, áspera.

Conceição olhou-a, penalizada, e continuou a subir a ladeira, que parecia sem fim. Afinal, havia muitos dramas, semelhantes ao seu. A Josefa, por exemplo, coitada! Abandonada pelo marido, com a filhinha muito doente, sem dinheiro para comer, nem comprar remédios. Vivendo da caridade alheia, a murchar dia para dia, como a planta sem água. Agora, estava meio alucinada, sonâmbula da vida! Os dramas na ladeira eram sempre os mesmos. Ali naquele mundo, tôdas as almas viviam em trevas, sem vislumbrar um raiozinho, sequer, de felicidade, de alegria. Só pobrezas, necessidades, alcool...

Vida! sempre igual, a mesma coisa. Amanhã, nas ruas da cidade, ela continuará anunciando os bilhetes da loteria, oferecendo aos outros uma felicidade que não pode ter. As seis horas, voltará para casa e arranjará o jantar do pai. Ele chegará, como de costume, embriagado, dizendo asneiras, cambaleante, sinistro. Mas depois virá um outro dia — já estará em si, à luz da razão, e voltará a ser bom, tal como Deus o criou. Ela olhará para êle, pedirá, como sempre, entre duas lágrimas:

— Paisinho, não bebe mais, por favor! Esqueça êste vicio horrivel, que o consome e o arrebata de sua filha. Prometa, mas cumpra desta vez. Só assim poderei ser feliz, sorrir um pouco, e não acharei má a vida. Reze, peça a Deus que lhe ilumine a alma e lhe dê fôrça, para lutar contra si mesmo. Reze, sim?

Ele dirá que não bebe mais, que renunciará ao vicio. Mas no dia seguinte virá embriagado. Tudo recomeça, a vida continua...

VARIEDADES MUSICAIS

(Continuação da página 51)

artista"; "Rosas do sul" e "Sangue vienense".

Na Capitol

Para aquêles que apreciam a voz de Jean Sablon, aqui está um bom disco dêsse cançonetista. Numa face êle interpreta a famosa composição de Hekel Tavares e Joracy Camargo, "Favela"; noutra, a canção de Stern, Barclay, Manning e Marnay, "Pretti bride" (Linda noiva). Acompanhamentos pela orquestra de Skitch Henderson.

Na London

"Magia tropical com Stanley Black" é um dos bons "Long-Play" dêsse pianista que, com sua excelente orquestra, apresenta, ao piano, as seguintes composições: "Cascata de estrêlas", "Alma llanera", "Rumba rapsódia", "Polca do Cactus". El cubanchero", "Ave seivagem", "Flamengo" e "Samba do Pão de Açúcar".

Na Continental

Novidades em músicas portuguêsas: Com Amalia Rodrigues — "Quando os outros te batem, beijo-te eu" e "Fria claridade"; e com Estela Alves — "Uma casa portuguêsa" e "Não quero".

Na Copacabana

O mais recente disco de Orlando Silveira recebeu o sugestivo título de "Se- leções de baião". Isto porque, em cada uma das faces, foram gravados três co- nhecidos baiões da vitoriosa dupla Ha- roldo Lôbo & Milton de Oliveira. Na face "A" estão: "Dia dos namora- dos", "Bota água na cangica" e "O de- legado quer prender o Antonio"; na face "B" ouvimos: "Fala na orelinha de cá", "Santo Antonio não gosta" e "Lá vem a Rita".

Na Mercury

Ralph Martiere, um dos mais popula- res nomes em orquestras de danças nos Estados Unidos, sendo considerado pelos "disc jockeys" como "Um dos mais pro- missores e populares chefes da orquestra de 1951", apresenta-se em duas páginas sonoras favoritas do público: "While we dream" e "Caravan".

Na Columbia

Alguns discos já editados em Santiago do Chile:

Com José Alfredo Jimenez — as ran- cheiras "El desengañado" e "Cuando el destino"; com Luiz Perez Meza — as rancheiras "Amargo recuerdo" e "Tu cas- tigo"; com Gladys Marvel — o bolero "Mañana es domingo" e a valsa "Viole- tas imperiales"; com Guy Mitchell — os foxes "Wise man or fool" e "Pretty lit- tle black-eyed Sussie"; e com Rosemary Clooney — os foxes "Haven't got a worry" e "Lovely weather for ducks".



Realizou-se no dia 29 de maio, no altar da Igreja de São José Operário, em Realengo, a cerimônia religiosa do enlace matrimonial da senhorita Gilda Terezinha Echternacht, filha do Sr. Afonso e D. Nilda Machado Echternacht, com Sr. José Meliga, filho do nosso companheiro de trabalho, Sr. João Meliga, e D. Mariana Gonçalves Meliga. Paraninfaram a cerimônia o Sr. Julio F. Wysard e espôsa, D. Maria da Apparecida M. Wysard. Acima, os nubentes após a solenidade.

FIGURA VIVA

(Continuação da página 47)

casa e lhe dedicava muito carinho. A senhora Maria da Penha, irmã de Bené é também uma exímia pianista e já recebeu até medalha de ouro como concertista. Seu irmão, Bebeto, foi um dos maiores pianistas populares do Brasil. Bené, nunca deixa de citá-lo e relembra seus dez anos, quando ainda ouvia Bebeto, no auge do seu êxito. Acha que deve a Bebeto a sua grande inspiração de pianista popular.

Aos sete anos, Bené fez sua "première". Estava brincando na rua, quanda sua mãe lhe chamou. D. Sinhá, mãe da conhecida pianista Carolina Cardoso de Menezes, era a pianista do "Cinema Elegante", hoje "Cine Catumbi", e havia faltado naquela noite. O gerente do cinema estava em dificuldade quanto à partitura da película que era feita a minuta. Somente quem poderia salvar a pátria da fita de Tom Mix, seria um dos nove pianistas da família de Bené. Foi o sétimo. Entrou no cinema, contrafeito por ter deixado de brincar e tomou assento com pinta de Puccini, e vez por outra se entusiasmava com as cenas projetadas e deixava de lado o teclado. O gerente pedia que êle continuasse e terminou a fita.

Aos 14 anos, estreou numa "gafieira". Foi debutante na "Gafieira Mauá" (rua do Acre), ganhando dez cruzeiros por hora, e escondido de sua família.

Os músicos se interessaram pela vivacidade do menino e procuraram tornar-lhe profissional. Começou a aparecer na porta do "Café Nice", e foi até a elegante "gafieira" da Praça da República. Entusiasmado com o sucesso que vinha obtendo, foi para o Império (no Estácio), e depois para as escolas de dança: Avenida, Brasil, Eldorado, Belas Artes e Assirio. Lembra-se que conheceu Luiz Gonzaga no Dancing Farolito. Gostou do mulato e pretendia contratá-lo. Entretanto, o dono da casa achava que êle não valia cento e cinquenta cruzeiros, — hoje Luiz Gonzaga ganha mais de cem mil cruzeiros.

Um dos maiores sonhos de Bené era ser padre. Apesar de ser menino levado, sempre fez parte da Congregação Mariana e do côro da igreja N. S. da Salete. Quem lhe furtou o direito da igreja foram elas (as Adorables Criatures...), que lhe fizeram um ótimo notívago, que sempre muda de ber e gosta muito de Bach...

Foi ainda funcionário público do Ministério da Fazenda, aonde permaneceu por quatro meses. Sua demissão do Ministério deu-se por fôrça de uma viagem para os EE. UU., para onde tinha sido contratado, mas que não realizou, porque o exército precisava do seu concurso. Morou na caserna por dois anos, depois de ter sido da linha de tiro, aonde conheceu Joaquim Menezes, o formidável Rei Farouk. Foi licenciado pelo Marechal Dutra, Antes fizera amizade com o Gen. Canrobert e o Gen. Lacerda, que ainda são seus grandes amigos. No Exército tirou vários cursos. Deixando a farda foi trabalhar em Quitandinha como segundo pianista do "Conjunto Codolban", por convite de Djalma Ferreira, que era o chefe dos "Milionários do Ritmo". Oito meses mas tarde, Bené já era chefe da orquestra, e o Sr. Savio Gama, fazia inaugurar a primeira "boite" do Rio. Era a "Boite Praia Vermelha" (hoje, Casablanca), onde êle era chefe de orquestra e diretor. Transferiu-se depois para a "Boite Pigalle", como diretor musical. Era proprietário o seu amigo Waldemar Schinller. Conseguida sua independência, formou uma orquestra de catorze figuras (1948), seis meses depois já apresentava a orquestra com vinte e uma figuras e logo, com trinta e três. Nesta época, a crônica do Rio de Janeiro aplaudia, e achava a orquestra, a mais completa da América do Sul. Se apresentou com ela em emissoras, teatros e nêste tempo, a figura de Bené Nunes, era conhecida como Chiquinho. Nesta ocasião, o cinema brasileiro via-se em acensão, e eis que Bené Nunes é convidado para ser o protagonista da película de Teófilo de Barros, "Mãe". Sua primeira experiência no cinema resultou em êxito, e logo após, Bené aparece nos mais movimentados filmes realizados aqui. Sua última película é "O Petróleo é Nosso" que Watson Macedo guarda na prateleira a espera de filme para as cópias.

Atualmente no Brasil, Bené Nunes é o artista mais solicitado. Apesar de sua imensa bagagem musical, sua simpatia pessoal tem sido uma mensagem de alegria — visto às noites que vem proporcionando aos "habitués" do elegante "Coutry-Club". As embaixadas solicitam sua presença em tôdas as festas que se fazem realizar no mundo diplomático. Não deixa de comparecer às festas de seus amigos — gosta de Bach e Bethoven, te muma imensa biblioteca e acha que o mais vivo pensador foi Spinosa. Adora o abafado das "boites" e sòmente bebe "Uisky". Ganha mais de sessenta mil cruzeiros por mês, trabalha imensamente, e apesar de ter apartamento em Copacabana, mora com seus pais, no bairro aonde nasceu. Adora eternamente sua mãe, e pretende casar com uma linda garota que seus olhos viram e que não me disse... é uma figura viva.

P. de S.

PERGUNTE O QUE...

(Continuação da página 55)

sente", "Ela e o secretário", "Solteiras às soltas", "Adeus, meu amor!", "Amor a percentagem", "O preço da felicidade", "Chamam a isto amor", "Sacrifício de uma vida" "Tormento", "A última noite de glória". "Conflito de paixões", "Loucuras de amor", "A dama sem distinção", "Nunca fomos covardes". Está interpretando (e produzindo) agora, "The Girl Rush", filmado para "Vistavision". Pode escrever-lhe para RKO-Radio-Studios, Gowert Street, Hollywood, California, USA. Cite em inglês apenas um título original de filme, que pode ser o do último exibido — "Never Wave at a Wac". Continua casada com o filho de Carl Brisson — Frederick Brisson.

SACI DE DUAS PERNAS — Rio — Não creio que "O príncipe de Bagdá" tenha o mesmo argumento do filme "As aventuras de Antar". Também eu não assistia êste celuloide egípcio. O mesmo nome dos dois personagens protagonistas, deve ser méra coincidência. De fato, o título verdadeiro de "Flechas flamejantes" é "Captain John Smith and Pocahontas".

★

JOSINA — Pedro Armendáriz interpretou há pouco tempo um "western" na Universal, com Joel McCrea e Yvonne DeCarlo, "Border River". Não me consta que venha interpretar uma fita no Brasil. Nada sei a respeito.

★

LEONARDO COSTA — Rio — Wayne Morris há muito deixou a Warner.

★

EDMUNDO ALVES — Rio — São êstes os títulos originais dos filmes interpretados por Irene Dunne: "Cimarron" — idem, "O eterno Don Juan" — The Great Lover, "O árbitro do amor" dos seis milões" — Symphony of Six — Bachelor Apartments, "A sinfonia Millions, "Treze mulheres" — Thirteen Women, "Esquina do pecado" — Back Street, "Mulher só aquela" — No Other Woman, "O segredo de Madame Blanche" — The Secret of Madame Blanche, "Ann Vickers" — idem, "Casamento de consolação" — Consolation Marriage, "Se eu fôsse livre" — If I Were Free, "O bandoleiro do amor" — Stingaree, "Êste homem é meu" — This Man Is Mine, "No tempo da inocência" — The Age of Innocence, "Dôce Adelina" — Sweet Adeline, "Roberta" — idem "Sublime obsessão" — Magnificent Obsession, "Magnólia" — Showboat, "Os pecados de Teodora" — Theodora Goes Wild, "Cupido é moleque teimoso" — The Awful Truth (que tal a versão musicada, com Jane Wyman — "A meia-noite do amor" ?), "Alegre e feliz" — High, Wide and Handsome, "O prazer de viver" — Joy of Living, "Convite à felicidade" — Invitation to Happiness, "Noite de pecado" — When Tomorrow Comes, "Duas vidas" — Love Affair, "Minha espôsa favorita" — My Favorite Wife, "Serenata prateada" — Penny Serenade, "Deliciosa aventura" — Unfinished Business, "Uma dama astuciosa" — Lady Im a Jan, "Dois no céu" — A Guy Named Joe, "Evocação" — The White Cliffs of Dover, "E o amor voltou" — Together Again, "Passaram-se os anos" — Over 21, "Ana e o Rei do Sião" — Anna and the King of Siam, "Minha vida com papai" — LiLfe With Father, "A vida é um sonho" — I Remember Mama, "O garoto e a rainha" — The Mudlark, "Perdida de amor" — Never a Dull Moment, e "Fôlhas de ilusão" — It Grows On Trees. Não foi exibido (pelo menos no Rio) o filme de Irene, "Silver Cord". Então ganhou um belo autógrafo da "estrêla", no festival de São Paulo...?

★

A. LIMA — Pôrto Alegre — O título brasileiro de "Sullivan's Travels" foi "Contrastes humanos".

★

SABONETE
VALE QUANTO PESA
O sabonete das famílias!
GRANDE, BOM E BARATO!

KAREN SHARPE e LUC
MARLOW, novas beldad
do cinema de Hollywoo